

ENTRE LEMBRANÇAS  
E ESQUECIMENTOS:  
CONTAR A PRÓPRIA HISTÓRIA  
*Cláudia Engler Cury*



Artefato da sua sensibilidade e inteligência arrojadas, o Memorial de Cláudia Cury nos ensina, com um sortimento diverso de experiências e apropriações, sobre as principais ideias e correntes de pensamento em atuação no cenário político-acadêmico das décadas de 1980-1990, em São Paulo e em repercussão por quase todos os domínios universitários nacionais. Destaque para as leituras obrigatórias, impostas pelos professores e pelo ambiente intelectual, as disciplinas optativas como uma busca por ampliação e diversidade formativa, os modos de ser e sentir de comunidades e agrupamentos em meio aos desafios da contração política, a abertura para o espaço do sensível e a confluência de “todos os sonhos do mundo”.

Raimundo Barroso  
Cordeiro Jr.  
outubro de 2019



ENTRE LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS:  
CONTAR A PRÓPRIA HISTÓRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
REITORA: *Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz*  
VICE-REITORA: *Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira*

CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES  
DIRETOR: *José David Campos Fernandes*  
VICE-DIRETOR: *Ulisses Carvalho da Silva*



EDITORA DO CCTA-UFPB

CONSELHO EDITORIAL

*Carlos José Cartaxo*  
*Gabriel Bechara Filho*  
*José Francisco de Melo Neto*  
*José David Campos Fernandes*  
*Marcílio Fagner Onofre*

EDITOR

*José David Campos Fernandes*

SECRETÁRIO DO CONSELHO EDITORIAL

*Paulo Vieira*

LABORATÓRIO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO - COORDENAÇÃO: *Pedro Nunes Filho*

PRODUÇÃO GRÁFICA - COORDENAÇÃO: *José Luiz da Silva*

APOIO: *Martha Bezerra*

SUORTE TÉCNICO/ STI: *Mateus Oliveira*

WEB SITE: *Ana Magyar*

DIVULGAÇÃO: *Carlos Souza*

ITINERANTE: *Aguinaldo da Silva*

COLABORAÇÃO: *Lucas Guimarães*

ESTAGIÁRIO: *Rudah Guimarães*

CLÁUDIA ENGLER CURY

*Entre lembranças e  
esquecimentos:  
contar a própria história*

*Prefácio de*

*Raimundo Cordeiro Barroso Jr.*



*João Pessoa - PB  
2020*

Copyright © 2020 - Cláudia Engler Cury

**Capa (Layout):** Cláudia Engler Cury

**Capa (Arte Final):** Carla Mary S. Oliveira

**Programação Visual (concepção):** Cláudia Engler Cury

**Editoração Eletrônica:** Carla Mary S. Oliveira

**Revisão Ortográfica e Gramatical:** Antonio Carlos Ferreira Pinheiro e Carla Mary S. Oliveira

**Formatação dos Originais e Tratamento das Imagens:** Carla Mary S. Oliveira

**Ilustração da capa:** intervenção sobre etiqueta de caderno da Casa Almeida Marques & Cia., Rio de Janeiro, década de 1910 (acervo pessoal de Carla Mary S. Oliveira); foto de tecido (lombada) e papel marmorizado artesanal manufaturado por Carla Mary S. Oliveira, sob orientação de Maria Valéria Rezende no início da década de 2000, em João Pessoa.

**Foto da 2ª orelha:** Cláudia Engler Cury em sua Defesa Pública de Memorial de Professor Titular, em 16 ago. 2019, no Auditório I da Central de Aulas da UFPB (Foto de Eduardo Sebastião da Silva, acervo pessoal da autora).

**Impresso no Brasil - Printed in Brazil**

Efetuada o Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio.

A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

**Dados de Catalogação na Publicação**

**Biblioteca Central - UFPB - Universidade Federal da Paraíba**

C949e Cury, Cláudia Engler (1961- )  
*Entre lembranças e esquecimentos: contar a própria história.*/ Cláudia Engler Cury. - João Pessoa: Editora do CCTA-UFPB, 2020.  
ISBN livro impresso: 978-65-5621-091-9  
ISBN eBook [formato PDF]: 978-65-5621-090-2  
128 p.: il. (p&b/color.) - inclui notas e referências.  
  
1. Educação - Grau Acadêmico: Professor Titular 2. Educação - Memorial Acadêmico. I. Cury, Cláudia Engler.  
  
UFPB/ BC CDU 378.22

**Editora do Centro de Comunicação, Turismo e Artes – CCTA**

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

CEP 58.051-970 – Paraíba – PB – Brasil

Fone: + 55 (83) 3216-7200 – E-mail: editora@ccta.ufpb.br

Web Site: <<http://www.editoradoccta.com.br/>>

*“Sempre que falamos de nós há a tentativa de controlar a memória, de modo que o passado se adeque ao presente.”*

*Roger Chartier,  
Recife, Instituto Ricardo Brennand,  
23 de julho de 2019.*





*Dedico esse livro - memorial:*

*Aos meus contemporâneos dos anos de 1980  
que acreditaram e continuam lutando  
por um Brasil com justiça social!*

*E aos meus professores de todos os níveis  
de minha formação agradeço tudo o que me  
ensinaram e tudo o que pude aprender com eles.*



# SUMÁRIO

<i>Lista de Imagens</i> .....	11
<i>Prefácio, por Raimundo Barroso Cordeiro Júnior</i> .....	15
<i>Agradecimentos</i> .....	19
<i>Pra início de conversa - Nascer entre livros: memórias e tradição familiar</i> .....	21
1. <i>Formação acadêmica múltipla: Ciências Sociais e História</i> .....	33
1.1 <i>O Curso de Ciências Sociais (1981-1984)</i> .....	33
1.2 <i>As primeiras incursões como professora</i> .....	40
1.3 <i>Graduação em História (1990 - 1996); Mestrado em Educação (1995-1997) e Doutorado em Educação (1999-2002)</i> .....	45
2. <i>Vida profissional No Mundo Privado: a docência</i> .....	49
2.1 <i>Aulas de história no ensino fundamental e médio (Maceió e Campinas)</i> .....	49
2.2 <i>Aulas no ensino superior: Maceió, Ouro Fino, Americana e Indaiatuba</i> .....	53
3. <i>O Mundo Público - a Universidade Federal da Paraíba: docência, extensão e pesquisa</i> .....	59
3.1. <i>De como me tornei historiadora da educação: grupos de pesquisa e organização de eventos</i> .....	71
3.2. <i>De volta ao universo dos livros: tipografias e livrarias</i> .....	88
4. <i>Uma Breve história da Casa Genoud: memórias revisitadas e narrativa histórica</i> .....	91
5. <i>Os leitores e suas apropriações</i> .....	103
5.1 <i>A casa Genoud: uma leitura do Memorial Acadêmico de Cláudia Engler Cury por Maria Inês S. Stamatto</i> .....	105
5.2 <i>As folhas dos livros e Cláudia: uma relação afetiva que começou na infância por Iranilson Buriti de Oliveira</i> .....	113

<i>5.3 Arguição de Memorial de Titularidade da Professora Cláudia Engler Cury por Carlos Eduardo Vieira .....</i>	<i>117</i>
<i>Referências .....</i>	<i>121</i>
<i>Publicações relacionadas ao GHENO .....</i>	<i>125</i>



# LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Foto de 1913, publicada em edição comemorativa da Casa Livro-Azul em 1951.....	23
IMAGENS 2 E 3: Exemplares da Coleção ENCICLOPÉDIA UNIVERSO E HUMANIDADE .....	24
IMAGEM 4: Livros do espólio cultural familiar, leituras da infância e primeira adolescência .....	25
IMAGEM 5: Entrada principal do Colégio Culto à Ciência, Campinas - SP .....	26
IMAGEM 6: Prédio principal do Colégio Culto à Ciência, Campinas - SP .....	27
IMAGEM 7: Página do velho caderno de receitas das aulas de Educação para o Lar no Colégio Culto à Ciência, Campinas - SP .....	28
IMAGEM 8: Carteira estudantil da autora na Unicamp, ano de 1982 .....	33
IMAGEM 9: Assembleia Estudantil na Unicamp, início dos anos de 1980 .....	34
IMAGEM 10: Casa de Peter Fry na Vila Industrial em Campinas - SP, 1982 .....	38
IMAGEM 11: A autora e Daniela Cestarollo, Casa de Peter Fry, Campinas - SP, 1982 .....	38
IMAGEM 12: A autora caminhando próximo à sede da Fundação Ruralista, interior do Piauí, verão de 1983 .....	41
IMAGEM 13: Parte do grupo de jovens professoras leigas que recebiam a formação ministrada no interior do Piauí, verão de 1983 .....	41
IMAGEM 14: Uma das escolas no sertão do Piauí sob a responsabilidade da Fundação Ruralista do Padre Lira, verão de 1983 .....	42
IMAGEM 15: Fachada da Escola Infantil e Berçário na R. Camargo Paes, Campinas - SP, 1985 .....	44
IMAGEM 16: Alunos da Escola Infantil e Berçário na R. Camargo Paes, Campinas - SP, 1985 .....	44
IMAGEM 17: Capa da tese de doutorado da autora, publicada pela Editora Universitária da UFPB em 2013 .....	48
IMAGEM 18: Feira de Ciências no Colégio Guido de Fontgalland, entre os anos de 1987-1989 .....	50
IMAGEM 19: Um dos estudos do meio às cidades históricas as Minas Gerais, em frente à Igreja do Rosário dos Pretos, em Outro Preto, numa das viagens realizadas entre os anos de 1995 e 1998 .....	52

IMAGEM 20: Estudantes fazendo anotações durante estudo do meio na cidade de Tiradentes, em frente à antiga Câmara Municipal, numa das viagens realizadas entre os anos de 1995 e 1998 .....	53
IMAGEM 21: Detalhes da exposição Memórias Escolares (FAM). Entre os anos de 1999-2003 .....	56
IMAGEM 22: Detalhes da exposição Memórias Escolares (FAM). Entre os anos de 1999-2003 .....	56
IMAGEM 23: Trabalho de campo na antiga Estação Ferroviária de Americana/SP .....	57
IMAGEM 24: Cerimônia de Abertura do Curso de História para os Movimentos Sociais do Campo, Auditório do CCHLA, 2004 ....	62
IMAGEM 25: Primeira reunião da equipe de professores e representantes dos movimentos sociais do campo, CCHLA-UFPB, 2004 .....	62
IMAGEM 26: Atividade com os estudantes na Pedra do Ingá/PB, 2005 .....	63
IMAGEM 27: Primeira turma de estudantes do PEC/MSC a caminho da atividade na Pedra do Ingá, 2005 .....	63
IMAGEM 28: Churrasco no local do alojamento onde ficavam os estudantes quando estavam em João Pessoa, 2005 ....	64
IMAGEM 29: No PPGH/UFPB com a professora Regina Célia Gonçalves e a secretária Virgínia Régis Kyotoku .....	66
IMAGEM 30: Primeira turma do PPGH/UFPB em churrasco de confraternização, em 2006 .....	66
IMAGEM 31: O professor Sidney Chalhoub, em conversa com os mestrandos do PPGH-UFPB, abril de 2008 .....	67
IMAGEM 32: A autora com as professoras Carla Mary Oliveira e Ângela de Castro Gomes e seu esposo em junho de 2009 .....	67
IMAGEM 33: Professora Ângela de Castro Gomes em atividade com os mestrandos do PPGH/UFPB em junho de 2009 ....	68
IMAGEM 34: A autora e as professoras Regina Célia Gonçalves e Hebe Mattos no ponto extremo oriental das Américas, na cidade de João Pessoa, em 2008 .....	68
IMAGEM 35: Mesa redonda “O Olhar Estrangeiro - Viagens e Viajantes no Império Brasileiro” .....	69
IMAGEM 36: Lançamento da edição n. 22 da Saeculum, com o dossiê “História e História da Educação”, organizado pela autora e pelo professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, em foto de 2011 .....	70
IMAGEM 37: Capa do CD-ROM organizado pela autora e pelo professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, publicado pela SBHE e pelo INEP .....	72

IMAGEM 38: Mesa redonda do I seminário da Linha de HE/PPGE .....	74
IMAGEM 39: Uma das reuniões realizadas durante o EPENN 2009, com diversos colegas de IES das regiões Norte e Nordeste que pesquisam na área de História da Educação .....	75
IMAGEM 40: Mauricéia Ananias e a autora no encerramento do Encontro dos Vinte Anos do HISTEDBR -PB em João Pessoa/PB, 2012 .....	75
IMAGEM 41: Auditório da Reitoria - encerramento do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil": Mauricéia Ananias e Raimundo Barroso Cordeiro Junior, 2012 .....	76
IMAGEM 42: Secretária do Encontro dos 20 anos do HISTEDBR -PB .....	76
IMAGEM 43: Cartaz de divulgação do I Encontro de História do Império Brasileiro, 2008 .....	78
IMAGEM 44: Conferência de Abertura do I Encontro de História do Império Brasileiro, com o Professor Dr. Manoel Salgado Guimarães, 2008 .....	78
IMAGEM 45: Encerramento do I Encontro de História do Império Brasileiro (2008), que contou com a presença da professora Diana Vidal (USP), como conferencista de encerramento .....	79
IMAGEM 46: Cartaz de divulgação do II Encontro de História do Império Brasileiro, João Pessoa, 2010 .....	79
IMAGEM 47: Folder de divulgação (páginas internas) do II Encontro de História do Império Brasileiro, João Pessoa, 2010 .....	80
IMAGEM 48: Encerramento da Conferência de Abertura no Auditório do centro de Ciências, Letras e Artes (CCHLA), 2010 .....	80
IMAGEM 49: Encerramento do Encontro: monitores do PPGH e PPGE (UFPB), 2010 .....	81
IMAGEM 50: Printscreen do site, ainda no ar, do IV Encontro de História do Império Brasileiro, realizado na UFRPE, em Recife, entre 25 e 27 de novembro de 2014 .....	81
IMAGEM 51: Encerramento do seminário interno dos grupos de pesquisa do Oitocentos da UFPB, agosto de 2013 .....	82
IMAGEM 52: Descontração com os colegas na abertura do III CBHE, em Curitiba .....	85
IMAGEM 53: A autora apresentando o professor Roger Chartier antes de sua conferência, na abertura do IX CBHE, João Pessoa, agosto de 2017 .....	86



IMAGEM 54: A autora e o professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro em atividade de organização durante o IX CBHE, João Pessoa, agosto de 2017 .....	87
IMAGEM 55: Mesa de posse da nova diretoria da SBHE (biênio 2017-2019) durante o IX CBHE, João Pessoa, agosto de 2017 .....	87
IMAGEM 56: Capa da coletânea resultante do III Encontro de História do Império Brasileiro, realizado em São Luís, na UFMA, em 2014 .....	89
IMAGEM 57: Foto de 1903, mostrando a casa comercial Au Monde Elegant .....	93
IMAGEM 58: Fachada da Casa Genoud em 1922 .....	93
IMAGEM 59: Foto da mesma esquina em 2014 .....	94
IMAGEM 60: Nota recordando a variedade de serviços ofertados na Casa Genoud e o estabelecimento que a precedeu .....	94
IMAGEM 61: Anúncio da Casa Genoud publicado na imprensa campineira do início do século XX .....	95
IMAGENS 62 e 63: anúncios da Casa Genoud publicados em periódicos de Campinas no final do século XIX .....	95
IMAGEM 64: Cartão postal de origem francesa, sem data, que era vendido na Casa Genoud .....	97
IMAGEM 65: Ex Libris da Casa Genoud .....	98
IMAGEM 66: Cartão postal mostrando o interior da Casa Genoud, final do século XIX ou início do século XX .....	99
IMAGEM 67: Cartão postal mostrando as oficinas tipográficas da Casa Genoud, final do século XIX ou início do século XX .....	99



## PREFÁCIO

**N**em mesmo se passaram 10 anos e já se consagrou no meio acadêmico das universidades federais brasileiras uma invenção das mais frutuosas. Essa invenção do bem é a classe de professor Titular, criada pelas leis 12.772/2012 e 12.863/2013, que dispõem sobre a estruturação do Plano de Carreiras e Cargos de Magistério Federal, para a qual estão aptos os docentes doutores, que tenham completado o interstício de 2 anos, ocupando a classe de Associado, nível 4.

Incorporada às tradições seculares dessas instituições que se consagram ao culto do conhecimento em todas as suas formas canônicas e profanas, seus resultados têm se revelado dos mais alvissareiros para o autoconhecimento institucional e profissional da docência no ensino superior público em nosso país. Os ritos e a liturgia estão sendo aprendidos e apreendidos pelos oficiantes acostumados às reverências aos modos particulares da razão e infensos aos afagos da sensibilidade.

Para além do obsequio aos legítimos interesses corporativos, a inclusão da categoria de Professor Titular no interior da carreira docente, em consequência das exigências regulamentadas para esse tipo de progressão, deu origem a uma nova modalidade de escrita acadêmica a um novo tipo de ritual de passagem: a produção e apresentação de um Memorial Acadêmico.

Embora o Memorial seja um gênero literário conhecido, especialmente entre diplomatas, escritores, contadores e pleiteantes a cargos no serviço público e vagas na iniciativa privada, pouco dele se utiliza no cotidiano universitário, considerando outros estilos mais frequentes, tais como a dissertação, o ensaio, a crônica e o relatório. Alçado à condição de requisito obrigatório para fins de obtenção da promoção à categoria de Titular, em pouco tempo, deixou

*de ser uma obrigação burocrática para se tornar uma peça literária, um documento profissiográfico, um relato prosopográfico, uma narrativa autobiográfica, uma escrita de si.*

*Diante de todas essas possíveis modulações, certamente seus conteúdos podem servir, no presente e servirão no futuro, à pesquisa histórica sobre a profissão, para a história das ideias, da cultura, da intelectualidade, da cultura e da forma escolar. Portanto, em decorrência dessa natureza multifacetada e abundante extensão de uma multiplicidade de fluxos significantes, a própria academia se encarregará de torná-lo “objeto de estudo” para muitas de suas práticas cientificamente conduzidas. As ciências sociais e humanas deles se valerão grandemente para o aprofundamento de suas investigações sobre a elaboração, circulação e apropriação do conhecimento acadêmico.*

*Ao se transmutar e transpor-se desses modos, esse construto intelectual se apresenta como narrativa do vivido, como se um ato de contar a si, aos outros e o mundo circundante hic et nunc. A uniformidade do narrado e seu registro pela e na escrita, torna o texto um documento e, enquanto tal, exposto a toda sorte de intervenções, inclusive aquelas de natureza crítica filológica e historiográfica. Tanto quanto, o Memorial torna-se um monumento, na medida e proporção em que é composto por um conjunto de experiências herdadas do passado. Neste sentido, pode ser tomado tanto como um legado à posteridade, como um instrumento propedêutico, porquanto narra não somente o percurso de uma vida, mas de muitas outras vidas que se entrelaçaram em uma história particular no seio das coletividades presentes.*

*O narrador e toda sua força mística e emancipatória, como concebido por Walter Benjamin, constituiu-se no ato mesmo de narrar o outro e a si mesmo, enquanto sua existência integral é recriada. Fica, pois, estabelecido que a narrativa permite conhecer a nós mesmos e aos outros, comunicando uma maneira própria de transmitir estas experiências, posto que se institui como uma construção de significados para existência do eu e do outro nos limites de sua historicidade.*

*Feito com primor estético - a encadernação, a tipologia das fontes, as ilustrações, a argúcia vernacular -, cuidado ético - as pessoas, os lugares, as experiências, os conceitos, os sonhos -, e rigor científico - a formatação, as notas, as remissões, as referências, os apports, o Memorial Acadêmico*

da professora e pesquisadora Cláudia Engler Cury não foge aos preceitos de outrora e às iluminações de agora. Nem àqueles deveras conhecidos ditames da razão, nem às recentes seduções da afetividade.

Artefato da sua sensibilidade e inteligência arrojadas, o Memorial de Cláudia Cury nos ensina, com um sortimento diverso de experiências e apropriações, sobre as principais ideias e correntes de pensamento em atuação no cenário político-acadêmico das décadas de 1980-1990, em São Paulo e em repercussão por quase todos os domínios universitários nacionais. Destaque para as leituras obrigatórias, impostas pelos professores e pelo ambiente intelectual, as disciplinas optativas como uma busca por ampliação e diversidade formativa, os modos de ser e sentir de comunidades e agrupamentos em meio aos desafios da contração política, a abertura para o espaço do sensível e a confluência de “todos os sonhos do mundo”.

A par disso, agora posto ao conhecimento público ampliado, maior ainda será o alumbramento que causarão o(a) leitor(a) as passagens que relatam o confronto dinâmico entre os elementos da realidade objetiva e as percepções subjetivas da narradora. Quando os mais atentos perceberem que os afetos e as emoções estão em toda parte, envolvem os afazeres cotidianos da profissão, os mecanismos do espírito e toda a gente retratada nas linhas de memória da autora, mais intenso será o deslumbramento. Em uma palavra, todos saberão que com isso aprendemos a sentir e sentimos o aprendido na celebração do conhecimento em meio ao círculo de contação que se forma em torno da figura que nos conta, em todos os sentidos possíveis. Feito isso, fiquemos certos de que somente uma grande mestra é capaz de realizar tão veementes e extensos encantamentos.

Mas, é preciso ressaltar, desde o início da sua caminhada, o caminho de volta estava definido por uma escolha existencial e, certamente, existencialista: os outros e o eu em busca da autenticidade. A preocupação de por em relevo a preponderância do coletivo, - a família de livros, a amizade de leituras, a docência precoce para potenciais leitores; a democracia como valor universal, - a denúncia contra a ditadura, os direitos sob a égide da liberdade de escolha, a contracultura no confronto com o autoritarismo; a sacralidade do outro no altar das utopias - a “vida em grupo”, a sociedade alternativa, a perambulação às lonjuras do Brasil “sem rádio e sem notícias das terras civilizadas”

*e as viagens às profundezas do mundo interior. Toda essa imensidão de coisas, suas bagagens, suas paragens, suas sandálias gastas ou abandonadas em muitas estações são portais cuja sinalização aponta para uma trajetória tal qual Janus, deus dos inícios, das decisões, das escolhas, enfim dos começos e das transições. O passado e o futuro nas faces do deus como sinal para quem procura olhar dentro e além da história.*

*Constatado o virtuosismo expositivo e a disposição dos imperativos ordenadores das escolhas conscientes, de todas essas riquezas estilísticas e historiográficas no Memorial Acadêmico da professora Cláudia Cury, bem como as marcas definitivas no gesto e na postura no ato de contar (narrar), é preciso ainda destacar: embora todo o tecido dessa narrativa esteja em si muito bem urdido, não se pode deixar de aludir a presença imperiosa e capital do esquecimento na desafiadora tarefa da memória de alcançar as lembranças que viabilizem uma escrita de si. Contudo, longe de ser uma ausência premeditada, talvez seja aqui e ali, enfim, seja mesmo a condição que qualifica a relação intrincada nos eixos da existência humana. Por fim, o texto, e mais ainda a apresentação oral das suas memórias de academia, instiga-nos a pensar na filosofia a marteladas de Nietzsche, especialmente o vaticínio nas suas Considerações Extemporâneas: “É possível viver, mesmo viver feliz, quase sem nenhuma memória, como o demonstra o animal; mas é absolutamente impossível viver sem esquecimento”.*

*Mas isso é uma outra história.*

*Raimundo Barroso Cordeiro Júnior  
João Pessoa, 12 de outubro de 2019.*



## AGRADECIMENTOS

*Os agradecimentos que proferi durante a defesa pública de meu memorial acadêmico são agora redesenhados para a versão livro acolhendo os que não puderam estar presentes naquela ocasião, mas que fizeram parte de minha vida pública e privada e que de alguma forma me ajudaram na construção dessa narrativa.*

*Agradeço a leitura generosa e instigante de meus colegas da Banca Examinadora por ocasião da versão memorial acadêmico: Inês Stamatto, Carlos Eduardo Vieira, Iranilson Burity e Raimundo Barroso Cordeiro Júnior que, além de presidir a seção de defesa pública, se prontificou a prefaciar esse livro! Muito obrigada também pelo afeto trazido por meio das palavras que proferiram!*

*Aos meus orientandos dos vários níveis de acompanhamento das pesquisas acadêmicas agradeço porque possibilitaram que eu me tornasse orientadora! Não é possível nomeá-los todos, mas, sintam-se abraçados e publicamente expresse minha eterna gratidão!!! Muitos de vocês se tornaram também meus amigos e parceiros de trabalho! Se há algum legado para deixar, espero que sejam os princípios éticos e de retidão na condução da vida acadêmica que sempre me guiaram!*

*Aos meus colegas e amigos do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, do Programa de Pós Graduação em História (PPGH), da Linha de Pesquisa em História da Educação do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e dos dois grupos de pesquisa HISTEDBR-PB e Grupo de Pesquisa em História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO) dos quais faço parte - agradeço a parceria ao longo dos anos e apesar dos tempos difíceis que vivemos - continuo acreditando no trabalho coletivo! Obrigada!!!*

*Um agradecimento a uma pessoa muito querida e*

*especial! Geraldo, nosso secretário do PPGH - Obrigada pela parceria especialmente em tudo o que envolveu o 9CBHE e pela gentileza, delicadeza e carinho no trato cotidiano que tem tornado a vida acadêmica menos áspera! Geraldo obrigada!*

*À Carla Mary, que sempre viabilizou meus desejos estéticos e criações para os eventos, os textos, as revistas, os artigos, para os livros e pela linda forma que encontrou de me presentear com encadernações manufaturadas com papéis lindíssimos. Carla, obrigada pela amizade e fraternidade de sempre!*

*Aos meus familiares - representados por nossa matriarca, D. Genny, e minhas irmãs, Vera e Clarice, que dividiram com nossa mãe os cuidados com a prole. Obrigada meninas, por fazerem parte da minha história e por formarmos um trio imbatível de fraternidade e carinho.*

*A Hernaninho - cunhado - que nos acompanha de longa data e ao Walter, também meu cunhado, que está em nossas vidas faz muito tempo - te considero como meu irmão de coração! Agradeço a ambos o afeto por nossa história familiar.*

*Aos meus sobrinhos Daniela, Felipe, Guilherme e os que adquiri com o coração: Adriana e Gui da Dani. Vocês mesmo de longe me fazem a tia mais feliz do mundo. A Carol, minha sobrinha neta que trouxe novas cores a essa velha família. Obrigada, meus amores!*

*Os meus amigos - esses sempre foram o centro de minha vida e os meus agradecimentos carregam cores fortes. Aos que compartilharam as emoções da defesa: Ricardinho, Karlos, Alberto, Olivier, Mauricéia, Ângela e Tonha - amiga que o tempo me trouxe de volta! Obrigada pela presença e carinho!*

*Meus agradecimentos aos que não puderam vir, mas que torceram por mim: Dinda, Cláudia Denardi, Fátima, José Carlos, Luciana Fují, Luzimar e Emília Amaral - ao nomeá-los agradeço a todos os amigos que fui conquistando ao longo da vida!!!*

*Agora chegou a hora de agradecer ao companheiro que a vida madura me deu: exigente, rigoroso, me ensinou como me portar no mundo acadêmico e que tenta equilibrar meu lado barroco e dramático!*

*Antonio, obrigada por tudo!!!!*



# PRA INÍCIO DE CONVERSA - NASCER ENTRE LIVROS: MEMÓRIAS E TRADIÇÃO FAMILIAR

**O** que chega às mãos dos leitores é a versão modificada de meu memorial acadêmico, agora em formato de livro. Compartilhar com um número maior de leitores a produção dessa narrativa abre a possibilidade de enfrentamento dos desafios da escrita de si, percorrendo os caminhos incertos das memórias, da história e das apropriações das leituras.

Nesse sentido, início pela experiência de ter lido e assistido a muitas defesas de memoriais. Ficava sempre pensando que a minha criatividade se esgotaria quando fosse a minha vez de fazê-lo porque apreciava muito a forma como os colegas e amigos tinham organizado suas trajetórias acadêmicas.

Sem a pretensão de explicar racionalmente o motivo, uma imagem me era recorrente, quando pensava em meu próprio memorial. Dessa forma, inspirada por essa imagem que se relacionava com as casas em que vivi toda a minha infância e vida escolar, resolvi dedicar a ela as primeiras linhas desta escrita.

Nascida em uma família de cinco filhos de uma professora de português e de um engenheiro agrônomo, cresci em espaços domésticos cujos respectivos quartos de dormir eram compostos por camas, uma escrivaninha e uma estante de livros. Coleções de vários tipos povoaram todas as casas que habitamos em Itapetininga onde nascemos eu e meus irmãos e depois em Campinas, a partir de 1968. Essas coleções de livros, enciclopédias e dicionários de língua portuguesa e de línguas estrangeiras eram compradas muitas vezes dos vendedores que batiam às portas das residências e eram recebidos com entusiasmo pelas famílias de classe média cujo “bem maior era a educação dos filhos” - frase que meus pais reafirmaram a vida toda!

Dentre essas coleções destacaria os volumes da



*Enciclopédia Barsa<sup>1</sup> em encadernação vermelha que eram consultados para os trabalhos escolares.*

*A tradição familiar ligada ao universo dos livros remonta a história de meu avô materno, Henrique Engler Filho, que foi sócio gerente de uma livraria e papelaria chamada Casa Genoud, e das lembranças de minha mãe sobre a sua relação com esse espaço de leitura, na cidade de Campinas no início do século XX. Muito tempo depois reencontrei esse mundo dos impressos e das livrarias, que se tornou parte significativa de meus interesses de pesquisa e que voltarei a tratar ao final deste texto.*

*A seguir uma das imagens que redescobri por ocasião da pesquisa sobre a Casa Genoud e que foi guardada por minha mãe. A imagem refere-se ao primeiro emprego de meu avô, ainda jovem, em uma das tipografias, papelarias e casa de comércio de pianos e instrumentos musicais que fez parte do universo dos chamados mediadores culturais - livreiros e tipógrafos comuns já na segunda metade do século XIX e início do século XX em várias cidades brasileiras, conforme indicaram as pesquisas, incluindo Campinas/SP.*

---

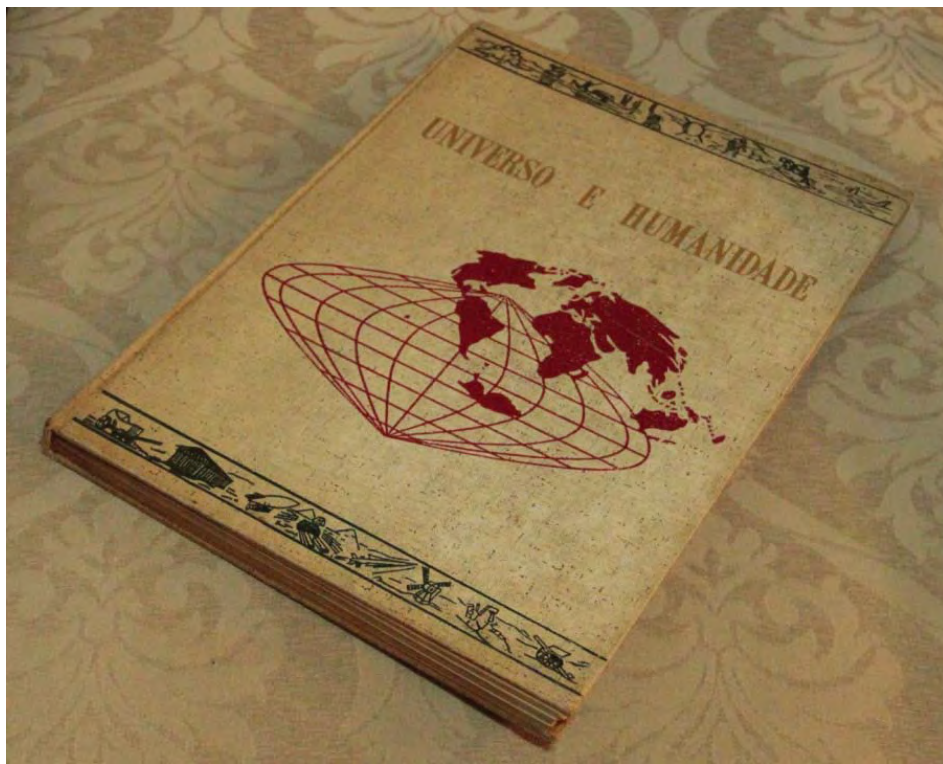
<sup>1</sup> Com a primeira edição lançada em março de 1964, a *ENCICLOPÉDIA BARSÁ* teve sua última edição em 2010, quando vendeu apenas oito mil cópias - número quinze vezes menor que os cento e vinte mil vendidos em 1990. Idealizada em 1959, por Dorita Barrett, herdeira da família Barrett, detentora da *ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA*, a *BARSÁ* foi a primeira enciclopédia brasileira, desenvolvida por um corpo editorial brasileiro formado, dentre outros ilustres, pelo enciclopedista e tradutor Antonio Houaiss, o escritor Jorge Amado, o arquiteto Oscar Niemeyer e o jornalista e escritor Antonio Callado como o redator-chefe da primeira edição. O nome *BARSÁ* é uma combinação entre os sobrenomes do casal Dorita Barrett (Bar) e seu marido, o então diplomata brasileiro, Alfredo de Almeida Sá. Até então, no mercado brasileiro só era possível encontrar enciclopédias em inglês, alemão ou francês. Dorita, vivendo no Brasil, recusou a ideia de promover uma tradução, para o português, do original (a *ENCICLOPÉDIA BRITÂNICA*). A leva inicial, de 45 mil exemplares, esgotou-se em oito meses. Pelas pesquisas que fiz por meio das capas disponíveis para venda no Mercado Livre, posso dizer que a edição de minha casa foi a do ano de 1968.



IMAGEM 1: Foto de 1913, publicada em edição comemorativa da Casa Livro Azul em 1951, anotada à mão por Henrique Engler Filho, o rapaz de branco à porta do estabelecimento comercial (acervo pessoal da autora).

*A ambiência dos livros foi uma constante em minha infância, ouvi várias vezes o grande feito de minhas irmãs mais velhas por terem lido toda a coleção de livros de Monteiro Lobato durante um período de suas férias ao sabor de um chocolate bastante comum à época - Diamante Negro!!! História familiar que sempre me deixava em débito com essa carga de leitura nunca alcançada por meus olhos míopes!*

*As imagens que se seguem são uma pequena amostra dessas coleções a que me refiro e foi a parte que me coube da divisão do espólio cultural da família.*



IMAGENS 2 e 3: Exemplar da Coleção, de três volumes, da ENCICLOPÉDIA UNIVERSO E HUMANIDADE. Era uma de minhas coleções favoritas, porque tratava especificamente de assuntos históricos (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 4: Os livros do espólio cultural familiar, leituras da infância e primeira adolescência (acervo pessoal da autora).

*O desejo de imitar as duas irmãs - Clarice e Vera - que já tinham vida escolar adiantada, fez com que eu insistisse em ir para a escola mais cedo que o previsto para as crianças nascidas em 1961, vontade que foi atendida pelos meus pais. Ingressei aos cinco anos no jardim da infância, ainda em Itapetininga - no prédio anexo ao Peixoto Gômide<sup>2</sup>. Lá fui acolhida e nunca me esqueci do carinho e do cheiro do perfume de minha primeira professora, Dona Leda. Em 1968 nos transferimos para Campinas porque, segundo entendimento de meus pais, precisavam garantir aos filhos uma escolarização mais qualificada e oferecer outras oportunidades para a nossa formação superior.*

*Na mudança para Campinas, terra de minha mãe, fui matriculada no pré-primário do Colégio Coração de Jesus, tradicional instituição confessional, e alfabetizada pelo método Montessori<sup>3</sup> - uma inovação para a época. Não*

<sup>2</sup> A história da Escola Peixoto Gômide - onde minha mãe foi professora de português e minhas irmãs alunas - remonta ao século XIX, quando foi criada a primeira Escola Complementar do Estado de São Paulo em 1897 e que foi transformada em Escola Normal Peixoto Gômide em 1911. O Jardim da Infância que mencionei fazia parte do complexo escolar e era o local onde as normalistas praticavam suas aulas. Ver mais sobre a história dessa escola em Bertolai (2018).

<sup>3</sup> Maria Montessori (1870-1922) nasceu em 31 de agosto de 1870 na cidade de Chieravale, na Itália. Primeira mulher a se formar

terminei as primeiras séries dessa fase escolar no referido Colégio por incompatibilidades entre meu pai - um agnóstico convicto - e os preceitos da escola confessional. Adentrei ao universo da escola pública e completei a quarta série na Escola de Primeiro Grau Castorina Cavalheiro. Depois me preparei com um professor particular, o senhor Nelson, para prestar o exame de admissão e conseguir uma vaga em uma das escolas públicas mais concorridas da cidade de Campinas: o Colégio Culto à Ciência<sup>4</sup>. Lá cursei todas as séries do chamado primeiro grau (da quinta à oitava série) e o ensino médio completo.

A seguir duas imagens do Colégio Culto à Ciência:



IMAGEM 5: Entrada principal do Colégio Culto à Ciência, situado à rua com o mesmo nome (acervo pessoal de Antonio Carlos Ferreira Pinheiro).

---

em Medicina em seu país, logo se interessou pelos mecanismos de desenvolvimento do aprendizado infantil. Em uma época em que a educação era marcada por rigidez e até mesmo castigos físicos, Montessori mudou os rumos da educação tradicional ao incentivar o desenvolvimento do potencial criativo desde a primeira infância, elaborando e aperfeiçoando técnicas de aprendizagem que procuravam inter-relacionar e harmonizar atividade, liberdade e individualidade. Em 1907 criou a primeira “Casa dei Bambini” (Casa das crianças) e nos anos 1940 seu método se difundiu pelo mundo. Disponível em: <https://www.infoescola.com/pedagogia/metodo-montessoriano/>. Acesso em: 21 jun. 2019.

<sup>4</sup> Ver mais sobre a História do Colégio Culto à Ciência em Cantuária (2000) e Moraes (2006).



IMAGEM 6: Prédio principal do Colégio Culto à Ciência (acervo pessoal de António Carlos Ferreira Pinheiro).

*Aquí cabe uma lembrança que considero significativa dos tempos do Culto à Ciência, porque até hoje é motivo de riso e chacotas de minhas amigas feministas mais radicais: trata-se de uma disciplina que fazia parte do currículo escolar, denominada “Educação para o Lar”. Enquanto os meninos iam para a Oficina de Marcenaria aprender a cuidar da manutenção de suas futuras casas, as meninas faziam rodízio entre as artes de aprender a bordar, cozinhar, costurar, noções de puericultura e, pasmem, aprendíamos também a dominar as máquinas domésticas, no caso específico, a de lavar roupas. A sala era muito bem equipada e duas professoras pacientemente nos encaminhavam para a vida de uma futura dona de casa - perfeita! Guardo e gosto de executar, até hoje, as receitas de meu velho caderno onde eram registrados os pratos de doces e salgados devidamente aprovados por nossas queridas professoras.*

*A seguir páginas do velho caderno:*

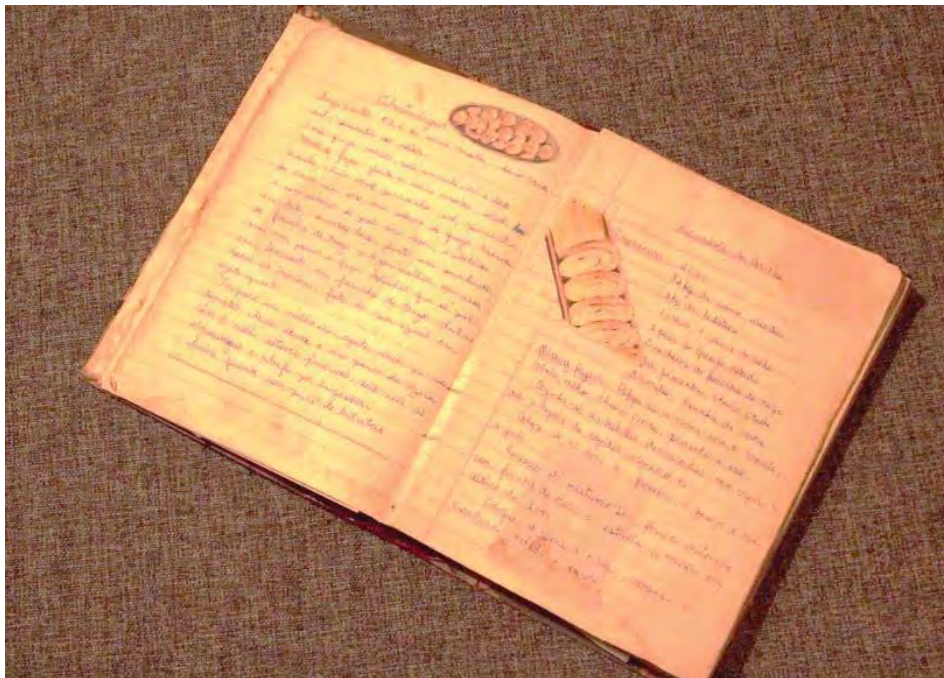


IMAGEM 7: Página do velho caderno de receitas das aulas de Educação para o Lar no Colégio Culto à Ciência (acervo pessoal da autora).

*Para encerrar essas memórias de infância relacionadas ao universo cultural da leitura e dos livros, lembro-me com carinho de minha avó paterna, professora de primeiras letras que, com o seu trabalho, conseguiu garantir os estudos de meu avô que se formou em Odontologia. Os cabelos brancos de Maria da Conceição Trindade, obrigada a permanecer quase todo o tempo deitada em virtude de uma enfermidade nas pernas, propiciou aos netos ouvi-la contar e dramatizar histórias infantis e cantarolar músicas em francês a pedido das crianças que se sentavam aos pés de sua cama. Essas memórias dos primeiros anos de escolarização e do contato com o mundo da leitura e da escrita me ajudaram a iniciar a escrita do memorial*

*Antes de ofertar aos leitores a narrativa escrita de minha trajetória acadêmica cabem algumas considerações sobre as fontes documentais e a organização temporal e espacial utilizadas para essa escrita.*

*Quanto à organização temporal e espacial, essa questão quase se tornou um dilema, e o formato que aqui se apresenta*

*foi surgindo naturalmente durante a escrita. Então porque o dilema? Porque os leitores não podem esperar uma linearidade absoluta.*

*Aproveito aqui para dialogar com uma provocação que me foi feita durante a arguição do memorial pelo Professor Carlos Eduardo Vieira:*

*A Claudia construída pela narradora me pareceu, em muitos momentos, muito predestinada, muito decidida a seguir um caminho. Talvez, afrouxar um pouco os horizontes da explicação racional, pudesse ter como efeito a construção de um personagem mais dividido, contraditório e movido, em parte, pelo acaso e pelos constrangimentos da vida.*

*Tendo a concordar com os efeitos não intencionais deixados pela organização e construção da escrita do passado para tecer a própria trajetória de vida. As seleções de memórias, certamente, ocultaram várias passagens e momentos de indecisão, só para dar um exemplo, deixei de registrar o fato de ter prestado na mesma época, vestibular para Direito na PUCAMP, ter sido aprovada, mas ter optado por cursar Ciências Sociais na Unicamp. As dúvidas surgidas no momento das escolhas dessa trajetória aparentemente forjada por um fio condutor seguro foram inúmeras. Teriam desaparecido do tecido das lembranças? Teriam deixado marcas de um determinismo inconsciente, mas me levam a pensar nos desafios da escrita de si? Perguntas que servem como alerta também aos historiadores mais experientes para saberem que será inevitável escorregar nas armadilhas do contar o seu próprio passado.*

*De certa forma, procurei corrigir os percalços de minha narrativa do passado acadêmico incluindo algumas reflexões a partir das arguições que foram realizadas no transcorrer da defesa deste memorial. Assim, visando contemplar aquelas dúvidas e/ou “provocações”, incluí ao final desse livro uma seção dedicada aos textos dos meus primeiros leitores - os arguidores.*

*Na perspectiva teórica e metodológica da História Cultural e da História das Sensibilidades que compartilho, entendo que as apropriações e leituras que as narrativas históricas permitem são a oportunidade de nos fazer repensar a escrita da história e nos fazer sair da errônea concepção de que um texto autoral não deixaria brechas*



para questionamentos e outros olhares. Portanto, os leitores terão a oportunidade de conhecer as leituras de Carlos Eduardo Vieira, Maria Inês Stamatto e Iranilson Burity, além de fazer as suas próprias.

Quanto às fontes documentais, começo pelos cadernos escolares que sempre foram uma paixão e, por isso, guardo comigo todos os que foram utilizados em minhas duas graduações, mestrado e doutorado. Os “velhos cadernos” foram consultados várias vezes, em busca de refrescar a memória em relação aos nomes dos professores, dos livros que foram lidos e das discussões devidamente anotadas durante as aulas. Anos depois essa paixão se tornou interesse de pesquisa já na Paraíba sob a inspiração dos estudos de Mignot (2008).

Além dos cadernos também consultei os documentos ditos oficiais das dez instituições privadas em que trabalhei ao longo de dezesseis anos e meio e que foram submetidos a novo rearranjo pelas necessidades impostas durante a escrita do memorial. Os documentos foram devidamente acomodados em pastas com as datas de início e fim dos vínculos empregatícios e as disciplinas ministradas em cada uma delas foram anotadas nessas capas.

As fotografias de meu acervo pessoal e, algumas delas, do acervo do professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro e da Professora Carla Mary Oliveira compuseram a construção narrativa, mas não foram tratadas como fontes documentais, pois mereceriam de minha parte, cuidados de cunho teórico e metodológico que não foram possíveis de serem efetivados até o fechamento desse livro.

Passo agora a descrever organização concebida para esse memorial. Em primeiro lugar conto a história de minhas escolhas no período de formação acadêmica, talvez a parte mais longa e difícil porque envolveu duas graduações diferentes e uma multiplicidade de aventuras e experiências vividas nos agitados anos de 1980 e 1990, no Brasil.

Na sequência trato da minha vida profissional dividida em muitos anos dedicados à atuação como professora no setor privado em várias cidades do interior do estado de São Paulo, Maceió/AL e Ouro Fino/MG. Em seguida, a minha vinda para a UFPB e os anos de serviço público e o desafio de tornar-me historiadora da educação dedicada aos estudos dos oitocentos, depois de ter concluído o doutorado em outra área.

Por fim, retomo ao universo dos livros, especialmente, sobre a história da CASA GENOUD, localizada na cidade de Campinas, fechando o ciclo de minhas pesquisas mais recentes e unindo os pontos entre as memórias da infância e os estudos da maturidade.

Acrescentei para a versão em formato de livro mais uma seção - Os leitores e suas apropriações - onde se pode acompanhar os textos que foram produzidos pelos arguidores do meu Memorial Acadêmico para serem publicados nessa oportunidade.

Considerarei importante ainda, no início dessa narrativa, fazer algumas ponderações acerca dos atos de rememorar, lembrar e esquecer que envolveram essa escrita. Persistiu ao longo da produção narrativa o dilema da HISTÓRIA - A ARTE DE INVENTAR O PASSADO, como diria Durval Muniz de Albuquerque Júnior em seu livro que leva esse mesmo título. Em um dos capítulos desse livro, “Íntimas Histórias: a amizade como método de trabalho historiográfico”, o autor escreve sobre Alcir Lenharo<sup>5</sup>, que tive a sorte de ter como professor no Curso de História na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Durval afirma que, segundo Lenharo, a produção historiográfica “era uma aventura carnal e afetiva, uma questão de sensibilidade mais do que de racionalidade. Porque fazer História implica em um corpo a corpo com o passado [...]” (2007, p. 213). E certamente quem já passou pela experiência de escrever um memorial deparou-se com esse enfrentamento. Segue Alcir Lenharo pelas mãos de Durval Muniz: “Praticar a História é praticar um especial tipo de solidão, aquela em que nunca se está sozinho, aquela solidão povoada por amigos, por cúmplices, por próximos, vivos ou mortos” (2007, p. 213).

A escrita do memorial produzida para fins acadêmicos e de ascensão funcional na carreira universitária e a obtenção do grau de professor titular configurou-se para mim como uma prática historiográfica nunca antes experimentada, digo isso pelo protagonismo<sup>6</sup> que se impôs à historiadora

<sup>5</sup> Maria Clementina Pereira Cunha escreveu para o Caderno Mais! da Folha de S. Paulo em 01 de setembro de 1996, em O afeto de um olhar para a história: “Quase dois meses após a morte de Alcir Lenharo (1946-1996), ocorrida no dia 7 de julho, ainda é difícil escrever esta despedida. Mais que falar do amigo, devemos a ele um balanço da contribuição que ofereceu aos historiadores distraídos em relação a temas fundamentais da história cultural do país [...]”.

<sup>6</sup> Lembrando que protagonismo é o processo de protagonizar, de ser o protagonista, o figurante principal de uma apresentação. Deriva

*e, ao mesmo tempo, pelas delícias de lembrar, relembrar e esquecer partes do passado. Seleção que, ao mesmo tempo, foi proposital e, algumas vezes, nem tanto. Remexer papéis, fotografias, documentos sobre a minha própria história me levou também aos autores e livros que li ao longo da vida.*

*Nesse sentido, termino a introdução do memorial, acompanhada por Jeanne Marie Gagnebin, professora inesquecível que me fez conhecer Walter Benjamin, autor que me acompanhou nas discussões da tese de doutorado. Ele soube apresentar os dilemas do NARRADOR, da perda da AURA do contar, no processo histórico da consolidação do mundo contemporâneo. Em seu livro LIMIAR, AURA E REMEMORAÇÃO - ENSAIOS SOBRE WALTER BENJAMIN (2014, p. 30), Jeanne Marie afirma: “Escrevo também para enterrar talvez o meu próprio passado, para lembrá-lo e, ao mesmo tempo, dele me livrar”. Penso que a escrita do memorial acadêmico é uma espécie de acerto de contas com esse passado e um ato de liberdade e libertador. Agora deixo aos leitores as apropriações que certamente farão durante suas leituras da construção de minha narrativa escrita.*



---

*do grego PROTAGONISTES, onde “protos” significa principal ou primeiro e “agonistes” significa lutador ou competidor, portanto envolve certo conflito ou tensão. Disponível em: <https://www.significados.com.br/protagonismo/>. Acesso em: 04 jul. 2019.*

# 1. FORMAÇÃO ACADÊMICA MÚLTIPLA: CIÊNCIAS SOCIAIS E HISTÓRIA

## 1.1 O CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (1981-1984)

*Os anos oitenta ficaram assim retidos em minhas memórias: em 1980 prestei o exame vestibular da Fuvest e em 1981 recebi o Registro Acadêmico (RA) 810180, de entrada no Curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), conforme atesta a foto da carteira estudantil a seguir:*



IMAGEM 8: Carteira estudantil do ano de 1982, a de 1981 não foi localizada (acervo pessoal da autora).

Logo no primeiro ano do curso, estudantes e professores de toda a Universidade vivenciaram os enfrentamentos relativos às intervenções do regime militar na vida acadêmica. Na imagem a seguir é possível ver todos os andares do prédio do Ciclo Básico da Unicamp ocupados por jovens dispostos a reagir e lutar contra as arbitrariedades do regime. À época as pernas firmes e jovens me levaram ao telhado do prédio, local escolhido para participar desse ato coletivo de resistência.



Manifestação contra a intervenção na Unicamp, em 1981, no Ciclo Básico: medida gerou onda de protestos na Universidade

IMAGEM 9: Antoninho Perri Siarq/ Unicamp.

Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/592/passado-limpo>

No caso do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), houve forte mobilização para impedir a entrada do professor Paulo de Toledo Artigas (biólogo), que foi nomeado interventor para o cargo de Diretor do Instituto... eram os últimos suspiros do regime militar.

Na disciplina de Estudos dos Problemas Brasileiros (EPB), que ainda vigorava nos currículos universitários, não tivemos aulas com os militares porque já era possível transgredir e, dessa forma, vários professores das mais diversas áreas da Universidade ministraram suas aulas, o que resultou em uma gama de palestras e discussões que acalentaram os nossos sonhos de um Brasil que se reinventava.

No primeiro ano na Unicamp cursávamos as disciplinas do chamado Ciclo Básico, e foi por meio desse formato que tive contato com o pensamento crítico do economista João Manuel Cardoso de Mello<sup>1</sup> e às questões ligadas à violência com Paulo Sérgio Pinheiro<sup>2</sup>, dentre muitos outros professores que me permitiram uma visão mais ampla sobre os anos ditatoriais no Brasil e na América Latina.

---

<sup>1</sup> Graduou-se em Direito, ainda como estudante iniciou o curso de Ciências Sociais na USP. Após se formar, realizou o curso do convênio BNDE-CEPAL. Trabalhou no Banco Mercantil de São Paulo, de onde saiu a convite do professor Zeferino Vaz para ser docente na recém-criada Unicamp, onde foi fundador do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Na Unicamp, em 1975, defendeu a tese *O capitalismo tardio*, que se transformou em livro de mesmo título. Foi assessor técnico da Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo e Ministro Interino do Ministério da Fazenda. Fundou a Facamp (Faculdades de Campinas), juntamente com os economistas Luiz Gonzaga Belluzzo de Mello, Liana Aureliano e Eduardo da Rocha Azevedo, onde exerce o cargo de Diretor Geral (Acesso ao Currículo Lattes em: 12 jun. 2019).

<sup>2</sup> Possui graduação em *Licence en Sociologie* - Université de Vincennes, França (1971), graduação em *Direito* pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1966) e doutorado em *Études Politiques* - Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne (1971). Atualmente é *conselheiro da Empresa Brasileira de Comunicação*, *membro do Kings College Brazil Institute Senior Advisory Board*, *membro do Comitê de Seleção do Prêmio Juscelino Kubitschek*, *especialista do Harvard Group of Professionals on Monitoring, Reporting, and fact-finding*, *Juscelino Kubitschek Award - Inter-American Development Bank*, *membro do Senior Advisory Council - Kings Brazil Institute*, *membro - Waterlex*, *co-chair - Swiss Initiative to Commemorate the 60th Anniversary of the UDHR*, *membro - Asia Society Task Force on U.S. Policy towards Burma/Myanmar*, *membro - Latin America Studies Association - Commission On Academic Freedom*, *coordenador do Grupo de Trabalho Comissão de Verdade*, *membro do painel - Panel to Promote Global Progress for Children*, *presidente da Comissão de Inquérito Independente sobre a Síria*, *comissário da Comissão Nacional da Verdade*, *special rapporteur - United Nations, Human Rights Council*, *member of the steering committee - Ludwig Boltzmann Institut für Menschenrechte*, *member of the advisory board - Displacement Solutions*, *member of the board - Centre on Housing Rights and Evictions*, *adjunct professor of international studies - Brown University*, *coordenador geral - CEPID - Centro de Estudos da Violência e professor titular aposentado da Universidade de São Paulo* (Acesso ao Currículo Lattes em: 12 jun. 2019).

Plínio Dentzien<sup>3</sup>, Peter Fry<sup>4</sup> e Evelina Dagnino<sup>5</sup> lideraram uma grande pesquisa, da qual fiz parte, sobre as primeiras eleições pós-regime militar. Essa foi uma das melhores experiências dessa fase de minha formação universitária, ainda na graduação. Foi denominada de Unidade Temática e organizada por um grupo de professores das três áreas que compunham o curso de Ciências Sociais - Antropologia, Ciência Política e Sociologia.

A proposta foi desenvolvida em três semestres: no primeiro lemos obras clássicas, como: *Coronelismo, Enxada e Voto*, de Vítor Nunes Leal; *Os Donos do Poder*, de Raymundo Faoro; *Participação Social dos Excluídos*, de Marialice Mencarini Foracchi; *Estado e Partidos Políticos no Brasil*, de Maria do Carmo Campello de Souza (1930-1964); *A Concepção Dialética da História e Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, de Antonio Gramsci; *O Que é Ideologia*, de Marilena Chauí, e tantas outras leituras que nos fizeram devorar os livros e aproveitar as discussões. Paralelamente aos estudos e leituras tivemos a oportunidade de ouvir muitos intelectuais brasileiros, autores dos textos que discutíamos, voltando a ocupar um lugar de destaque no pensamento crítico no Brasil naqueles anos da redemocratização política. Nos dois semestres que se seguiram às leituras

---

<sup>3</sup> Professor de Sociologia da Unicamp, traduziu *Uma História Social do Conhecimento - De Gutenberg a Diderot*, de Peter Burke (2003) e *Modernidade e Identidade - Ansiedade Existencial - Tribulações do Eu*, de Anthony Giddens (2002) ambos pela Zahar Editor. (Não há registro no Currículo Lattes).

<sup>4</sup> Possui graduação em Social Anthropology - Cambridge University (1963) e doutorado em Social Anthropology - University of London (1969). Atualmente é editor do jornal da Associação Brasileira de Antropologia, *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*. Foi Professor da Unicamp entre os anos de 1970 a 1983 (Acesso ao Currículo Lattes em: 12 jun. 2019).

<sup>5</sup> Possui Mestrado em Ciência Política (UFMG, 1970 e Stanford University, 1975) e Doutorado em Ciência Política (Stanford University, 1986). É professora titular colaboradora na Universidade Estadual de Campinas. Ministrou cursos nas Universidades de Yale (USA), Gothemburg (Suécia), FLACSO/Buenos Aires, IDES/UNGS Buenos Aires e na Universidade da Costa Rica. Foi membro do Board do United Nations Research Institute for Social Development (UNRISD), Genebra, 2009-2015, do Board of Trustees do Institute of Development Studies (IDS) da University of Sussex, UK, 2013-2017, e do Executive Committee da Latin American Studies Association (LASA), 2015-2017. Seu último livro é *Disputing Citizenship* (Polity Press, 2014), escrito com John Clarke, Catherine Neveu and Kathleen Coll (Acesso ao Currículo Lattes em: 12 jun. 2019).

teóricas, iniciamos uma pesquisa de campo nos comitês eleitorais dos candidatos à prefeitura de Campinas e, no último semestre proposto pela disciplina, comparamos e avaliamos os resultados das eleições de 1982<sup>6</sup>.

Os professores Peter Fry, Marisa Corrêa<sup>7</sup>, Bella Feldman-Bianco<sup>8</sup> foram responsáveis por minha formação no campo da Antropologia. Nos almoços promovidos na casa do professor Peter Fry respirávamos ares de liberdade e discutíamos de que forma seria a luta pela redemocratização do Brasil.

A seguir fotos de um desses almoços memoráveis com a minha turma de Ciências Sociais/ 1981:

<sup>6</sup> Em 15 de novembro de 1982, foi realizada a primeira eleição direta para governador de estado após a instauração do regime militar. Seriam também eleitos senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos (menos os das capitais) e vereadores. Entre os candidatos, estavam importantes líderes de oposição como Miguel Arraes e Leonel Brizola, cassados e exilados no período da ditadura. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/eleicoes-gerais-1982/a-historia.htm>

<sup>7</sup> Foi professora do Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp durante trinta anos e atualmente é pesquisadora do Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero da mesma universidade, no qual coordena um Projeto Temático da Fapesp sobre gênero e corporalidade. Integra o corpo docente da Área de Gênero no Programa de Doutorado em Ciências Sociais da Unicamp. Bolsista do CNPq. Ex-presidente da Associação Brasileira de Antropologia (Acesso ao Currículo Lattes em: 13 jun. 2019).

<sup>8</sup> Doutora em Antropologia (Columbia) com pós-doutorado em História (Yale) é professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, ambos na UNICAMP, e bolsista 1A do CNPq. Ocupou as cátedras de Estudos Portugueses (1987-1991) e Hélio e Amélia Pedrosa (2008) na University of Massachusetts-Dartmouth e a Cátedra UNESCO/ Memorial da América Latina (2015), tendo ainda recebido, entre outras distinções, o Prêmio Zeferino Vaz de Excelência Acadêmica (IFCH/ UNICAMP, 2001), o Prêmio Roquete Pinto por suas contribuições à antropologia brasileira (ABA, 2014) e o Prêmio ANPOCS de Excelência Acadêmica Gilberto Velho (2017). Suas pesquisas e publicações sobre migrações e deslocamentos combinam análises de cultura e política em perspectiva comparativa. Foi presidente da Associação Brasileira de Antropologia (2011-2012), representante da Área de Antropologia e Arqueologia da CAPES (2005-2007) e co-coordenadora do GT Migración, Cultura y Política da CLACSO (2010-2013), entre outras atividades. Atualmente, coordena o Comitê Migrações e Deslocamentos da ABA (2019-2020), é conselheira do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) onde representa a SBPC e integra o Comitê Acadêmico da ANPOCS (2019-2020). Faz parte de conselhos editoriais de revistas nacionais e do exterior (Acesso ao Currículo Lattes em: 13 jun. 2019).





IMAGEM 10: Casa de Peter Fry na Vila Industrial em Campinas, 1982. Da esquerda para a direita Ary, Álvaro, Daniela Cestarollo, eu, Marcos Rogatto, Adriana, Renata, Shirley e Ricardo Nassif (de pé, primeiro plano) [acervo pessoal da autora].



IMAGEM 11: Em primeiro plano, a autora em versão “bicho grilo” e Daniela Cestarollo na rede, 1982 (acervo pessoal da autora).

O olhar dos estudantes e dos professores voltava-se para os chamados “excluídos” e motivou outra pesquisa da qual fiz parte. Tratou-se de um trabalho junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que, naquele momento, procuravam reorganizar a sociedade civil por meio das lideranças de bairros. No entorno da cidade de Campinas começava a se configurar a cartografia do aumento das favelas e dos bairros menos favorecidos economicamente. A pesquisa sobre a história do Jardim das Bandeiras 1 nos fez frequentar e participar do dia-a-dia dessa comunidade e entender como viviam e sobreviviam - era o auge das pesquisas de campo participantes, sob a égide dos escritos de Carlos Rodrigues Brandão<sup>9</sup> também professor da Unicamp à época.

Foram anos de intensa movimentação política, encontro com leituras críticas e outras ainda vistas com restrições pelas alas da chamada “esquerda ortodoxa”. Foi o caso do curso ofertado pelo professor Luiz Benedicto Lacerda Orlandi<sup>10</sup> sobre Foucault. Inovador em vários sentidos: a frequência não era obrigatória e a nota necessária para aprovação era garantida pelo professor desde o primeiro dia de aula. Resultado - aulas superlotadas e interesse redobrado por parte dos estudantes. Intercalávamos discussões acaloradas

<sup>9</sup> Licenciado em Psicologia e psicólogo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1965); mestre em Antropologia pela Universidade de Brasília (1974). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1980); livre docente em Antropologia do Simbolismo pela Universidade Estadual de Campinas. Realizou pós-doutorado na Universidade de Perugia e na Universidade de Santiago de Compostela. Atualmente é professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), professor colaborador do POSGEO da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e professor visitante da Universidade Estadual de Goiás. Possui experiência na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Camponesa, Antropologia da Religião, Cultura Popular, Etnia e Educação; com foco na Educação Popular. É Comendador do Mérito Científico pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, doutor honoris causa pela Universidade Federal de Goiás, doutor honoris causa pela Universidad Nacional de Lujan (Argentina), professor emérito da Universidade Federal de Uberlândia, e professor emérito da Universidade Estadual de Campinas (Acesso ao Currículo Lattes em: 13 jun. 2019).

<sup>10</sup> Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1964), mestrado em Linguística Geral (Poética) pela Université de Besançon - França (1970) e doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (1974). Atualmente é professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor titular (voluntário) da Universidade Estadual de Campinas (Acesso ao Currículo Lattes em: 13 jun. 2019).

sobre como fazer a revolução socialista e o contato com os autores que ficaram proibidos de serem lidos no Brasil dos anos da ditadura militar e que nos anos de 1980 começam a ser lidos nas universidades brasileiras.

Paralelamente ao engajamento político que os cursos e os estudantes desejavam naquele momento de redemocratização do Brasil, tínhamos um formato de currículo na Unicamp que nos permitia cursar um mínimo de disciplinas obrigatórias e dispor de um significativo número de disciplinas que poderiam ser cursadas como optativas, incluindo aquelas ofertadas por outros departamentos da Universidade. Dessa forma, cursei as aulas de Teatro quando o curso de Artes ainda não tinha prédio próprio e os laboratórios de expressão corporal aconteciam no “Barracão das Artes” como era conhecido à época. Foi nessa oportunidade que fui aluna de Paulo Betti e Eliane Giardini ambos faziam parte de um grupo de atores jovens e promissores.

## 1.2 AS PRIMEIRAS INCURSÕES COMO PROFESSORA

Um pouco antes de concluir a graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura), participei de outra experiência muito marcante: durante as férias de verão (janeiro e fevereiro), do ano de 1983, ministrei 240 aulas no IV Treinamento de Professoras Leigas na Fundação Ruralista cujo Presidente era Manuel Lira Parente<sup>11</sup> - ou Padre Lira como era conhecido na região. Juntamente com uma colega e grande amiga que cursava Pedagogia, Maria

---

<sup>11</sup> Reproduzo trecho de uma das notícias veiculadas em jornais sobre a vida e obra do Padre Lira: “A vida e a obra de um dos maiores benfeitores do sertão piauiense será reunida ao longo de 2016 em um memorial na Fundação Ruralista, localizada em Dom Inocêncio, a 615 km de Teresina. O espaço contará a história do padre Manuel Lira Parente e da própria Fundação, entidade filantrópica criada por ele no fim da década de 1950. O sacerdote morreu em setembro do ano passado aos 96 anos (2015), após dedicar toda uma vida no amparo ao povo sertanejo. De acordo com Inocêncio Leal Parente, filho reconhecido pelo padre, o memorial reunirá documentos, objetos pessoais e toda a história de Lira e da entidade, organizados especialmente para as pessoas visitarem. A Fundação Ruralista fica localizada a 10 km da zona urbana de Dom Inocêncio, município fundado pelo próprio Padre Lira e do qual também foi prefeito por três mandatos”. Disponível em: <http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2016/01/memorial-contara-vida-e-obra-do-padre-lira-no-sertao-do-piaui.html>. Acesso em: 13 jun. 2019.

de Lourdes Amaral (Dinda) e Fernando<sup>12</sup>, estudante de História compúnhamos a equipe que passou dois meses com jovens professoras leigas.



IMAGENS 12 E 13: A autora caminhando pelo chão de pedras próximo à sede da Fundação Ruralista. À direita parte de grupo de jovens professoras leigas daquele verão de 1983 (acervo pessoal da autora).

A atividade docente daquelas jovens consistia em atuar durante todo o ano em escolas espalhadas no sertão do Piauí, cuja cidade mais próxima era São Raimundo Nonato, que nunca cheguei a conhecer. Sob a égide da Fundação Ruralista eram obrigadas a passar os dois meses de suas férias de final de ano em treinamento com um grupo de estudantes da Unicamp. Havia um convênio firmado entre a Universidade, sob a responsabilidade do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e a Fundação já mencionada anteriormente.

---

<sup>12</sup> Não me lembro do sobrenome do colega, mas sei que ele era estudante do curso de História/ Unicamp. Conhecemo-nos por ocasião de nossa ida ao Piauí.



IMAGEM 14: Visão de uma das escolas rurais no sertão do Piauí com localização geográfica imprecisa e que ficavam sob a responsabilidade da Fundação Ruralista do Padre Lira (acervo pessoal da autora).

Hoje, olhando para aquela experiência, posso dizer que foi um misto de encontro de culturas, de gerações e de embates e divergências entre a equipe de professores da qual eu fazia parte e o Padre Lira - uma mistura de líder religioso e político aos moldes dos velhos coronéis do Nordeste que ocupava o espaço deixado vazio pelas autoridades locais, do estado e da federação. Ele por sua vez, sem nenhum carisma, mas muito temido pela população local, exercia seu poder e domínio sobre as famílias da região com mãos fortes<sup>13</sup>.

Reconheço, atualmente, que ele se apresentava, naquele contexto, como a única oportunidade de trabalho

<sup>13</sup> Deixo aqui minha homenagem e reconhecimento ao trabalho desenvolvido por Marion (não me lembro de seu sobrenome), uma enfermeira alemã que já havia morado em países africanos. Adorava os animais incluindo, os mais selvagens (acolhia e depois encaminhava para outros locais, filhotes de onças!). Ela era responsável pela saúde das pessoas que moravam no entorno da Fundação Ruralista do Padre Lira. Uma batalhadora pelas causas dos mais humildes e que enfrentava com coragem as condutas pouco adequadas do padre. Como era o caso, por exemplo, da decisão que cabia a ele de autorizar quais doentes deveriam ser levados para o hospital mais próximo com a ambulância que pertencia à Fundação.

feminino<sup>14</sup>. Boa parte dos homens daquele lugar castigado pela seca migrava para o Sudeste em busca de vida melhor, e raramente retornava para buscar suas noivas, mães e filhos.

O curso de Ciências Sociais foi concluído em 1984<sup>15</sup> e no intervalo de dois anos que se seguiram, entre 1985 e 1986, vivi um período de incertezas em relação ao meu futuro profissional. Não conseguia encontrar aulas de Sociologia nas escolas da rede estadual e, apesar da insistência da professora Bella Feldman-Bianco para que eu seguisse como sua orientanda no mestrado em Antropologia, decidi deixar o conforto do “velho canavial”, como dizia Paulo Sérgio Pinheiro quando se referia à Unicamp, e seguir com o firme propósito de que já era hora de trabalhar!

Foi naquele contexto que a amiga Maria de Lourdes Amaral, recém-formada em Pedagogia, me convidou para iniciarmos uma parceria à frente de um Berçário e Pré-escola<sup>16</sup> em Campinas, na condição de sócias proprietárias. Lá passei dois anos cuidando de crianças e aprendendo o que era ser empreendedora no Brasil. Apesar da riqueza dos aprendizados dessa fase da vida, decidi que nunca mais seria proprietária no setor da Educação e em nenhum outro ramo das atividades do terceiro setor nesse país.

---

<sup>14</sup> As jovens além de atuarem como professoras leigas ao longo de todo ano eram responsáveis por bordar e supervisionar a produção de bordados executados pelas crianças/ estudantes durante o período das aulas. Toda a produção era lavada, passada a ferro de brasa, embalada e enviada para Londres, onde um grupo de senhoras vendia e remetia o dinheiro para a Fundação. Era com esse dinheiro que a Fundação mantinha as escolas.

<sup>15</sup> Aqui vale uma informação complementar: o bacharelado foi realizado entre os anos de 1981 a 1984, depois fiz a complementação do currículo para licenciatura ao longo do ano de 1991 e coleí grau como licenciada em Ciências Sociais em 1992.

<sup>16</sup> Chamava-se Vida em Grupo, já a compramos com essa razão social e a mantivemos.



IMAGENS 15 E 16: Fachada e alunos da Escola Infantil e Berçário localizada na Rua Camargo Paes, em Campinas/SP, em 1985 (acervo-pessoal da autora).

*Da iniciativa frustrada e nada rentável de “dona de escola” resultou a decisão de mudança para a cidade de Maceió, agora já casada com um ex-colega de turma das Ciências Sociais. Ele e um grupo de amigos decidiram que abririam um espaço cultural na cidade alagoana. Era o tempo do Plano Cruzado e já com moradia firmada em Maceió, o empreendimento pretendido por eles não vingou.*

*Eu, naquele momento já estava decidida a tomar outro rumo na vida e comecei a dar aulas de História em uma escola particular, o Colégio Guido de Fontgalland, e depois no Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC). Voltarei a tratar dessa fase com maiores detalhes mais adiante no texto.*

*Por lá ficamos entre os anos de 1986 a 1989, quando então decidimos voltar para Campinas, em pleno período da disputa eleitoral entre Fernando Collor de Melo e Luís Inácio Lula da Silva. Tinha vivido e conhecia muito bem a gestão de Fernando Collor como governador do estado de Alagoas, mas de nada adiantaram os nossos alertas de que o candidato era um embuste<sup>17</sup>.*

<sup>17</sup> Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves foi eleito, pelo Colégio Eleitoral, presidente da República do Brasil no Colégio Eleitoral, encerrando a ditadura militar no país. Entretanto, Tancredo morreu, e quem assumiu o cargo foi seu vice, José Sarney. Em 1986, ocorreram eleições para formar a Assembleia Nacional Constituinte, que promulgou uma nova constituição em 5 de outubro de 1988. A Constituição determinava a realização de eleições diretas para presidente no ano seguinte. Durante o governo Sarney, partidos até então clandestinos, como o PSB, o PCB e o PCdoB, foram legalizados. Assim sendo, as eleições de 1989 foram as primeiras desde 1960 em

No retorno da cidade nordestina, “prestei” uma vaga remanescente no Curso de História motivada pela experiência como professora de História e pelo desejo que desenvolvi de ter formação específica nessa área do conhecimento e foi assim que iniciei a minha segunda graduação na Unicamp.

### 1.3 GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA (1990-1996); MESTRADO EM EDUCAÇÃO (1995-1997) E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO (1999-2002)

Essa segunda graduação teve outro perfil, já que foi mais longa, pois simultaneamente comecei a atuar como professora na rede privada de ensino, mas de uma coisa tinha certeza: queria ser historiadora!

Retornei à Unicamp nos anos de 1990, quando o Brasil já era outro e os estudantes também, as pautas giravam em torno das conquistas para o movimento das mulheres, dos negros e dos indígenas. A Constituição de 1988 tinha dado ao Brasil outra feição, assim eu acreditava. Paralelamente ao Curso de Licenciatura em História, ministrando aulas em escolas particulares em Campinas, iniciei o meu Mestrado na Faculdade de Educação da Unicamp em 1995 e o concluí em 1997, sob a orientação da Professora Dra. Eloisa de Mattos Hofling<sup>18</sup>. A dissertação intitulou-se *Noções de cidadania em paradidáticos*. Esse estudo já refletia minha atuação como professora de História e as relações

---

que os cidadãos brasileiros aptos a votar escolheram seu presidente da República. Como nenhum candidato obteve a maioria absoluta dos votos válidos, isto é, excluídos os brancos e nulos, a eleição foi realizada em dois turnos, conforme a então nova lei previa. O primeiro turno foi realizado em 15 de novembro de 1989, data que marcava o centésimo aniversário da Proclamação da República, e o segundo em 17 de dezembro do mesmo ano. Foram para o segundo turno os candidatos Luiz Inácio Lula da Silva, da coligação encabeçada pelo Partido dos Trabalhadores, e Fernando Collor de Mello, da coligação encabeçada pelo PRN. Fernando Collor de Mello foi eleito presidente do Brasil. Em 1992 o então presidente sofre um processo impeachment que o levou a renunciar ao cargo em 29 de dezembro de 1992.

<sup>18</sup> Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1971), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1981) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1993). Atualmente Professora Aposentada Colaboradora da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, atuando no Programa de Pós-Graduação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Política Educacional, principalmente nos seguintes temas: avaliação de políticas de programas de governo; política de livro didático; políticas de formação de professores (Acesso ao Currículo Lattes em: 29 jun. 2019).



com os temas do processo de redemocratização do país. Esse foi um período de muita luta para me estabelecer como profissional, complementar a licenciatura em Ciências Sociais e cursar as disciplinas da graduação em História. Olhando para trás sempre me lembro das palavras do meu querido professor Sidney Chalhoub<sup>19</sup> quando, certa vez, me deu uma carona voltando da Unicamp e disse com certa indignação: “isso de duas graduações é coisa pra maluco...”. Acho que ele tinha razão!

As memórias relativas ao período da graduação em História estão marcadas pelo mundo do trabalho e pela sobreposição de atividades. Conforme descritas anteriormente, entretanto, vale salientar a primeira incursão que fiz logo ao retornar de Maceió e assim que passei nas provas para garantir uma vaga no Curso de História. Tratou-se de minha aproximação com um grupo de pesquisa em História da Ciência liderado pelo professor Roberto de Andrade Martins<sup>20</sup>. Comecei a participar das discussões e,

<sup>19</sup> Possui graduação em História, Lawrence University, EUA (1979), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1984), doutorado (1989) e livre-docência (1995) em História pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor titular colaborador na UNICAMP e professor do departamento de História da Universidade Harvard, EUA. Foi pesquisador visitante na Universidade de Maryland, na Universidade de Michigan, em Stanford University e Humboldt Universität (Berlim). Lecionou como Professor Visitante na Universidade de Michigan e na Universidade de Chicago. A principal área de pesquisa é a História do Brasil no século XIX, com publicações em temas tais como história do Rio de Janeiro, Abolição, Escravidão, Saúde Pública, Epidemias, Literatura, Machado de Assis (Acesso ao Currículo Lattes em: 29 jun. 2019).

<sup>20</sup> É físico, formado pela USP em 1972, e concluiu o doutorado em Lógica e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Campinas em 1987. Realizou estágios de pós-doutoramento em História da Ciência em Oxford e Cambridge. Livre-docente na área de Física Geral, com especialidade em História da Física, Filosofia da Física e Ensino de Física, obtido em maio de 2008 no Instituto de Física Gleb Wataghin, UNICAMP. Foi professor do mesmo instituto de 1983 a 2010, quando se aposentou naquela instituição. Colaborou como orientador, com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e com a Universidade de São Paulo. Após sua aposentadoria, foi professor visitante da Universidade Estadual da Paraíba e da Universidade Federal de São Carlos. Atuou como pesquisador visitante do IFSC-USP, em 2015, com apoio da FAPESP. Atualmente é professor colaborador da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e da Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB). É membro do Grupo de História, Teoria e Ensino de Ciências (GHTEC) da USP. Foi Presidente da Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC) e da Associação de Filosofia e História da Ciência

por sugestão do professor Roberto, desenvolvi uma pesquisa de iniciação científica sobre o projeto historiográfico de Francisco Adolfo de Varnhagen. Iniciei pela leitura da correspondência do “pai da história do Brasil” no Acervo Sérgio Buarque de Holanda<sup>21</sup> e produzi um pequeno ensaio como conclusão da iniciação científica. Anos depois, já como professora do Departamento de História da UFPB e ministrando a disciplina de Historiografia Brasileira, passei a revisitar essa pesquisa e, por meio dela cheguei às leituras contemporâneas sobre Varnhagen elaboradas por Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães<sup>22</sup> (in memoriam) e Lília Katri Moritz Schwarcz<sup>23</sup>.

do Cone Sul (AFHIC). Dedicar-se a pesquisas sobre história e filosofia da ciência (especialmente da física) e suas aplicações à educação; e também sobre o pensamento religioso e filosófico indiano. Possui bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq, nível I-B, na área de História (Acesso ao Currículo Lattes em: 29 jun. 2019).

<sup>21</sup> A Unicamp abriga desde 1983 o Acervo Sérgio Buarque de Holanda composto de documentos, livros, móveis e objetos, devidamente mantidos sob os mais criteriosos procedimentos de preservação. Cerca de 2490 documentos pessoais e 210 fotografias fazem parte do Acervo Permanente do Arquivo Central, e a biblioteca de Sérgio, composta por 8513 livros, 227 títulos de periódicos, 600 obras raras e 74 rolos de microfilme, está na Área de Coleções Especiais da Biblioteca Central. Disponível em: <https://www.siarq.unicamp.br/sbh/acervo.html>. Acesso em: 29 jun. 2019.

<sup>22</sup> Possuía graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (1977), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982), doutorado em História pela Freie Universität Berlin (1987) e pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (2000). Foi Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tinha experiência na área de História, com ênfase em Teoria e Filosofia da História. Atuando principalmente nos seguintes temas: Anísio Teixeira, Brasil-Império, Educação, História da Educação, Historiografia e Nação (Acesso ao Currículo Lattes em: 29 jun. 2019).

<sup>23</sup> Possui graduação em História pela USP (1980), mestrado em Antropologia Social pela Unicamp (1986), doutorado em Antropologia Social pela USP (1993), livre-docência em Antropologia Social pela USP (1998) e título de Professora Titular em Antropologia Social, USP (2005). Atualmente é professora Titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (2005), global scholar e professora visitante em Princeton (desde 2011), editora da Companhia das Letras, sócia do IHGB, membro do conselho da Revista Etnográfica (Lisboa), da revista Penélope (Lisboa), da Revista Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, da Revista Cadernos de Campo (FFLCH). Foi professora visitante e pesquisadora nas universidades de Leiden, Oxford, Brown, Columbia (como Tinker Professor), École des Hautes Études

*Em 1998, com o curso de História concluído, prestei a seleção para o doutorado, dando continuidade à minha formação acadêmica. A tese foi defendida no PPGE da Faculdade de Educação da Unicamp e com a mesma orientadora. A conclusão do doutorado deu-se em 2002, na área de concentração Educação, Sociedade e Cultura e sob o título Políticas Culturais: subsídios para construções de 'brasilidade' (2002), que posteriormente foi publicada em livro (CURY, 2013).*



IMAGEM 17: Capa da tese de doutorado da autora, publicada como livro pela Editora Universitária da UFPB em 2013 (acervo pessoal da autora).

*Encerrava-se assim um longo período de formação acadêmica acolhido pelos muros da Unicamp, carinhosamente batizada por nós estudantes de “Níca”.*



---

*en Sciences Sociales. Recebeu bolsa da John Simon Guggenheim Foundation Fellow (2006/2007); medalha Júlio Ribeiro (ABL em 2008); a comenda da Ordem Nacional do Mérito Científico Nacional (2010), foi “Mulher de Ideias” (J B, 2008), foi membro do Advisory group - Harvard University (até 2012), teve sua palestra selecionada como “John H Parry Lecture at Harvard of 2010”, e recebeu a medalha Rui Barbosa, pela contribuição ao enriquecimento da cultura do país em 2017 (Acesso ao Currículo Lattes em: 29 jun. 2019).*

## 2. VIDA PROFISSIONAL NO MUNDO PRIVADO: A DOCÊNCIA

### 2.1 AULAS DE HISTÓRIA NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO (MACEIÓ E CAMPINAS)

*Iniciei a minha atividade como professora de História, conforme mencionado anteriormente, no período em que me mudei para Maceió. Minha formação, naquele momento, era em Ciências Sociais, mas na ausência da oferta de Sociologia para o Ensino Médio, fui aceita como professora de História. Aprendi com a experiência cotidiana da sala de aula a preparar temas que não dominava completamente, e a ter uma relação de autoridade com as turmas de estudantes, com muito cuidado em utilizar do poder para silenciar a sua vitalidade. Afinal, eu era muito jovem também e o Brasil tinha acabado de deixar vinte anos de ditadura militar. Em pouco tempo consegui estabelecer uma boa relação com as turmas e desenvolver atividades que permitiam explorar a sua criatividade, no esforço de tornar as aulas de História espaços de diálogo. Uma das atividades que permitiam interdisciplinaridade eram as feiras de ciências promovidas pelo Colégio Guido de Fontgalland, uma escola particular no centro de Maceió que atendia basicamente os filhos da classe média local e do interior do estado de Alagoas.*

*Selecionei a imagem a seguir de uma dessas feiras de ciências:*



IMAGEM 18: Feira de Ciências no Colégio Guido de Fontgalland, entre os anos de 1987-1989 (acervo pessoal da autora).

*Na mesma época também fui convidada para dar aulas de História no Sistema Objetivo Pré-Vestibular em Maceió (1988). Essa experiência com os cursinhos pré-vestibulares se repetiu quando retornei para Campinas nos anos de 1990. Dei aulas em Itu/SP no Sistema Anglo Pré-vestibular (1990-1991). Das atividades docentes que exerci ao longo da vida, essa de dar aulas em cursos preparatórios para o vestibular foi a menos prazerosa: era obrigada a cumprir metas de conteúdo e as respostas às dúvidas dos estudantes deveriam ser encaminhadas para os chamados plantões de dúvidas. Enfim, não era possível desenvolver uma relação de trocas com as turmas de estudantes.*

*Muito diferente da minha experiência quando fui aluna no mesmo Sistema Anglo Pré-vestibular, em Campinas, no ano de 1980: tratava-se da primeira turma de Humanas, instaurada para preparação específica dos que desejassem adentrar ao ensino superior na área das Humanidades. Ocupávamos o terceiro andar de um prédio no Bairro do Castelo/ Campinas. Tivemos a primeira professora aceita para dar aulas em cursinhos pré-vestibulares do estado de São Paulo - Emília Amaral! Com ela descobri as delícias da literatura brasileira, a poesia e o gosto para escrever.*

*Tornamo-nos grandes amigas e até hoje mantemos um relacionamento fraterno e de amizade. A primeira turma de Humanas do Anglo Campinas teve grande sucesso na entrada dos cursos pretendidos e boa parte de meus colegas de turma tornaram-se colegas e grandes amigos dos cursos de Economia, Ciências Sociais e História na Unicamp.*

*Digressão encerrada, voltemos às minhas atividades docentes. Ao retornar a Campinas, em 1989, além de iniciar a graduação em História conforme já descrito anteriormente, precisava garantir minha sobrevivência e adentrei a uma roda-viva com carga horária semanal exaustiva e passagem por várias escolas simultaneamente, todas elas no ensino privado: o Instituto Educacional Parthenon (1990-1994) e o Colégio Sagrado Coração de Jesus (quinze dias do mês de fevereiro de 1995), encerrando minha história no ensino fundamental e médio na Escola Comunitária de Campinas (1995 -1998).*

*Destacaria dessa fase a passagem pelo Parthenon, escola cujos mantenedores vinculavam-se à Casa de Jesus, de orientação espírita e que funcionava ao lado do prédio da escola. A curiosidade é que a proposta dessa escola era a de que os professores não adotassem livros didáticos e sim produzissem seu próprio material de aulas. Isso resultou em quatro anos dedicados a compilar e escrever os temas e exercícios dos conteúdos de História das oitavas séries e dos três anos do ensino médio. Exerci também a função de coordenadora pedagógica de História junto às professoras de estudos sociais das séries iniciais. Além das aulas, lutamos eu e os demais professores do Parthenon por melhores salários junto aos mantenedores e fiz duas grandes amigas: Maria Rita de Assis César (hoje professora da Universidade Federal do Paraná) e Fátima Faleiros Lopes (hoje professora da Escola Comunitária de Campinas), com elas também adentrei ao mestrado e depois ao doutorado na Unicamp.*

*Por fim, vou contar um pouco sobre a minha passagem pela Escola Comunitária de Campinas<sup>1</sup>, onde encerrei*

<sup>1</sup> Na página da ECC encontramos o seguinte texto sobre a sua história: "A Escola Comunitária nasceu com uma proposta diferente de ser escola, fazendo frente a uma realidade de mudança desafiadora para a época (1977). O objetivo comum dessa ousadia era a manutenção da proposta pedagógica inovadora e consistente, exercida por vários anos, num espaço escolar conhecido na cidade de Campinas, e que foi interrompida por decisão da entidade mantenedora da Escola. Para que este projeto permanecesse vivo, foi necessário criar um novo espaço, uma nova instituição, uma nova

*minha carreira no Ensino Fundamental e Médio<sup>2</sup>. Foi uma das experiências mais gratificantes como professora em virtude da forma associativa proposta pela escola entre pais, funcionários e professores. Esse formato nos mantinha no ranking dos melhores salários da cidade de Campinas e nos permitia uma excelente articulação entre as áreas de Humanas, Exatas e Biológicas. Um dos bons exemplos dessa interação entre as áreas foram os estudos do meio nas cidades históricas de Minas Gerais (Tiradentes, Ouro Preto, Mariana, São João Del-Rei e Diamantina). Os estudos do meio destinavam-se aos estudantes de segundo ano do Ensino Médio e consistiam em viagem de uma semana para as cidades mineiras. A equipe de professores era composta por mim (História), Jacy Castro (Química), Luís Bueno (Literatura, atualmente professor na Universidade Federal do Paraná) e Wenceslão Machado de Oliveira Júnior (Geografia, atualmente Professor da Unicamp). A seguir algumas das imagens dos referidos estudos do meio:*



IMAGEM 19: Um dos estudos do meio às cidades históricas as Minas Gerais. Em frente à Igreja do Rosário dos Pretos, em Ouro Preto, numa das viagens realizadas entre os anos de 1995 e 1998. (acervo pessoal da autora).

---

*sociedade, pautada em relações mais democráticas e participativas. A opção foi criar uma escola mantida por uma sociedade onde pais, professores e funcionários seriam sócios. (...) Assim, a 7 de novembro de 1977 foi fundada a Escola Comunitária de Campinas mantida pela Sociedade Comunitária de Educação e Cultura. Muita garra e muito esforço foram mobilizados para que em fevereiro de 1978 ela já estivesse funcionando”. Acrescentaria que a escola nasceu de uma dissidência do tradicional Colégio Progresso de Campinas. Disponível em: [http://www.ecc.br/site/pasta\\_206\\_0\\_\\_historia.html](http://www.ecc.br/site/pasta_206_0__historia.html). Acesso em: 18 jun. 2019.*

<sup>2</sup> Naqueles anos estava concluindo o mestrado (1997) e adentrei ao doutorado (1998)



IMAGEM 20: Estudantes fazendo anotações durante estudo do meio na cidade de Tiradentes, em frente à antiga Câmara Municipal, numa das viagens realizadas entre os anos de 1995 e 1998. (acervo pessoal da autora).

Os estudos do meio, como eram denominados à época, eram momentos esperados com entusiasmo pelos estudantes porque para eles era uma espécie de despedida dessa fase escolar e dos amigos da “Comunitária” porque no ano seguinte deveriam se dedicar à preparação para os exames vestibulares. Aos professores cabia a responsabilidade de cuidar de um grupo de cerca de sessenta adolescentes loucos para se divertir! Eram dias cansativos e intensos, mas guardo boas recordações desse período e dos ex-alunos da Comunitária, com alguns deles ainda tenho contato pelas redes sociais ou quando vou à Campinas.

## 2.2 AULAS NO ENSINO SUPERIOR:

MACEIÓ, OURO FINO, AMERICANA E INDAIATUBA

A minha estreia no ensino superior aconteceu quando ainda morava em Maceió, conforme mencionei anteriormente, e dividia meu tempo entre as aulas no Ensino Fundamental e Médio durante o dia e à noite ministrava aulas no Centro de Estudos Superiores de Maceió (CESMAC), mais especificamente no curso de Licenciatura Curta em Estudos Sociais<sup>3</sup>. Considero que esses foram anos que me

<sup>3</sup> Disciplinas ministradas nas duas licenciaturas: Antropologia



formaram para atuar como professora. Aprendi muito, me cansei bastante e decidi que queria ter formação na área de História porque, além das exigências do mundo real relativos à sobrevivência, os estudos que tive que realizar para a preparação das aulas despertaram a paixão pelo ofício de historiador!

Os embates políticos por melhores salários no CESMAC foram constantes. Foi a primeira vez que enfrentei uma mantenedora ávida por lucros e liderei, juntamente com outros colegas, uma greve por melhores salários. A greve dos professores foi vitoriosa, conseguimos melhorias salariais e das instalações do prédio onde funcionava o Centro de Estudos Superiores (CESMAC). A Fundação Educacional Jayme de Altavila, que também mantinha o Colégio Guido, era comandada por senhores de idade avançada, em sua maioria eram usineiros e acostumados a mandar e tratar os professores, como “empregados de nossa casa”, conforme nos diziam sem nenhum pudor!

De volta à Campinas e ainda cursando as disciplinas do doutorado na Unicamp, recebi convite, por intermédio do professor José Claudinei Lombardi<sup>4</sup>, juntamente com outros colegas do doutorado da Linha em Filosofia e História da Educação, para compor um grupo que daria aulas em uma faculdade privada em Ouro Fino<sup>5</sup> - Associação Sul Mineira

---

Cultural, Cultura Brasileira, História Moderna e Introdução para a Metodologia Científica para a História.

<sup>4</sup> Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1976); Mestrado em Agronomia, Área de Concentração: Sociologia Rural, pela Universidade de São Paulo (1985); Doutorado em Educação, Área de Concentração: Filosofia e História da Educação, pela Universidade Estadual de Campinas (1993); Livre-docência em História da Educação na Faculdade de Educação da Unicamp; é Professor Titular em História da Educação na Faculdade de Educação - Unicamp. Foi Secretário de Educação de Limeira, SP, de janeiro de 2013 a janeiro de 2015. É bolsista de Produtividade em Pesquisa - Nível 2 - do CNPq. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Marxismo e Educação; Pedagogia Histórico-Crítica; e História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: pesquisa em educação; história da educação brasileira; história, trabalho e educação; e historiografia da educação. É autor e organizador de várias publicações, entre as quais: História e História da Educação. É coordenador executivo do Grupo de Estudos e Pesquisas, História, Sociedade e Educação no Brasil; (HISTEDBR) (Acesso ao currículo lattes em 29 de junho de 2019).

<sup>5</sup> Cidade que fica na divisa entre os estados de São Paulo e Minas Gerais. Distante 138 km de Campinas/SP.

de Educação e Cultura (out./1997 - fev./1999). Nesses anos ainda vigoravam as licenciaturas curtas em Estudos Sociais<sup>6</sup> e eu ministrei disciplinas<sup>7</sup> de História nessa modalidade de curso. A história de minha vida como “professora viajante” tinha começado<sup>8</sup>.

O meu terceiro contato com o Ensino Superior aconteceu na fase de conclusão do doutorado na Unicamp e fui convidada, mais uma vez, para fazer parte de um grupo de recém-doutores que dariam aulas nos cursos de Pedagogia e Letras das Faculdades de Americana<sup>9</sup> - FAM (1999-2003).

Naquele período deu-se minha primeira aproximação com a História da Educação, porque iniciei um trabalho sugerido por uma colega da área da Psicologia, Sônia Losito, para desenvolvermos uma atividade em parceria com as memórias escolares das estudantes do curso de Pedagogia. Dessa experiência resultou uma exposição sobre as memórias escolares das alunas do curso e que depois inspirou outros colegas quando de minha entrada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

A seguir algumas das imagens da atividade acima mencionada:

---

<sup>6</sup> Ver mais sobre a história dos currículos escolares de História e dos Estudos Sociais em Martins (2002).

<sup>7</sup> Disciplinas ministradas: História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea e Econômica.

<sup>8</sup> Lembrando que desde 1995 já havia sido contratada pela Escola Comunitária em Campinas (ECC), portanto, dava aulas no período noturno em Ouro Fino e pelas manhãs na ECC.

<sup>9</sup> Americana fica a 32,8 km de Campinas e a 126 km de São Paulo. As aulas aconteciam em dois períodos pela manhã e à noite. O que significava que nos três dias de aulas na FAM, eu viajava duas vezes por dia entre Campinas e Americana. Nessa época eu já havia me transferido para São Paulo e iniciei um périplo semanal entre São Paulo - Campinas e Americana - muita estrada! Dessa aventura pelas estradas no interior de São Paulo, o saldo positivo foi a amizade iniciada e mantida até os dias atuais com Luzimar Goulart Gouvêa, Emerson de Pietri e Flávio Galvão todos eles da área das Letras e Linguística e Márcia Reami Pechulla formada em Filosofia.



IMAGEM 21: Detalhes da exposição Memórias Escolares (FAM). Entre os anos de 1999-2003 (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 22: Detalhes da exposição Memórias Escolares (FAM). Entre os anos de 1999-2003 (acervo pessoal da autora).

*Chamo a atenção para o sorriso da estudante (à esquerda) do Curso de Pedagogia ao receber os visitantes e mostrar documentos que coletou sobre a sua própria história escolar.*

*Também realizei vários estudos de meio com alunas do curso de Pedagogia quando ministrava a disciplina de Fundamentos de História e Geografia.*



IMAGEM 23: Trabalho de campo na antiga Estação Ferroviária de Americana/ SP. Detalhe: com os pés no chão também se ensina. Entre os anos de 1999-2003 (Acervo pessoal da autora).

*Nessa mesma época iniciei uma longa trajetória à frente da disciplina de Metodologia da Pesquisa Educacional, na Faculdade de Americana (FAM) e com as orientações de monografias de final de curso. Anos mais tarde, já como professora da UFPB, dei continuidade a esse trabalho junto à Metodologia em História.*

*Para finalizar a narrativa sobre os dezesseis anos e meio de trabalho no mundo privado, destacaria minha parceria e “atrevimento” em desenvolver algumas inserções na relação entre História, Cinema e Literatura. Graças à parceria e incentivo do meu querido amigo Luzimar, ainda na FAM produzimos um pequeno filme/ documentário que denominamos de Brasil, Me Vi Te Vendo, em comemoração aos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, alguns anos mais tarde essa experiência foi publicada em capítulo de livro<sup>10</sup>.*

<sup>10</sup> “Me vi te Vendo”: Imagens do Brasil no Cinema (CURY & GOUVEA, 2015).

*Último registro de atividade docente no mundo privado deu-se entre os meses de agosto de 2002 e dezembro de 2002, no Curso de Administração de Empresas da Faculdade Max Planck, localizada na cidade Indaiatuba<sup>11</sup>/SP, onde ministrava a disciplina de Metodologia da Pesquisa. Em dezembro de 2002, mais precisamente no dia 13, eu desembarcava na cidade de João Pessoa, com a expectativa de que viveria e trabalharia em uma mesma cidade e deixaria para trás minha vida de “professora viajante”!*

*Passo agora a tratar de minha vida acadêmica no mundo público, ou melhor, na Universidade Federal da Paraíba.*



---

<sup>11</sup> A distância entre Indaiatuba e Campinas é de 31 km e de São Paulo até Indaiatuba é de 108 km.

### 3. O MUNDO PÚBLICO - A UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA: DOCÊNCIA, EXTENSÃO E PESQUISA

**C**om a conclusão do doutorado em fevereiro de 2002 comecei a vislumbrar a possibilidade de prestar um concurso público e iniciar uma carreira acadêmica. Algumas oportunidades surgiram, mas a decisão que tomei aliou o desejo pela carreira pública e a escolha pela cidade de João Pessoa para viver. Dessa forma, prestei o concurso para a vaga de professora substituta no Departamento de Metodologia da Educação (DME), na UFPB. Cheguei à cidade com inscrição homologada e a mudança de São Paulo aportada na terra do sol! O resultado do concurso me foi favorável e as aulas iniciaram-se no primeiro semestre de 2003. Em janeiro daquele mesmo ano foi publicado o edital para concurso para a vaga de professor adjunto, na área de Teoria e Metodologia da História no Departamento de História (DH) do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA/UFPB). Passei todo o mês de janeiro de 2003 me preparando para o referido concurso. Logo em seguida publicou-se também o edital para a vaga de professor de Didática no DME, onde já estava contratada como professora substituta na área de Estudos Sociais e Educação Popular.

O ano de 2003 teve algumas especificidades: as aulas tiveram início em maio à frente das disciplinas de “Ensino de História e Geografia na Educação Infantil do Ensino Fundamental I” e “Ensino de História e Geografia na Educação Infantil do Ensino Fundamental II”. Em julho as universidades federais iniciaram uma greve<sup>1</sup>. Aproveitei

<sup>1</sup> Greve de 2003. Duração: 36 dias 08/07 a 13/08. IFES em greve: 35. Reivindicações: contra a PEC 40/03 (Reforma da Previdência). Resultados: a PEC foi aprovada com modificações. A mobilização evitou prejuízos mais graves. (Acesso <http://adufes.org.br/portal/noticias/33-gerais/87-historico-de-gresves.html> em 23 de junho de 2019). Luiz Inácio Lula da Silva havia assumido a presidência da República do Brasil para exercer o seu primeiro mandato em janeiro

os 36 dias de greve para estudar para os concursos, que foram realizados ainda no primeiro semestre daquele ano. Durante o período da greve conheci o movimento sindical, participando das assembleias realizadas pela Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba (ADUFPB), seção local do Andes/SN. Em agosto de 2003, com o fim da greve nas universidades, retomei as atividades de sala de aula e, em setembro do mesmo ano, fui chamada para assumir as duas vagas para as quais havia sido aprovada em concurso público<sup>2</sup>. Decidi pelo Departamento de História e em 10 de outubro de 2003 tomava posse para atuar na área de Teoria e Metodologia da História, onde estou alocada até os dias atuais.

No “ritual de passagem” como professora em estágio probatório, fui convidada pelos colegas a assumir a Coordenação do Laboratório de História (janeiro/2004 a junho/2004). Naquele mesmo ano, aconteceu outra convocação departamental, a de trabalhar juntamente com outros colegas do DH, em uma tarefa de grande envergadura: elaborar e conduzir todos os trâmites legais e políticos para a criação do primeiro curso de Licenciatura Plena em História para os Movimentos Sociais do Campo (PEC/MSC)<sup>3</sup>. Foram meses de embates, ajustes e desajustes entre todos os departamentos envolvidos com as licenciaturas, incluindo o próprio Departamento de História, com os conselhos universitários Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) e Conselho Universitário (CONSUNI), com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) cujos interesses eram conduzidos por seu escritório local e com a Fundação José Américo de Almeida, responsável por administrar os recursos que viriam do INCRA. Só essa história valeria outro memorial!

Após toda a tramitação institucional, recursos alinhados, locais definidos para as aulas, alojamentos,

---

de 2003.

<sup>2</sup> Nos dois concursos que prestei fiquei em segundo lugar em virtude da contagem de pontos do meu currículo. Minha trajetória havia sido toda em faculdades privadas e as publicações eram quase zero. Minha experiência docente me colocava à frente de meus concorrentes, mas não foi suficiente para me garantir as primeiras colocações.

<sup>3</sup> Utilizamos à época o Manual de Operações do Programa Nacional da Reforma Agrária (PRONERA), do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

transporte, local conquistado para ser a sala de funcionamento da coordenação<sup>4</sup>, era preciso definir quem assumiria a coordenação do curso. A Professora Regina Célia Gonçalves, colega do DH, que deveria ser conduzida ao cargo, teve impedimentos de ordem pessoal e me coube substituí-la.

O professor Jáder Nunes de Oliveira<sup>5</sup>, reitor à época (2000 a 2004), teve atuação decisiva para conter as forças mais conservadoras junto ao CONSUNI no momento da aprovação dessa modalidade de curso de História assim como a professora Maria Yara Campos Matos, que ocupava o cargo de Diretora do Centro de Ciências, Letras e Artes (CCHLA) e que também não mediu esforços para o sucesso da implantação do curso. Ambos compuseram a mesa da cerimônia de abertura do Curso de História PEC/MSC:

---

<sup>4</sup> Quando da criação do Programa de Pós-graduação em História, a Coordenação do PEC/MSC transferiu-se para outro local e até os dias atuais esse espaço é ocupado pela Coordenação e Secretaria do PPGH/UFPB.

<sup>5</sup> Nasceu em 09/07/1947. Natural de Fortaleza - CE. Formado em Engenharia Elétrica pela Universidade Federal de Pernambuco - 1967/1971 Mestrado em Engenharia de Produção na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - 1975/1978. Cargos que ocupou na UFPB: Professor do Departamento de Tecnologia Química e de Alimentos - 1978/1983; Professor do Departamento de Engenharia de Produção - 1984; Coordenador do Mestrado em Engenharia de Produção - 1981/1984.; Chefe do Departamento de Engenharia de Produção - 1984/1985.; Diretor do Centro de Tecnologia - 1985/1989; Presidente da ADUFPB - 1990/1991; Pró-Reitor Administrativo - 11/1992 a 12/1994; Reitor por dois mandatos - 15/10/1996 a 14/10/2000, e 15/10/2000 a 07/11/2004. Disponível em: <http://www.ufpb.br/antigo/content/jader-nunes-de-oliveira>. Acesso em: 26 jun. 2019.





IMAGEM 24: Cerimônia de Abertura do Curso de História para os Movimentos Sociais do Campo, Auditorio do CCHLA, 2004. Da esquerda para a direita: professor Jader Nunes de Oliveira (reitor/UFPB); professora Lúcia Guerra (DH), que à época respondia pela Pró-reitoria para Assuntos Comunitários (PRAC); a autora; professora Glória Escarião (Centro de Educação), que orientou e supervisionou a estruturação do currículo dessa modalidade de curso; professora Rosa Godoy Silveira (aposentada pelo-DH); e Raminho, representante do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST (acervo pessoal da autora).

*Seguem algumas imagens relativas ao período do Curso do PEC/MSC:*



IMAGEM 25: Primeira reunião da equipe de professores e representantes dos movimentos sociais do campo, CCHLA -UFPB, 2004. Em primeiro plano e de costas, o professor Ricardo Pinto de Medeiros; à esquerda dele a autora, a professora Regina Célia Gonçalves, o professor José Jonas Duarte, o professor Heleno e um professor da Economia que não me recordo o nome (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 26: Atividade com os estudantes na Pedra do Ingá/PB, 2005. A autora e o professor Ricardo Pinto de Medeiros, atualmente professor da UFPE (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 27: Primeira turma de estudantes do PEC/MSU a caminho da atividade na Pedra do Ingá<sup>6</sup>, 2005 (acervo pessoal da autora).

<sup>6</sup> A Pedra do Ingá é um monumento arqueológico, identificado como “Itacoatiara”, constituído por um terreno rochoso que possui inscrições rupestres entalhadas na rocha, localizado no município brasileiro de Ingá no estado da Paraíba. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra\\_do\\_Ing%C3%A1](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_do_Ing%C3%A1). Acesso em: 03 jun. 2019.



IMAGEM 28: Churrasco no local do alojamento onde ficavam os estudantes quando estavam em João Pessoa, 2005. Da esquerda para a direita, os professores Rosa Godoy, Antônio Carlos, Regina Behar e José Jonas Duarte (acervo pessoal da autora).

*O saldo positivo dessa experiência (de maio/2004 a junho de 2005) foi ter aprendido a me relacionar com a administração universitária com seus sabores e dissabores; ter conhecido de perto as demandas das lideranças dos principais movimentos sociais do campo à época, com forte presença do Movimento dos Sem Terra (MST) e da Liga Camponesa, ter aprendido a montar uma estrutura curricular que contemplasse os denominados tempo escola<sup>7</sup> e tempo comunidade, e aprender os meandros dos posicionamentos políticos de toda ordem de meus colegas*

<sup>7</sup> O curso acontecia em dois módulos por ano: sessenta dias na UFPB, tendo aulas durante todos os dias, pela manhã e à tarde, incluindo os sábados, e o tempo comunidade, quando os estudantes elaboravam os trabalhos e enviavam para os professores antes do início do novo módulo. A pedagogia da alternância, ou seja, tempo escola/tempo comunidade era uma prática das experiências pedagógicas que os movimentos sociais trouxeram para a realidade da UFPB e, em comum acordo, acolhemos esse formato porque dessa forma foi possível aos estudantes conciliar a vida em cidades de todo o território nacional e a presença deles nos períodos de aulas concentradas na universidade. Adaptar o formato de módulos concentrados na carga horária dos professores da UFPB de diversos departamentos foi um dos desafios enfrentados pela coordenação.

de Universidade.

Durante a fase da implantação do PEC/MSC participei, juntamente com a professora Dra. Regina Behar, como vice-coordenadora do Projeto PROLICEN<sup>8</sup> (2004.1) denominado *Linguagens Contemporâneas no Ensino e Pesquisa: História Oral, Filme Fotografia e Produção de Documentários*, resultando em significativa experiência e em alguns produtos imagéticos: uma mostra fotográfica e dois filmes/documentários amadores - *Bandeiras Vermelhas* e *Retrato em 3x4* - ambos produzidos pela equipe de professoras e estudantes do curso de História<sup>9</sup>.

Quando ainda não tinha concluído os dois anos à frente da coordenação do curso PEC/MSC (06/2004 a 12/2005), fui convencida pelos colegas do DH que deveria me candidatar à coordenação da Pós-graduação em História, para exercer o segundo mandato do PPGH, de 03/2006 a 08/2008<sup>10</sup>. O mestrado tinha sido criado há pouco tempo<sup>11</sup> e novos aprendizados e desafios se impuseram: conhecer as demandas dos órgãos de fomento, essencialmente Capes e CNPq; enfrentar a fase de implantação mais aguda do regime produtivista da pós-graduação no Brasil, resultando na difícil experiência acadêmica - a de criar critérios para o credenciamento e, principalmente, desc credenciamento de colegas de Programa.

A seguir imagens da atividade administrativa junto ao PPGH/UFPB e momentos mais descontraídos com a primeira turma de mestrandos:

---

<sup>8</sup> O Programa de Licenciatura - PROLICEN é um programa de apoio para Cursos de Licenciatura da UFPB. O Programa é coordenado pela Pró-reitoria de Graduação desde 1994, através do GT de Licenciatura e envolve a participação professores e alunos da UFPB, além de professores do ensino básico que desenvolvem atividades conjuntas de ensino, pesquisa e extensão nos Cursos de Licenciatura e nas Escolas Públicas. O PROLICEN tem o objetivo de melhorar a formação inicial nos Cursos de Licenciatura, bem como a formação continuada nas escolas públicas do Estado da Paraíba. Disponível em: <http://www.prg.ufpb.br/prg/programas/prolicen>. Acesso em: 26 jun. 2019.

<sup>9</sup> Ver maiores detalhes sobre essa experiência em: CURY, 2009.

<sup>10</sup> O primeiro coordenador foi o professor Elío Chaves Flores (2004-2006).

<sup>11</sup> Antes de completar o triênio do estágio probatório já havia assumido três coordenações: Laboratório de História, o Curso do PEC/MSC e o PPGH/UFPB.



IMAGEM 29: Na secretaria do PPGH/UFPB com Regina Célia Gonçalves, vice coordenadora do Programa, e Virginia Régis Kyotoku, secretária do Programa que, com sua experiência, nos auxiliou muito nos anos de implantação do PPGH (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 30: Primeira turma do PPGH/UFPB em churrasco de confraternização na casa de minha primeira orientanda Maria Ivonilde de Mendonça Targino, sentada ao centro, de calça e camisa azul sobre camiseta branca, em 2006 (acervo pessoal da autora).

Por outro lado, à frente da Coordenação do Mestrado em História foi possível estabelecer parcerias com colegas/professores de outras universidades brasileiras. Destacaria o reencontro com o meu querido Professor Sidney Chalhoub (Unicamp), que nos honrou com sua presença em um dos primeiros seminários que foram realizados ao longo dos últimos anos sob o título de História e Cultura Histórica, que é a área de concentração do PPGH. Tivemos também as

*visitas das professoras Ângela de Castro-Gomes (UFF) e Hebe Mattos (então UFF, hoje UFJF) em ocasiões distintas.*

*Seguem-se alguns flashes dessas presenças em João Pessoa:*



IMAGEM 31: O professor Sidney Chaloub, em conversa com os mestrandos do PPGH-UFPB, abril de 2008 (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 32: Da esquerda para a direita as professoras Carla Mary Oliveira, Ângela de Castro-Gomes, a autora e o esposo da professora Ângela, em junho de 2009 (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 33: Professora Ângela de Castro Gomes em atividade com os mestrandos do PPGH/UFPB em junho de 2009 (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 34: Da esquerda para a direita: a autora e as professoras Regina Célia Gonçalves e Hebe Mattos no ponto extremo oriental das Américas, na cidade de João Pessoa (acervo pessoal da autora).

Ao final de minha gestão firmamos um convênio entre o PPGH/UFPB e o PPGH/UFMG (2009-2012), por meio do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica Novas Fronteiras (PROCAD-NF)<sup>12</sup>, com o projeto intitulado Patrimônios - Conexões Históricas. Dentre as missões de cooperação acadêmica previstas estava a ida de colegas para seu pós-doutoramento na UFMG e a missão docência com permuta de professores para atividades concentradas de aulas nos dois programas. Coube a mim e ao professor Antônio Carlos Ferreira Pinheiro uma dessas missões

<sup>12</sup> Assumiu a coordenação do PPGH (maio a dezembro de 2011) e do Convênio (2009-2012) a professora Carla Mary S. Oliveira.

docência e, em contrapartida, recebemos vários colegas/professores da UFMG, dentre eles Luiz Carlos Villalta e Eduardo França Paiva.

A imagem abaixo ficou como registro de parte dos resultados do Convênio mencionado anteriormente. Trata-se de uma mesa redonda, realizada dentro da programação do II Encontro de História do Império Brasileiro, em novembro de 2010. Conforme podemos observar na imagem a seguir com a presença do professor João Azevedo, que nos deixou precocemente (*in memoriam*), do professor Edson Hely Silva (UFPE/ UFRPE) e do professor Eduardo França Paiva (UFMG).



IMAGEM 35: Mesa redonda “O Olhar Estrangeiro - Viagens e Viajantes no Império Brasileiro”. Da esquerda para a direita, os Edson Hely Silva, João Azevedo Fernandes e Eduardo França Paiva (acervo pessoal da autora).

Paralelamente à Coordenação do PPGH assumi a presidência da Comissão Editorial da Revista *Saeculum*<sup>13</sup> que precisava readquirir regularidade em sua periodicidade. Graças à parceria com a colega e amiga de todos esses anos de UFPB, a professora Carla Mary Oliveira, e uma comissão

<sup>13</sup> A *SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA* é publicada pelo Departamento de História da UFPB desde 1995 e, a partir de 2004, passou a ser também o periódico do Programa de Pós-Graduação em História da mesma universidade. Sua frequência é semestral, e se trata de uma revista voltada à divulgação e debate de pesquisas no campo da História e da Cultura Histórica e suas diversas interfaces, abrindo espaço para pesquisadores do Brasil e do exterior. Atuei como Presidente da Comissão de Editoração do n. 14 - jan./jun. 2006 até o n. 16 jan./jun. 2007 e entre jan. 2010/ dez. 2011. Permaneço até os dias de hoje como membro de seu corpo editorial.



*de editoração dedicada, a Revista adquiriu novo formato, foi atualizada e manteve a sua semestralidade até os dias atuais.*



IMAGEM 36: Lançamento da edição n. 22 da SAECULUM, com dossiê “História e História da Educação”, organizado pela autora e pelo professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, em foto de 2011 (acervo pessoal de Carla Mary Oliveira).

*A partir de 2008 passei a me dedicar prioritariamente à docência, à pesquisa e à extensão - esta última em menor proporção - restringindo minha participação nas atividades de cunho administrativo apenas às comissões departamentais ou da pós-graduação.*

*Destacaria, no âmbito da extensão, o projeto desenvolvido junto ao Acervo Documental do Centro Cultural Piollin (abril/2010 a abril/2011), que objetivou organizar o referido espaço e conjunto de documentos sob sua guarda. À Mariana Marques Teixeira<sup>14</sup> tributo todos os esforços, dedicação e resultados exitosos que foram alcançados nesse projeto, porque da equipe inicial de professores e de estudantes do curso de História, foi ela quem não desistiu da árdua tarefa de coordenar a equipe de estudantes, considerando que as condições e os recursos disponíveis*

<sup>14</sup> Mariana Marques Teixeira inspirada na documentação que teve acesso durante o projeto de extensão desenvolveu uma dissertação de mestrado “Olha o Público Cansado de Esperar, o Espetáculo Não Pode Parar! - Reflexões sobre as práticas educativas da Escola Piollin (1977-1984)”, sob a minha orientação e concluída em 2012.

para a realização do trabalho eram praticamente nulos.

A docência teve um papel de destaque em minha vida acadêmica e, ao adentrar ao mundo público, aprendi que se tratava de “atividade fim”, como se diz no jargão acadêmico. Acrescentaria, nesse sentido, que além das disciplinas da graduação também ministrei aulas, durante dez anos, de Metodologia da História no PPGH/UFPB, e de Seminário de Pesquisa em História da Educação, destinada aos mestrandos e doutorandos, no PPGE/UFPB.

Fazendo algumas projeções para o futuro - já que o passado é ator principal em memoriais - diria que caberá aos docentes que foram selecionados por concurso público no processo de renovação do Departamento de História/UFPB ocorrido de forma mais efetiva nos últimos cinco anos, enfrentar os desafios postos para a graduação e pós-graduação no Brasil, assim como inventar novos caminhos e direções para a formação de professores de História no Campus I da UFPB. Digo isso inspirada nas recentes discussões que tivemos no Departamento, para a aprovação do novo Projeto Pedagógico para o Curso de História. Assistimos o embate acadêmico entre as várias concepções em relação à configuração de como se estruturar o currículo da licenciatura, tanto no que diz respeito à forma de tratar os conteúdos quanto nas metodologias que deveriam ser adotadas. Acalmados os ânimos mais exaltados, antigas e novas gerações departamentais chegaram a bom termo. A partir de 2020 outros enfrentamentos políticos provavelmente devem acontecer, principalmente sob o mandato do atual Presidente da República do Brasil (2019) e seus ministros da Educação, que têm se mostrado como representantes de uma das fases de maior retrocesso para o ensino e a pesquisa no país, opinião que compartilhada por parte da comunidade científica e acadêmica brasileira.

### 3.1. DE COMO ME TORNEI HISTORIADORA DA EDUCAÇÃO: GRUPOS DE PESQUISA E ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS

Durante os anos em que concluía o mestrado (1997), conheci o professor Antônio Carlos Ferreira Pinheiro que, naquele ano, cumpria os créditos de seu doutorado na Linha de Filosofia e História da Educação do PPGE/Unicamp. Uma amiga comum, Maria Rita de Assis César<sup>15</sup>, nos apresentou,

<sup>15</sup> Atualmente é professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Fomos colegas de trabalho na Escola Parthenon e nos

*nos tornamos amigos e, anos mais tarde, decidimos que queríamos construir uma vida juntos!*

*A paixão de Antonio Carlos pela História da Educação foi aos poucos me contaminando e me propus a ajudá-lo na finalização da coleta documental para sua tese de doutorado. Em 2001 ele precisou retomar as suas atribuições na UFPB e eu concluí o trabalho de transcrição documental junto ao Arquivo Público do Estado de São Paulo e ao Arquivo Nacional no Rio de Janeiro. Algum tempo depois, quando já estávamos juntos na condição de companheiros de vida e como pesquisadores em parceria, completamos essa série documental no Arquivo da Faculdade de Direito do Recife. O resultado desse trabalho foi a organização do volume sobre a Paraíba publicado pela Sociedade Brasileira de História da Educação (PINHEIRO & CURY, 2004).*



IMAGEM 37: Capa do CD-ROM organizado pela autora e pelo professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, publicado pela SBHE e pelo INEP, cujo conteúdo hoje está disponível para download na web (acervo pessoal da autora).

*Quando cheguei à UFPB em 2002, Antonio Carlos já mantinha um grupo de estudos sobre a História da Educação que funcionava no Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR), do qual fui convidada a participar. Paralelamente fizemos um curso*

---

*tornamos amigas. Ela é bióloga de formação, mas fez seu mestrado e doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação/Unicamp, assim como eu.*

no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano<sup>16</sup> (IHGP), sobre *História da Paraíba Colonial* com Guilherme d'Ávila Lins<sup>17</sup>, um metódico convicto. As manhãs dedicadas a ouvi-lo me ajudaram a conhecer um pouco melhor a História do estado que havia me acolhido e que eu tinha escolhido para viver e trabalhar. Dessa forma, fui me aproximando da história paraibana e me interessando cada vez mais pelos temas da História da Educação com recorte no século XIX.

Em 2003 passei a fazer parte do HISTEDBR-PB<sup>18</sup>, grupo de pesquisa que já conhecia da Unicamp, mas do qual só me senti à vontade de participar depois de minha chegada à Paraíba, em virtude do formato menos ortodoxo em relação às orientações teóricas e metodológicas propagadas pelo grupo originário sediado na Unicamp. Isso significa dizer que as discussões acerca das culturas escolares não sofreram cerceamento e pude consolidá-las por meio das orientações de doutorado que ocorreram algum tempo depois em 2006,

<sup>16</sup> À época frequentava o mesmo curso no IHGP, a professora Serioja Cordeiro Mariano, que tem desenvolvido importantes estudos sobre a Paraíba dos oitocentos. Alguns anos depois, nos tornamos colegas no Departamento de História (DH) e parceiras em pesquisas sobre a Paraíba Oitocentista.

<sup>17</sup> “Médico, professor universitário e pesquisador de história, nasceu na capital paraibana em 26 de novembro de 1941 [...]. Na área de história, da sua longa formação autodidática, arrimou-se à linha metódica e hermenêutica fazendo-se um pesquisador do período colonial do Brasil, principalmente do Nordeste brasileiro e em particular da Paraíba, incluindo-se aí, obviamente, a fase do domínio neerlandês. Dentre os seus trabalhos já publicados registre-se aqui apenas o primeiro livro de crítica histórica sobre o período colonial da Paraíba, intitulado *Uma apreciação crítica do período colonial na “História da Paraíba Lutas e Resistência”* (...) É ainda Sócio Efetivo do Instituto Paraibano de Genealogia e Heráldica (IPGH), Sócio-Honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Cariri (IHGC), Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande (IHGCG), Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), Sócio Correspondente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHG), Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL), Sócio Correspondente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHGSP), Sócio Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IHGPR) e Sócio Efetivo da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA)”. Disponível em: <http://www.ihgp.net/guilherme.htm>. Acesso em: 24 jun. 2019.

<sup>18</sup> Ver mais sobre a história do grupo de pesquisa HISTEDBR-PB em: PINHEIRO, 2012.

quando me vinculei à linha de Fundamentos e Processos em Educação Popular do PPGE/UFPB<sup>19</sup>. A referida linha sofreu uma reestruturação em 2007 e passou a chamar-se História da Educação.

Uma das ações relacionadas à consolidação da Linha de Pesquisa em História da Educação foi a organização de seminários internos, eventos que contaram com a participação de mestrandos e doutorandos que apresentavam suas respectivas pesquisas em andamento, propiciando debate com os colegas e professores da linha no sentido de melhor qualificar a conclusão de seus respectivos trabalhos.

A imagem a seguir é do primeiro seminário que a Linha de HE/PPGE/UFPB realizou:



IMAGEM 38: Mesa redonda do I seminário da Linha de HE/PPGE. Da esquerda para a direita: a autora, Wilson José Félix Xavier, atualmente Professor da UFPB/ Campus de Areia; Bruna Moraes de Paiva, mestranda à época e atualmente professora da rede privada de ensino em João Pessoa; e professora Mauricéia Ananias, docente do Departamento de Habilitações Pedagógicas do Centro de Educação, do PPGE e pesquisadora do GHENO, onde atuou como vice-líder até abril de 2019 (acervo pessoal da autora).

Outras ações somaram-se a essa: a organização de um dos Encontros de Educação do Norte e Nordeste (EPENN/2009) e do X Seminário do HISTEDBR -PB (2012).

---

<sup>19</sup> Ver mais sobre a história dessa linha de pesquisa em: PINHEIRO, 2019.



IMAGEM 39: Uma das reuniões realizadas durante o EPENN 2009, com diversos colegas de IES das regiões Norte e Nordeste que pesquisam na área de História da Educação (acervo pessoal da autora).

*As três imagens que se seguem são relativas às atividades do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” - História da Educação Brasileira: experiências e peculiaridades, quando se comemoraram os Vinte Anos do HISTEDBR-PB (2012):*



IMAGEM 40: Mauricéia Ananias e a autora no encerramento do Encontro dos Vinte Anos do HISTEDBR-PB em João Pessoa/PB, 2012. Auditório da Reitoria (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 41: Auditório da Reitoria - encerramento do IX Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil": Mauricéia Ananias e Raimundo Barroso Cordeiro Junior, 2012. Sem a parceria dessa dupla a organização de eventos teria sido impossível. Selecionei fotos de sorrisos na tentativa de guardar os momentos mais agradáveis (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 42: Secretária do Encontro dos 20 anos do HISTEDBR-PB. Na frisa: Tatiana de Medeiros Santos, Vânia Cristina e Luiz Mário Burity. Em pé, da esquerda para a direita: uma estudante monitora do evento, Thiago de Oliveira, Michelle Lima da Silva, Maday de Souza Moraes, Mariana Marques Teixeira, a autora, Mauricéia Ananias e Antonio Carlos Ferreira Pinheiro (acervo pessoal da autora).

Em 2004 foi a vez da criação do Grupo de Pesquisa em História da Educação no Nordeste Oitocentista - GHENO (página web disponível em: <https://ghenoufpb.wixsite.com/gheno>)<sup>20</sup>, vinculado ao então recém-criado Programa de Pós-graduação em História (CONSUNI/ Resolução n. 06/2003).

Destaco a seguir, por meio de imagens, os eventos que organizamos como grupo de pesquisa (GHENO), com o intuito de estabelecer vínculos acadêmicos entre os chamados historiadores “de ofício” e os historiadores da Educação. Destaco a importância da participação de colegas historiadores da educação da região Nordeste que somaram esforços para o fortalecimento da inserção do campo da História da Educação como objeto de estudos e pesquisas para os historiadores em âmbito mais geral.

---

<sup>20</sup> O Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista (GHENO) foi criado em 2004 como uma das Linhas de Pesquisa do Grupo: Saberes Históricos - ensino de história, historiografia e história da educação e assim permaneceu até junho de 2009 quando seus membros decidiram que era hora de criar um grupo de pesquisa independente. O Grupo conta com a participação de alunos do Programa de Pós-Graduação em História e em Educação ambos da Universidade Federal da Paraíba, alunos de iniciação científica e de graduação também de ambos os cursos. Os estudos e pesquisas desenvolvidas pelo grupo giram em torno de temas relacionados à instrução pública e particular no Oitocentos. O Grupo de Pesquisa tem se dedicado a organizar e publicar, nos últimos anos, tanto livros de fontes documentais sobre o período quanto coletâneas que procuram dar visibilidade às pesquisas desenvolvidas por seus membros. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/gheno.ufpb/>. Disponível em: [http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/grupo/identificacao\\_grupo.jsf](http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/grupo/identificacao_grupo.jsf). Acesso em: 21 jun. 2019.



**I ENCONTRO DE HISTÓRIA DO IMPÉRIO BRASILEIRO**  
**Múltiplas Visões: Cultura Histórica no Oitocentos**  
Universidade Federal da Paraíba  
João Pessoa - PB - 24 a 27 de setembro de 2008

**EIXOS TEMÁTICOS:**  
1. INSTRUÇÃO E CULTURA ESCOLAR  
2. PODER, POLÍTICA E CONSTRUÇÃO DO ESTADO NACIONAL  
3. IMPRENSA, IMPRESSOS E PRÁTICAS DE LEITURA.  
4. ESCRAVIDÃO, TRABALHO LIVRE E POBREZA..  
5. FESTAS, VIDA COTIDIANA E RELIGIOSIDADES.  
6. POVOS INDÍGENAS.  
7. ESPAÇO, TERRITORIALIDADES E FRONTEIRAS.  
8. INTOLERÂNCIA E VIOLÊNCIA

Inscrição de Propostas de Mini-Cursos: 24 de março a 2 de maio de 2008  
Inscrição de trabalhos: 24 de março a 2 de maio de 2008  
Envio de Textos Completos para os Anais Eletrônicos: até 21 de julho de 2008

Para maiores informações, acesse:  
<http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/imperio2008/>

PROMOÇÃO: APOIO:

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM  
**HISTÓRIA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA



IMAGEM 43: Cartaz de divulgação do I Encontro de História do Império Brasileiro, 2008 (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 44: Conferência de Abertura do I Encontro de História do Império Brasileiro, com o Professor Dr. Manoel Salgado Guimarães, Auditório do CCHLA-UFPB, 2008 (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 45: Encerramento do I Encontro de História do Império Brasileiro (2008), que contou com a presença da professora Diana Vidal (USP), como conferencista de encerramento. Na foto, da esquerda para a direita: os professores Manoel Salgado Guimarães, Cristiano Ferronato (à época doutorando do PPGH-UFPB, atualmente docente da UNIT/SE), Diana Vidal, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro e uma estudante do curso de Pedagogia da UFPB (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 46: Cartaz de divulgação do II Encontro de História do Império Brasileiro, João Pessoa, 2010 (acervo pessoal da autora).

**CALENDÁRIO**

# Inscrições de resumos: de 19 de maio a 30 de junho de 2010 (iniciação Científica e orientador; mestrandos; mestres; doutorandos; doutores e demais pesquisadores), somente por via eletrônica.  
 # Divulgação dos resumos aprovados: 7 de agosto de 2010.  
 # Envio de texto completo para os anais eletrônicos: até 30 de agosto de 2010.

**INFORMAÇÕES**

# As inscrições para participação no evento terão duas modalidades: ouvinte e apresentador.  
 # A ficha de inscrição devidamente preenchida e o comprovante de depósito devem ser enviados como anexos para o e-mail imperio2010@ufpb.com.br.  
 # A inscrição como ouvinte dá direito ao CD-ROM com os anais eletrônicos e certificado de participação no evento como ouvinte, além do material de apoio.  
 # Haverá uma sessão de lançamento de livros na noite do dia 16 de novembro. Serão aceitas, no máximo, 10 inscrições para esta atividade, através da ficha disponível on line, que deverá ser enviada para o e-mail imperio2010@ufpb.com.br.  
 # Caso o trabalho inscrito seja recusado pelo Comitê Científico não haverá devolução da taxa de inscrição.  
 # Os participantes estrangeiros poderão efetuar o pagamento da taxa de inscrição no momento do credenciamento, no dia 14 de novembro de 2010.

**TAXAS DE INSCRIÇÃO:**

CATEGORIA	ATE 30 DE JUNHO DE 2010	APÓS 30 DE JUNHO DE 2010
INVITEE (com apresentação de trabalho, com direito a certificação de ouvinte e CD-ROM dos Anais Eletrônicos)	R\$ 10,00	R\$ 20,00
ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO (com apresentação de trabalho - apenas com orientador)	R\$ 20,00	-
PÓS-GRADUANDOS (com apresentação de trabalho)	R\$ 30,00	-
PROFESSORIAIS (com apresentação de trabalho)	R\$ 50,00	-
RESERVAÇÕES E ESTUDANTES DE INSTITUIÇÕES ESTRANGEIRAS (com apresentação de trabalho)	US\$ 30,00	-

**CONTA PARA DEPÓSITO:**

Banco do Brasil  
 Agência 4453/9  
 Conta Poupança nº 8.842 - (operação 01)  
 Titular: Solange Pereira da Rocha

**EIXOS TEMÁTICOS**

- 1 - Instrução e Culturas Escolares
- 2 - Culturas políticas e construção do Estado Nacional
- 3 - Imprensa, Impresses e Práticas de Leitura
- 4 - Sociedade escravista: escravizados, mulheres e homens livres pobres
- 5 - Arte, Festas, Vida Cotidiana e Religiosidades
- 6 - Viajantes e Povos Indígenas
- 7 - Cidades, Territorialidades e Fronteiras
- 8 - Intolerância e Violência
- 9 - Sociabilidades Femininas e Infância

**PROGRAMAÇÃO**

**14 de novembro de 2010 (domingo)**

Tarde - Credenciamento - 16:30 às 18 hs  
 Noite - Conferência de Abertura (18hs)  
 Justino Pereira de Magalhães (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Lisboa)

**15 de novembro de 2010 (1ª feira)**

Manhã - Mesa Redonda - A instrução pública nos oitocentos  
 Antonio de Pádua Carvalho Lopes (UFPI)  
 César Augusto Castro (UFMA)  
 Iranilson Burtli de Oliveira (UFCCG) - coordenador

Tarde - Comunicações - Eixos Temáticos (14:30 às 18:30 hs)

**16 de novembro de 2010 (2ª feira)**

Manhã - Mesa Redonda - O Olhar Estrangeiro: Viagens e Viajantes no Império Brasileiro  
 Eduardo França Paiva (UFFMG)  
 Edson Hely Silva (UFPE/UFRRPE)  
 João Azevedo Fernandes (UFPB) - coordenador

Tarde - Comunicações - Eixos Temáticos (14:30 às 18:30 hs)

Noite - Lançamento de livros (19 hs)

**17 de novembro de 2010 (3ª feira)**

Manhã - Mesa Redonda - Experiências da população negra na sociedade escravista no Império  
 Wellington Barbosa da Silva (UFRRPE)  
 Isabel Cristina Ferreira Reis (UFRJ/UNEB)  
 Tânia Maria Pires Brandão (UFPE) - coordenadora

Tarde - Comunicações - Eixos Temáticos (14:30 às 18:30 hs)

**18 de novembro de 2010 (4ª feira)**

Manhã - I Simpósio PROCAD-NF - Mesa Redonda - Patrimônios - Conexões Históricas  
 Adriana Romeiro (UFFMG)  
 Naudiney de Castro Gonçalves (mestrando PPGH-UFMG)  
 Paloma Porto Silva (mestre PPGH-UFPB) doutoranda PPGH-UFFMG)  
 Carla Mary S. Oliveira (UFPB) - coordenadora

Tarde - atividade interna PROCAD-NF

IMAGEM 47: Folder de divulgação (páginas internas) do II Encontro de História do Império Brasileiro, João Pessoa, 2010 (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 48: Encerramento da Conferência de Abertura no Auditório do centro de Ciências, Letras e Artes (CCHLA), 2010. Da esquerda para a direita os professores: Antonio Carlos Ferreira Pinheiro (UFPB), César Augusto castro (UFMA), Anamaria Gonçalves de Freitas (UFS), Justino Magalhães (Universidade de Lisboa), Antonio de Pádua Carvalho-Lopes (UFPI), Mauricéia Ananias (UFPB). (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 49: Encerramento do Encontro: monitores do PPGH e PPGE (UFPB), 2010. Atrás e em pé: a autora e o Professor Raimundo Barroso Cordeiro Júnior (à época coordenador do PPGH/UFPB) (acervo pessoal da autora).

Em relação ao III Encontro do Império Brasileiro, ocorrido em 2012, na cidade de São Luís do Maranhão não foi possível recuperar nenhuma imagem.

A seguir o registro do texto de apresentação da quarta e última edição do Evento, ocorrido em Recife/PE em 2014. Saímos de lá com a promessa de que os colegas da Bahia fariam o seguinte. Infelizmente isso não ocorreu.



IMAGEM 50: PRINTSCREEN do site, ainda no ar, do IV Encontro de História do Império Brasileiro; realizado na UFRPE, em Recife, entre 25 e 27 de novembro de 2014 (acervo pessoal da autora).

*A saída encontrada pelos grupos de pesquisa da UFPB dedicados ao oitocentos foi a organização de seminários internos entre o GHENO e o Grupo Estado, Cultura e Sociedade no Nordeste Oitocentista<sup>21</sup>.*



IMAGEM 51: Encerramento do seminário interno dos grupos de pesquisa do Oitocentos da UFPB, agosto de 2013 (acervo pessoal de Carla Mary Oliveira).

*Em 2007 elaborei o primeiro de uma série de projetos de Iniciação Científica (PIBIC/UFPB/CNPq) que foram concluídos em 2017. Olhando pra o conjunto deles é possível reconhecer uma espécie de cartografia desenvolvida no Campo da História da Educação:*

- 1. A Organização da Instrução Pública e Particular na Paraíba (1822-1864) - Interfaces com as Culturas Escolares;*
- 2. As Escritas da História Sobre a Instrução na Parahyba Oitocentista: O Que Escreveram os Jornais e a Literatura Acerca da Instrução na Parahyba Oitocentista e a Instrução Pública e Particular nos Acervos da Cúria Metropolitana de João Pessoa (1822-1864);*
- 3. História da Educação na Paraíba entre os Anos de 1889 a 1910 - Transições e Conexões da Monarquia para a República: Os Jornais Paraibanos e a Escrita da História da Educação na Transição da Monarquia Para A República/ A Educação nos Relatórios dos Presidentes de Província e nas Mensagens de Presidente de Estado na Transição da Monarquia para a República;*

---

<sup>21</sup> Coordenado pelas professoras Solange Pereira da Rocha e Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano.

4. *Instituições Escolares e Cultura Material Escolar (1822 a 1850) - Temas e Possibilidades de Pesquisa: Cultura Material Escolar na Província da Parahyba do Norte e Vilas do Interior: 1822-1850/ Instituições Escolares na Capital da Província da Parahyba do Norte e Vilas do Interior: 1822-1850;*
5. *Circulação de Livros, Compêndios e Artefatos Escolares na Parahyba do Norte do Oitocentos: Cultura Material Escolar - As Aulas de Primeiras Letras e a Instrução Secundária: Parahyba do Norte (1822-1889)/ Espaços Destinados à Leitura e à Venda de Livros e Compêndios Escolares - Parahyba do Norte (1822-1889) [esse projeto foi reapresentado para cobrir a segunda metade do século XIX];*
6. *Circulação de Livros, Compêndios e Artefatos Escolares na Parahyba do Norte na Segunda Metade do Oitocentos: Cultura Material/ Espaços Destinados à Leitura e à Venda de Livros e Compêndios Escolares - Parahyba do Norte (1850-1889);*
7. *Imprensa e Impressos na Paraíba na Segunda Metade do Século XIX: Tipografias, Livros e Compêndios Escolares - O Jornal Da Parahyba (1862-1889): A Typografia Parahybana / O Publicador (1862-1886): a Typografia de José Rodrigues da Costa;*
8. *Manuais de Civilidade na Imprensa Paraibana Oitocentista: Indícios de Práticas Educativas - Os Manuais de Civilidade no Jornal O Publicador (1862-1886): a Constituição do Saber Histórico Escolar.*

Os projetos de Iniciação Científica e seus respectivos planos de trabalho propiciaram orientações de monografias de final de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado junto ao PPGH e ao PPGE/UFPB. Nesse momento ainda estão em curso dois projetos desenvolvidos junto ao GHENO: “História da Circulação de Impressos sobre Educação e Instrução no Brasil Oitocentista” e “Leitores, impressos e imprensa para os estudos educacionais no século XIX”.

Posso dizer que as pesquisas elencadas acima partiram da perspectiva de se pensar a configuração e a organização da escola pública moderna ao longo do século XIX, ressaltando-se as especificidades paraibanas. Dessa premissa inicial, dois caminhos complementares direcionaram a continuidade dos estudos: um deles foi a apreensão das formas de escrita elaboradas pelos documentos oficiais e pelos jornais. E o segundo caminho foi o de olhar para o cotidiano escolar

por meio da apropriação dos conceitos de cultura escolar e de cultura material escolar.

A escolha das temporalidades dos estudos anteriormente referidos, ou seja, a primeira e a segunda metades do século dezanove justificam-se em observação aos objetivos de identificação e transcrição das fontes documentais nos acervos alocados na cidade de João Pessoa. Imbricada às temporalidades está a sistematização das questões de cunho teórico que foram tratadas em capítulo de livro da Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil (CURY, 2010), especialmente a utilização do conceito de culturas escolares. Na ocasião já se acentuava a escolha pela História Cultural, por meio das leituras que passei a fazer de forma mais sistemática dos estudos sobre a história do livro e das práticas de leitura propugnados por Roger Chartier.

Os desdobramentos das pesquisas e orientações relativos à História da Educação na Paraíba dos Oitocentos me levaram à Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE)<sup>22</sup> e foi por meio dos congressos realizados pela entidade que fui estreitando laços acadêmicos com os colegas das regiões Norte e Nordeste e também com os de outras regiões brasileiras.

A imagem a seguir mostra um momento descontraído no coquetel de abertura do III Congresso Brasileiro de História da Educação, na companhia dos colegas professores Antonio de Pádua de Pádua Carvalho Lopes (UFPI) e Jorge Carvalho do Nascimento (UFS):

---

<sup>22</sup> “Fundada em setembro de 1999, a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) é parte do processo de institucionalização da área de História da Educação no país. A criação da entidade proporcionou novos espaços para a discussão e a divulgação da produção da área, tendo como expressões destes lugares, físicos e simbólicos, os Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHE), a Revista Brasileira de História da Educação (RBHE) e as coleções Horizontes da História da Educação e Documentos da História da Educação Brasileira. O primeiro CBHE foi realizado em 2000 [...]”. Disponível em: <https://www.sbhe.org.br/quem-somos-nos>. Acesso em: 23 jun. 2019.



IMAGEM 52: Descontração com os colegas na abertura do III CBHE, em Curitiba. Da esquerda para a direita, a autora e os professores Antônio de Pádua Lopes e Jorge Carvalho do Nascimento (acervo pessoal da autora).

Em 2013 recebi um convite do professor José Gonçalves Gondra (UERJ) para compor a Diretoria da Sociedade Brasileira de História da Educação no biênio 2013-2015<sup>23</sup>, em substituição ao Professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, junto à Tesouraria da Sociedade. Aceitei o convite, sentindo o peso da responsabilidade e do compromisso, mas convicta que faria todo o possível para honrar a confiança dos sócios.

Em 2017 o PPGH/UFPB, em parceria com os grupos de pesquisa HISTEDBR-PB e GHENO, sediou a realização do IX Congresso Brasileiro de História da Educação (IX CBHE), nas dependências da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no período de 15 a 18 de agosto. Durante quase dois anos houve dedicação expressiva dos estudantes de graduação, de mestrado e de doutorado, dos colegas do Curso de História e da Linha de História da Educação/PPGE/UFPB e de nosso funcionário Geraldo (PPGH/UFPB), todas as pessoas referidas não mediram esforços para viabilizar o Evento que teve como tema central “História da Educação: global, nacional e regional”. O evento contabilizou cerca de 1.113 inscritos, três mesas-redondas e duas conferências - a de Abertura, com o professor Roger Chartier e a de Encerramento com a professora Carlota Boto (USP). Concluída mais essa tarefa junto à SBHE e encerrando

<sup>23</sup> Aceitei o convite para permanecer na tesouraria no biênio 2015-2017, sob a presidência do Professor Dr. Carlos Eduardo Vieira (UFPR).



*meu segundo mandato como tesoureira, aceitei o convite do professor Carlos Eduardo Vieira para presidir a Comissão Editorial da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE)<sup>24</sup>.*



IMAGEM 53: A autora apresentando o professor Roger Chartier antes de sua conferência, na abertura do IX CBHE, João Pessoa, agosto de 2017 (acervo pessoal de Carla Mary Oliveira).

---

<sup>24</sup> A autora exerce a função de Editora-Chefe (biênio 2017-2019) da RBHE, formando a Comissão Editorial do periódico juntamente com as professoras Terciane Ângela Luchese (Universidade de Caxias do Sul), Ana Clara Bortoleto Nery (UNESP/Marília) e Evelyn de Almeida Orlando (PUC-PR). “A RBHE é publicada desde 2001, segue em circulação de forma regular e ininterrupta, enquanto que as coleções Documentos e Horizontes foram responsáveis pela publicação de 25 volumes, seja na forma de impressos ou de e-books”. Disponível em: <https://www.sbhe.org.br/quem-somos-nos>. Acesso em: 23 jun. 2019.



IMAGEM 54: A autora e o professor Antonio Carlos Ferreira Pinheiro em atividade de organização durante o IX CBHE, João Pessoa, agosto de 2017 (acervo pessoal de Carla Mary Oliveira).



IMAGEM 55: Mesa de posse da nova diretoria da SBHE (biênio 2017-2019) durante o IX CBHE, João Pessoa, agosto de 2017. Da esquerda para a direita, professores Sílvia Brito, Marcus Tabora, Carlos Eduardo Vieira, a autora e Libânia Xavier (acervo pessoal de Carla Mary Oliveira).

Para concluir essa parte da narrativa foi preciso enfrentar o registro de um episódio ocorrido em 2017, pois ele se relaciona diretamente com minha progressão funcional para a classe de professor titular. Em maio daquele ano e preparando-me já há cerca de um ano para

a aposentadoria (orientações concluídas, não abertura de novas vagas para os programas de pós-graduação, etc.), aconteceu o que denominei de “minha desaposentadoria”: por motivos óbvios são lembranças nada agradáveis.

Às vésperas da publicação de minha portaria pela Reitoria da UFPB no DOU detectou-se um erro em relação ao entendimento da legislação por parte do setor responsável pelos cálculos e eu ainda precisava cumprir mais cinco anos do total dos 20 anos necessários de serviço público, exigência para aqueles contratados a partir de 2003, e esse era o meu caso. Passado o trauma da notícia, mergulhei nos preparativos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação e segui a carreira acadêmica.

### 3.2 DE VOLTA AO UNIVERSO DOS LIVROS: TIPOGRAFIAS E LIVRARIAS

Aos poucos as pesquisas sob minha orientação foram me conduzindo para o universo dos impressos, das tipografias dos tipógrafos, dos livros, dos manuais e dos compêndios escolares e, foi dessa forma, que me reencontrei com a velha Casa Genoud lugar onde meu avô materno viveu boa parte de sua vida adulta e que povoou a minha imaginação e curiosidade infantil, conforme já mencionei no início deste memorial.

Por ocasião da realização do III Encontro do Império Brasileiro na cidade de São Luís do Maranhão (2012), uma parceria entre o GHENO, a Universidade Federal do Maranhão, a Universidade Estadual do Maranhão e seus respectivos programas de pós-graduação em História, apresentei o texto intitulado “Os Compêndios e a Circulação de ideias francesas no Lyceu Provincial da Parahyba do Norte (1850-1889)”, que resultou na publicação, em 2015, de um capítulo na coletânea O IMPÉRIO DO BRASIL - EDUCAÇÃO, IMPRESSOS E CONFRONTOS SOCIOPOLÍTICOS, organizada por mim e pelos professores Marcelo Cheche Galves (UEMA) e Regina Helena Martins Faria (UFMA).



IMAGEM 56: Capa da coletânea resultante do III Encontro de História do Império Brasileiro, realizado em São Luís, na UFMA, em 2014 (acervo pessoal da autora).

*Os trechos a seguir indicam algumas das ponderações acerca das pesquisas realizadas até aquele momento e que serviram para alimentar a construção de uma história sobre a Casa Genoud:*

*[...] a compreensão de que algumas tipografias, apesar de se constituírem, prioritariamente, como espaços de produção de artefatos impressos, como por exemplo: jornais, revistas, livros, panfletos, cartazes, anúncios, e toda sorte de material oriundo dos poderes locais, especialmente, da assembleia legislativa e da presidência da província que, ordinariamente, publicavam leis, decretos, resoluções e relatórios, tornavam-se, também, lugares de venda a varejo, conforme identificou Peixoto em seus estudos. (CURY, 2015, p. 137)*

*Foi possível inferir que a publicação em jornais do século dezenove das listas de livros, compêndios e artefatos escolares indicados, muitas vezes, pelos relatórios dos presidentes de província relativos às instituições escolares na Província da Parahyba do Norte, mas também verificadas por pesquisadores em outras províncias do Império durante os oitocentos, fortalecia a argumentação de uma relação*

*existente entre a procura por materiais e artefatos escolares e a oferta contida nos espaços destinados à venda desses materiais. Identificou-se também que havia permuta de jornais entre as províncias, configurando aquilo que posteriormente denominei de um circuito cultural que envolvia livros, compêndios, artefatos escolares, obras literárias, opiniões dos homens letrados sobre os caminhos da instrução e educação no período imperial.*

*Amparada por esses estudos que vinha desenvolvendo e que mapearam, dentre outras coisas, um conjunto de tipografias, livrarias, locais de venda de livros e artefatos escolares na cidade da Parahyba dos oitocentos fui me sentindo mais familiarizada com as pesquisas e as fontes disponíveis relacionados aos espaços e locais onde se podia, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, conversar, comprar e encomendar as “novidades” para as escolas e instituições escolares públicas e particulares. Os ideários que eu havia identificado nos jornais da época propagavam a “modernidade pedagógica” por meio da criação dos laboratórios de ciências e da leitura dos livros de língua estrangeira.*

*Nesse sentido, considereí que estava melhor preparada para escrutinar esse universo e descobrir que segredos guardava a história da antiga CASA GENOUD.*



## 4. UMA BREVE HISTÓRIA DA CASA GENOUD

**E**m 2014, durante o IV Encontro do Império Brasileiro, ocorrido na Universidade Federal Rural de Pernambuco, em Recife, apresentei pela primeira vez os resultados da pesquisa que havia realizado na Unicamp, naquele mesmo ano, sob a supervisão do professor Sidney Chalhoub, em cumprimento ao projeto de licença capacitação que teve como objetivo principal fazer um levantamento da documentação disponível sobre a Casa Genoud. As memórias infantis tinham finalmente tomado forma e se transformaram em objeto de pesquisa: *A Casa Genoud - Campinas, 1876: sociabilidades urbanas entre objetos de armarinho, brinquedos, livros e papelaria*, título do projeto para a referida licença capacitação.

Passéi alguns dias examinando os jornais campineiros microfilmados no Arquivo Edgar Leuenroth e no Centro de Memória da Unicamp como também, lendo a historiografia disponível e comprando livros em sebos. Além disso, pela descrição de minha mãe e da historiografia consegui encontrar o lugar exato onde ficava o antigo estabelecimento comercial no centro de Campinas.

A Casa Genoud era gerida por pai e filho de origem francesa, Alfred e Pierre Genoud, que teriam aberto seu estabelecimento em 1876, mesmo ano de fundação da Casa Livro Azul. Ambas perduraram na cidade até as primeiras décadas do século XX, ampliando suas instalações e mantendo tipografias que publicaram um número significativo de livros que eram vendidos em Campinas e nas cidades vizinhas<sup>1</sup>. Vale ressaltar que a Casa Livro Azul, pertencente a Castro Mendes,

---

<sup>1</sup> Para outros detalhes da antiga tipografia, ver: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2007/08/curiosidades-typographia-casa-genoud.html>.

[...] fornecia as caixas de papelão para chapéus. Trabalhava também com artigos de papelaria, livros em branco, de todas as qualidades, artigos de escriptorio, engenharia, desenho e pintura, carymbos e tipos de borracha; armarinho, perfumarias, brinquedos, objetos para presentes, bijouteria fantasia, óculos e pince-nez, artigos de óptica, bilhar e photographia; música, pianos e instrumentos, bandeiras e lanternas, homeopathia, artigos de carnaval, fogos de salão, guarda-chuvas e bengalas e livraria, destacando em seus anúncios um 'completo sortimento de romances e livros clássicos, de medicina, jurisprudência, sciencia, litteratura, devoção, etc.'<sup>2</sup>.

Em Recife (2014), em evento acima mencionado, discuti a constituição de lugares destinados à venda de todo o tipo de sortimento de objetos destinados à vida cotidiana dos habitantes da cidade de Campinas/SP, no final do século XIX e primeiras décadas do século XX. A elite letrada da cidade, segundo a imprensa local à época prosperava, estimulando, cada vez mais, o surgimento de casas que pudessem oferecer a essa parcela da população objetos de luxo e, ao mesmo tempo, servir de lugar de encontro para a compra e conversas sobre os livros importados da Europa e produzidos pelas tipografias de ambas as casas de comércio.

A seguir, algumas imagens do prédio onde foi fundada em 1876, a Au Monde Elegant, demolida em 1911 para dar lugar à Casa Genoud que, nos anos de 1940, também foi demolida. Trata-se na cidade, até os dias atuais, de área de intenso comércio, restaurantes tradicionais, sedes de jornais, agências bancárias e serviços de toda ordem.

---

<sup>2</sup> Texto descrito no jornal CIDADE DE CAMPINAS de 07 de dezembro de 1904.



IMAGEM 57: Foto de 1903, mostrando a casa comercial Au MONDE ELEGANT, situada na esquina da antiga rua do Góis, atual Cesar Bierrenbach, com a antiga rua Direita, atual Barão de Jaguará<sup>3</sup>.

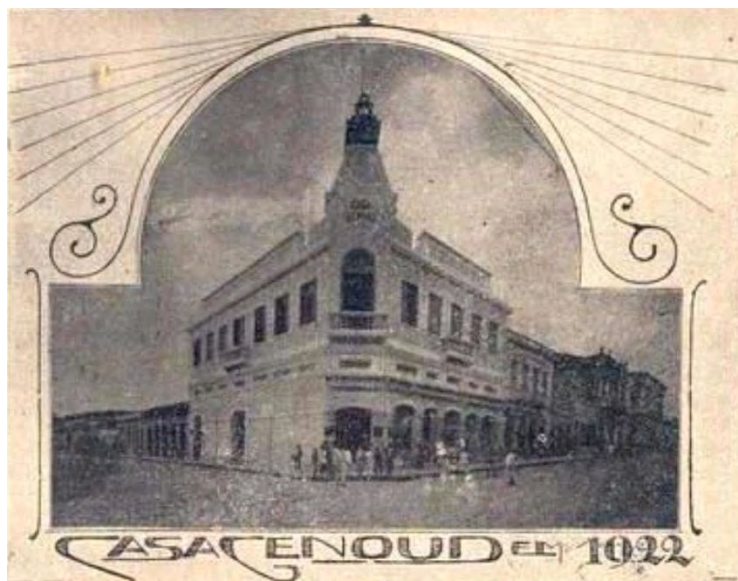


IMAGEM 58: Fachada da CASA GENOUD em 1922<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/search?q=au+monde+elegant>. Acesso em: 23 jun. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2011/03/curiosidades-casa-genoud-propaganda-em.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.





IMAGEM 59: Foto da mesma esquina em 2014 (acervo pessoal da autora).

Na pesquisa que realizei foi constante certo enaltecimento da Casa Genoud sempre comparada, em termos de prestígio, à Casa Livro Azul. Os anúncios de jornais, textos memorialísticos e historiografia reafirmam sua importância em vários aspectos, conforme se pode observar pelos trechos e notícias selecionadas a seguir:

**EFEMÉRIDES  
CAMPINEIRAS**

**J. O. Mendes**

**18 DE JUNHO**

Um dos mais importantes estabelecimentos comerciais de Campinas antigo foi “Ao Monde Elegante” posteriormente denominada Casa Genoud. Em 1879, anexando um salão de barbeiro e cabeleireiro ao ramo de armazém que era a sua especialidade, o proprietário anunciava os novos serviços, cobrando os seguintes preços, inacreditáveis nestes tempos bicudos em que vivemos:

Corte de cabelo 500 reis.  
Fazer a barba 300 reis.  
Fricções mexicanas 200 reis.  
Shampooing Californien 500 reis.

IMAGEM 60: Nota recordando a variedade de serviços ofertados na CASA GENOUD e o estabelecimento que a precedeu<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/search?q=au+monde+elegant>. Acesso em: 23 jun. 2019.

**Casa Genoud**

FUNDADA EM 1876 \* IMPORTAÇÃO DIRECTA

VENDIDAS POR ATACADO E A VAREJO

→ CAMPINAS ←

Esta casa, mantendo relações directas com todos os  
livradores editores e com grande numero de fabri-  
cantes e casas importantes do Brazil e da Europa,  
pode fornecer a preços muito vantajosos todos os  
artigos que formam o seu variado sortimento.  
Os preços utilitários são sempre calculados  
tendo sempre em vista a maxima de ostar.  
**Ganhar pouco para vender barato.**  
**Vender barato para vender muito.**

TUDO A PREÇO FIXO

**LIVRARIA E PAPELARIA**

Completo sortimento de livros nacionaes, de Litteratura,  
Sciencias, Medicina, Jurisprudencia, Religião, etc.  
(Preço de editor e decimo por quantidade)

**LIVROS EM BRANCO**

De todas as espécies para a Escrita, Fôr, Contas,  
Tabelas, Tabelas, etc. por preços distinctivos

<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 50%;">Contas-correntes de papel superior e encadernadas</td> <td style="width: 50%;">Contas de papel de lêda com 100 folhas</td> </tr> <tr> <td>..... 1000</td> <td>..... 1000</td> </tr> <tr> <td>..... 2000</td> <td>..... 2000</td> </tr> <tr> <td>..... 3000</td> <td>..... 3000</td> </tr> <tr> <td>..... 4000</td> <td>..... 4000</td> </tr> <tr> <td>..... 5000</td> <td>..... 5000</td> </tr> <tr> <td>..... 6000</td> <td>..... 6000</td> </tr> <tr> <td>..... 7000</td> <td>..... 7000</td> </tr> <tr> <td>..... 8000</td> <td>..... 8000</td> </tr> <tr> <td>..... 9000</td> <td>..... 9000</td> </tr> <tr> <td>..... 10000</td> <td>..... 10000</td> </tr> </table>	Contas-correntes de papel superior e encadernadas	Contas de papel de lêda com 100 folhas	..... 1000	..... 1000	..... 2000	..... 2000	..... 3000	..... 3000	..... 4000	..... 4000	..... 5000	..... 5000	..... 6000	..... 6000	..... 7000	..... 7000	..... 8000	..... 8000	..... 9000	..... 9000	..... 10000	..... 10000	<table border="0" style="width: 100%;"> <tr> <td style="width: 50%;">Contas de papel de lêda com 100 folhas</td> <td style="width: 50%;">Contas de papel de lêda com 200 folhas</td> </tr> <tr> <td>..... 1000</td> <td>..... 1000</td> </tr> <tr> <td>..... 2000</td> <td>..... 2000</td> </tr> <tr> <td>..... 3000</td> <td>..... 3000</td> </tr> <tr> <td>..... 4000</td> <td>..... 4000</td> </tr> <tr> <td>..... 5000</td> <td>..... 5000</td> </tr> <tr> <td>..... 6000</td> <td>..... 6000</td> </tr> <tr> <td>..... 7000</td> <td>..... 7000</td> </tr> <tr> <td>..... 8000</td> <td>..... 8000</td> </tr> <tr> <td>..... 9000</td> <td>..... 9000</td> </tr> <tr> <td>..... 10000</td> <td>..... 10000</td> </tr> </table>	Contas de papel de lêda com 100 folhas	Contas de papel de lêda com 200 folhas	..... 1000	..... 1000	..... 2000	..... 2000	..... 3000	..... 3000	..... 4000	..... 4000	..... 5000	..... 5000	..... 6000	..... 6000	..... 7000	..... 7000	..... 8000	..... 8000	..... 9000	..... 9000	..... 10000	..... 10000
Contas-correntes de papel superior e encadernadas	Contas de papel de lêda com 100 folhas																																												
..... 1000	..... 1000																																												
..... 2000	..... 2000																																												
..... 3000	..... 3000																																												
..... 4000	..... 4000																																												
..... 5000	..... 5000																																												
..... 6000	..... 6000																																												
..... 7000	..... 7000																																												
..... 8000	..... 8000																																												
..... 9000	..... 9000																																												
..... 10000	..... 10000																																												
Contas de papel de lêda com 100 folhas	Contas de papel de lêda com 200 folhas																																												
..... 1000	..... 1000																																												
..... 2000	..... 2000																																												
..... 3000	..... 3000																																												
..... 4000	..... 4000																																												
..... 5000	..... 5000																																												
..... 6000	..... 6000																																												
..... 7000	..... 7000																																												
..... 8000	..... 8000																																												
..... 9000	..... 9000																																												
..... 10000	..... 10000																																												

Artigos para Escriptorio, Escolas,  
Collegios, Desenho, Pintura e Engenharia

**TABELAS TYPOGRAPHICAS \* GRAMMOS DE BARRAS**

<p><b>PAPEL ECONOMICO:</b> Cada um 20 folhas de bom papel e 25 envelopes..... 1000</p> <p>..... 2000</p>	<p><b>PAPEL DIPLOMATICO:</b> Cada um 10 folhas e 50 envelopes de superior papel diplomático..... 1000</p> <p>..... 2000</p>
--	---

IMAGEM 61: Anúncio da Casa Genoud publicado na imprensa campineira do início do século XX.<sup>6</sup>

**AU MONDE ELEGANT**

ARMARINHOS, optica, electricidade, artigos de  
religião, de orçaria, instrumentos de musica,  
quadros, e uma infinidade de miudezas, rece-  
bendo directamete da Europa.

**LIVROS DE LITTERATURA,** sciencias  
e ensino; em portuguez, francez, italiano, allemão e  
inglez, que se vendem aos mesmos preços dos edi-  
tores.

**PAPELARIA,** completo sortimento de arti-  
gos para escriptorio, escolas e collegios.

**AGENCIA DE JORNAL E PUBLICIDADES**

PIANOS E MUSICAS

Grande fabrica de guardas-chuva, que se vendem  
por atacado e a varejo

Cobrem-se e concertam-se os mesmos com  
perfeição.

Deposito dos afamados remedios  
electro-homeopathicos, de Conde Mattei

**A. GENOUD & COMP.**

CAMPINAS

**AU MONDE ELEGANT**

37-RUA DIRRETA-37

**LIVRARIA \* \* \* PAPELARIA**

Cozmoso sortimento de livros nacionaes, sciencias, phi-  
losophicas, e de todas as especies, litteratura e religião.  
Obras de luxo proprias para presentes. Grande vari-  
dade de objectos para escriptorios, collegios e escolas.

Papeis de todas as qualidades, quadros de borracha,  
Caixas de typas de borracha proprias para imprimir  
compa. Oculos e pinceis, binoculos, cordões de almanac,  
lãdas, microscopios, estereoscopios e todos os objectos  
de optica. Grande sortimento de cartuchos, diagra-  
phicos e vistas para stereoscopia.

**ARMARINHOS, PERFUMARIAS E BRINCADELOS**

Fabrica de guarda-chuva e officina para concertar dos  
mesmos

Anexo ao estabelecimento "AU MONDE ELEGANT"  
na "RUA DIRRETA", no mesmo negocio de musica.

**A. GENOUD**

CAMPINAS

IMAGENS 62<sup>7</sup> e 63<sup>8</sup>: anúncios da Casa Genoud publicados em periódicos de Campinas no final do século XIX (acervo da Biblioteca do Centro de Memória da Unicamp).

<sup>6</sup> Disponível em: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2007/08/curiosidades-typographia-casa-genoud.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

<sup>7</sup> Anúncio publicado no ALMANACH DO CORREIO DE CAMPINAS para o ano de 1886.

<sup>8</sup> Anúncio publicado no ALMANACH DE CAMPINAS - LITTERARIO E ESTATISTICO para o ano de 1892.

Nesse sentido e para a efetivação das problematizações pretendidas em torno do estudo de espaços destinados à venda de artefatos e materiais escolares estava o conceito de cultura material escolar, em sintonia com o que afirmam pesquisadores que discutem cultura material escolar no sentido de a “compreender, num espectro ampliado, os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação” (BENCOSTTA, 2007, p. 176), ou seja, entendo que a cultura material escolar abrange não só o conjunto de elementos constitutivos do universo escolar, como artefatos relacionados à escrita, leitura, limpeza, mobília, indumentárias, arquitetura dos edifícios, compêndios, livros didáticos, periódicos educacionais e bibliotecas pedagógicas, etc. certamente, relacionados aos seus usos no tempo e no espaço, ou seja, no que concerne às suas possíveis apropriações que se estabelecem a partir das relações sociais e culturais.

Considerando que o que já tínhamos verificado na cidade da Parahyba confirmou-se no caso das fontes documentais para Campinas<sup>9</sup>, ou seja, foi na segunda metade do século XIX que proliferaram os anúncios de jornais e foi quando aparecem notícias da abertura de tipografias e locais de venda de artigos de toda ordem, incluindo livros e artefatos escolares. É possível dizer que havia uma tendência para certo “afrancesamento” como “garantia” para se atingir a modernidade. Apesar de não ter encontrado a utilização do termo nas fontes consultadas, pode-se perceber a ideia de modernidade pela maneira como eram valorizados objetos como pianos alemães, partituras musicais e a literatura estrangeira:

*Casa Genoud - Eis aqui uma casa (a primeira livraria que tivemos em Campinas) sobre a qual desejaríamos informar o mais pormenorizadamente possível. Infelizmente, bem pouca coisa encontramos para o nosso objetivo [...]. Com referência ao comércio de livros, chegou a dominar quase completamente o mercado da cidade, como a única casa realmente*

<sup>9</sup> Em 1842, Campinas tinha cerca de 8.000 mil habitantes e foi elevada à categoria de cidade. Em 1849 sua receita era de 1:595\$000, com uma despesa de 680\$000. Em 1885 contava com duas estradas de ferro: a Paulista e a Mogiana. A cidade tinha então 579 estabelecimentos comerciais registrados e, no mesmo ano, seu território abrigava 12 escolas oficiais e 17 escolas particulares.

*especializada no nesse ramo. À semelhança do livreiro Garnier, do Rio, que fazia imprimir em Paris os livros de sua edição, o Genoud, de Campinas, apresentava diversas edições próprias executadas na França, com especialidade os livros de recreio para crianças e juventude, em sua maioria álbuns coloridos de histórias, de geral aceitação dada a raridade de tal artigo, na época. [...]. (AMÊNDOLA, 1952).*

*Ao que parece esse universo dos livros infantis pode ser confirmado pelo o único artefato ilustrado que sobrou nos guardados de minha mãe e que, segunda ela, era vendido na Casa Genoud. Trata-se de um cartão de origem francesa que provavelmente se comprava para fazer propaganda de livros infantis servindo também, para se presentear em alguma ocasião especial:*



IMAGEM 64: Cartão postal de origem francesa, sem data, que era vendido na Casa Genoud (acervo pessoal da autora).

Localizei mais recentemente a reprodução do *EX LIBRIS* da Casa Genoud. A existência de um *EX LIBRIS*<sup>10</sup> indica a propriedade de um acervo de livros ou de uma biblioteca. Isso ajudaria a entender porque o local era frequentado por interessados em literatura, artes em geral e, principalmente, porque há referência de ser um espaço de sociabilidades.



IMAGEM 65: *Ex Libris da Casa Genoud*<sup>11</sup>.

No processo de modernização das cidades no início do século XX foi possível perceber, por meio das fontes consultadas, novos usos por parte da população no que diz respeito a sua mobilidade urbana. Grupos sociais mais abastados tinham se mantido reclusos aos espaços domésticos “deixando” o ir e vir das ruas das cidades para os escravizados. As fotografias que identifiquei mostram que na rua onde se localizava a Casa Genoud havia um “congestionamento” de transeuntes.

Voltando aos famosos postais que foram os primeiros indícios que me despertaram interesse, guardados por minha mãe e encontram-se sob a minha guarda. Olhei para eles várias vezes ao longo de minha vida com fascínio e curiosidade. É como se estivessem ali, esperando que

<sup>10</sup> *EX LIBRIS*, do latim “ex libris meis” significa literalmente “dos livros de” ou “que faz parte de meus livros”, e é expressão empregada para associar o livro ao acervo particular de uma pessoa ou de uma biblioteca. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/voce-sabe-o-que-e-exlibris/>. Acesso em: 09 jul. 2019.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://pro-memoria-de-campinas-sp.blogspot.com/2007/08/curiosidades-typographia-casa-genoud.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

*alguém os tirasse do campo da memória e os trouxessem para o campo da História. Ousei fazer isso. Parece pouco para critérios acadêmicos, mas também comecei a perceber, ao longo dos anos de pesquisa, que as pretensões das elites letradas se repetiam em relação aos projetos de modernidade e que a escolarização poderia ser encontrada para além das ações e projetos do Estado central e provincial para a implantação das escolas públicas, como era o caso dos espaços que permitiram as sociabilidades culturais.*



IMAGEM 66: Cartão postal mostrando o interior da Casa Genoud, final do século XIX ou início do século XX (acervo pessoal da autora).



IMAGEM 67: Cartão postal mostrando as oficinas tipográficas da Casa Genoud, final do século XIX ou início do século XX (acervo pessoal da autora).

Nos relatos de minha mãe, ela dizia que ao final da tarde, horário de fechamento da livraria, papelaria e tipografia, onde meu avô trabalhava, o local se tornava ponto de encontro de homens, principalmente, amigos entre si, que vinham saber das novidades que a Casa Genoud trazia da Europa. Ela me contou também que as professoras da Escola Normal de Campinas faziam suas encomendas de mapas, objetos de laboratório para as aulas de ciências e que meu avô ia pessoalmente ao Porto de Santos receber esses materiais e trazer tais encomendas que eram aguardadas com entusiasmo pelas professoras. Pouco consegui apurar até o momento sobre a Tipografia, tive que me contentar com o cartão postal acima.

Nos desdobramentos da construção dessa história das tipografias e dos espaços de compra e venda de artefatos escolares, em 2018, fui convidada para participar de uma mesa redonda no II Colóquio Internacional Sobre a História do Livro, da Leitura e Das Bibliotecas, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), evento em que apresentei o texto “Manuais de civilidade na imprensa da Paraíba Oitocentista (1862-1896): indícios de práticas educativas e constituição do saber histórico escolar”. Embora nele estivesse tratando sobre a Paraíba do Oitocentos, penso que consegui fechar parcialmente o ciclo de reflexões que me levaram às tipografias, boticas, bibliotecas particulares e escolas como locais de compra e venda de artefatos escolares, mas também de sociabilidades alimentadas por um universo cultural que envolvia as elites letradas e que também acolheram os professores e professoras das escolas normais que buscavam novidades vindas da Europa para as suas aulas, no afã de alcançar a modernidade pedagógica propagada por ideários iluministas que colocavam a França, mas também os Estados Unidos da América como exemplos a serem seguidos. Dessa forma, entendo que a Casa Genoud ao que parece cumpriu esse papel. Persisto na busca de fontes que me tragam maiores aproximações com esse universo cultural que me fascina!

Cheguei ao final da experiência *SUI GENERIS* de escrever o memorial acadêmico. Elenco algumas dessas razões começando por aquilo que mais me incomodou - escrever a história do tempo presente, ou seja, tratar da minha história na UFPB. Definitivamente o fato de ainda estar muito próxima do “vívido” me fez muitas vezes desistir de relembrar determinados fatos ou pessoas. Procurei solucionar esse impasse com a seleção das fotografias, porque ao fazer a

*escolha das imagens fui estabelecendo uma lógica mais prazerosa no ato do lembrar e do registrar. Atitude ética que o historiador deve ter quando trabalha com entrevistas, por exemplo, respeitar os silêncios e o não dito. Considerando que a ideia da verdade absoluta não é mais uma questão que tenha centralidade para os historiadores, procurei me amparar na documentação disponível na tentativa de não contar inverdades, mas com a certeza que outros certamente terão suas próprias versões e interpretações dos fatos e acontecimentos que também fizeram parte da história de minha vida acadêmica e das relações que estabeleci com a História do Brasil.*







## 5. LEITORES E SUAS APROPRIAÇÕES

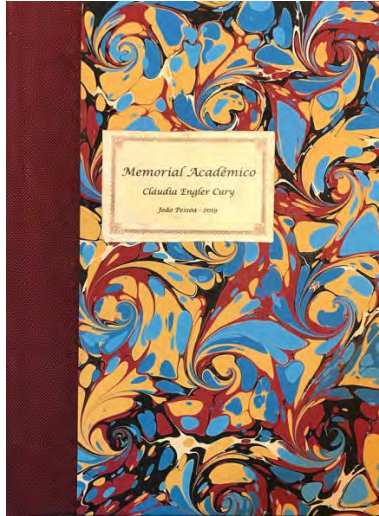


## 5.1 A CASA GENOUD: UMA LEITURA DO MEMORIAL ACADÊMICO DE CLÁUDIA ENGLER CURY

M. Inês S. Stamatto

*Impactei-me com a capa do Memorial Acadêmico de Cláudia Engler Cury, desde que o recebi. Livros antigos eram assim.*

Figura 1. CAPA DO MEMORIAL ACADÊMICO DE CLÁUDIA ENGLER CURY



Fonte: Memorial Acadêmico de Cláudia Engler Cury

*A capa me convidava à leitura do texto, escrito em formato cursivo e contínuo, com um estilo literário agradável. Percebi que poderia dividir a análise do Memorial em duas partes que denominei de Parte Acadêmica e Parte do Memorial.*

PARTE ACADÊMICA

*O que é um memorial acadêmico para a carreira do magistério superior?*

*É uma peça jurídica-administrativa para promoção na carreira, regulamentada pela Portaria 982 do MEC, de 3 de outubro de 2013 e a RESOLUÇÃO Nº 33/2014, que Regulamenta o processo de avaliação para fins de promoção à classe “E” (Professor Titular) do magistério superior na Universidade Federal da Paraíba. Em seu artigo 11 explicita que o memorial deverá considerar as atividades de ensino, pesquisa e/ou extensão, gestão acadêmica, e produção profissional relevante.*

*Neste sentido, o memorial acadêmico para fins de promoção à classe de Professor Titular apresentado por Cláudia Engler Cury, Professora Doutora do Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, contempla uma descrição e análise, em perspectiva histórica, das atividades de ensino, pesquisa, extensão e de gestão desenvolvidas por ela durante seu percurso profissional, demonstrando atuação de liderança no meio acadêmico e de contribuição para o desenvolvimento institucional.*

*Ressalto que o português é impecável, o texto é coeso e o desenvolvimento da escrita apresenta fidelidade à dedicatória, reproduzida abaixo em duas partes:*

*Dedico esse memorial:  
Aos meus contemporâneos dos anos  
de 1980 que acreditaram e  
continuam lutando por um Brasil  
com justiça social!*

*Na narrativa, em perspectiva história, por exemplo: “Logo no primeiro ano do curso, estudantes e professores de toda a Universidade vivenciaram os enfrentamentos relativos às intervenções do regime militar na vida acadêmica” (p. 14), aparece o protagonismo da autora junto àqueles que lutaram nos anos 1980 e continuam lutando por um Brasil com justiça social.*

*E aos meus professores de todos os  
níveis de minha formação agradeço  
tudo o que me ensinaram e tudo o  
que pude aprender com eles.*

*Destaco a homenagem prestada pela autora, ao longo do texto, aos seus professores. Apresenta cada um deles quando faz referência a eles, tendo realizado uma pesquisa extensa para constituir breves biografias do percurso profissional de cada um.*

*Igualmente merecedor de destaque a concepção da capa, a primorosa formatação e o cuidado na apresentação do texto.*

*Assim, o texto atinge plenamente os requisitos exigidos pela resolução citada, configurando-se como um memorial acadêmico.*

*Porém, quem escreveu um memorial sabe que a tessitura de um texto que comporta memórias, é muito mais do que a descrição e análise das atividades de ensino, pesquisa, extensão e gestão. Implica em ver-se em sua própria trajetória profissional, mas uma trajetória imbricada em sua vida. Impossível separar. É, portanto, colocar-se para outros, escrevendo com as ações realizadas, as lutas empreendidas, os caminhos percorridos, os retornos feitos, as escolhas e os cortes decididos, as lembranças e os esquecimentos acontecidos, com as emoções quaisquer que tenham sido sentidas, ao longo do percurso.*

*Comento agora esta parte que chamo de Memorial.*

#### PARTE DO MEMORIAL

*Começo também com uma pergunta: de que forma a autora se organiza para narrar sua trajetória pessoal (profissional, mas também de vida)?*

*Logo no início Cláudia Engler Cury nos apresenta uma dificuldade:*

*Lí e assisti a muitas defesas de memoriais. Ficava sempre pensando que a minha criatividade se esgotaria quando fosse a minha vez de fazê-lo porque apreciava muito a forma como os colegas e amigos tinham organizado suas trajetórias acadêmicas. (p.1)*

*Com este instigante parágrafo, eu me perguntei: e agora? Como ela irá fazer?*

*Um pouco mais adiante, Cláudia Engler Cury escreve:*

*Quanto à organização temporal e espacial, essa questão quase se tornou um dilema, e o formato que aqui se apresenta foi surgindo naturalmente durante a escrita. Então porque o dilema? Porque os leitores não podem esperar uma linearidade absoluta. (p. 9)*

*Sem uma linearidade absoluta como uma historiadora contaria sua trajetória? Como a autora resolveu estas duas questões?*

*A primeira, a da originalidade foi resolvida com a narrativa acontecendo em formato de um livro, talvez de uma redação em um caderno escolar, já a capa lembrando um livro antigo, e com a ideia de trazer a si a função de guardião da tradição familiar oral, na belíssima parte “Nascer entre livros: memórias e tradição familiar”, em que começa a sua história:*

*A tradição familiar ligada ao universo dos livros remonta a história de meu avô materno, Henrique Engler Filho, que foi sócio gerente de uma livraria e papelaria chamada Casa Genoud, e das lembranças de minha mãe sobre a sua relação com esse espaço de leitura, na cidade de Campinas no início do século XX. Muito tempo depois reencontrei esse mundo dos impressos e das livrarias, que se tornou parte significativa de meus interesses de pesquisa [...]. (p.2)*

*Lembrei-me dos Griots: “O griot é antes de tudo o guardião da tradição oral de seu povo, um especialista em genealogia e na história de seu povo.” (CURIOSIDADES GRIOT, 2019).*

*Outra definição:*

*Griot é a denominação aos contadores de histórias da África. São considerados sábios muito importantes e respeitados na comunidade onde vivem. Através de suas narrativas, eles passam de geração a geração as tradições de seus povos. (GRIOT, 2019).*

*A autora assume similarmente ao griot, a tarefa de contar a tradição da família, com a diferença de ser por escrito. A narrativa prossegue e eu observo que há outras histórias contadas, inseridas no relato pessoal, como a da avó paterna:*

*Para encerrar essas memórias de infância relacionadas ao universo cultural da leitura e dos livros, lembro-me com carinho de minha avó paterna, professora de primeiras letras que, como seu trabalho, conseguiu garantir os estudos de meu avô que se formou em Odontologia. Os cabelos brancos de Maria da Conceição Trindade, obrigada a permanecer quase todo o tempo deitada em virtude de uma enfermidade nas pernas, propiciou aos netos ouvi-la contar e dramatizar histórias infantis e cantarolar músicas em francês a pedido das crianças que se sentavam aos pés de sua cama. Essas memórias dos primeiros anos de escolarização e do contato com o mundo da leitura e da escrita me ajudaram a iniciar a escrita do memorial. (p.8/9)*

*Abre-se espaço aqui para o registro da tradição familiar oral, transmitida de geração a geração, e da questão de gênero, em que um homem da família (o avô) completa os estudos superiores garantidos pelo trabalho de uma mulher (a avó), professora de primeiras letras. Outra história a ser contada, outro livro aparece.*

*De repente, a imagem das prateleiras da Casa Genoud (p.97) se reacende na minha memória e passo a perceber que a autora vai escrevendo seu percurso como se estivesse dentro da tipografia percorrendo as estantes de sua vida e escolhendo livros vividos para nos apresentar.*

*E assim, dessa forma a autora resolve a questão da linearidade, diversos impressos são retirados da prateleira da memória, escritos na simultaneidade das ações da vida, presentes no texto:*

*Essa segunda graduação teve outro perfil, já que foi mais longa, pois SIMULTANEAMENTE comecei a atuar como professora na rede*



*privada de ensino, [...]. (p.29) (grifos meus)*

*PARALELAMENTE ao Curso de Licenciatura em História, ministrando aulas em escolas particulares em Campinas, iniciei o meu Mestrado na Faculdade de Educação da Unicamp em 1995 e o concluí em 1997, [...]. (p.29) (grifos meus)*

*PARALELAMENTE à Coordenação do PPGH assumi a presidência da Comissão Editorial da Revista Saeculum que precisava readquirir regularidade em sua periodicidade [...]. (p.59) (grifos meus)*

*Com este formato, muitos livros vão surgindo na narrativa da Cláudia Engler Cury: a Formação acadêmica múltipla: Ciências Sociais e História; o Mestrado em Educação (1995-1997) e o Doutorado em Educação (1999-2002); as Aulas de história no ensino fundamental e médio, em Maceió e em Campinas; as Aulas no ensino superior em Maceió, Ouro Fino, Americana e Indaiatuba; a docência, extensão e pesquisa na Universidade Federal da Paraíba.*

*A autora mesmo explicita a existência de várias histórias em sua trajetória profissional, quando conta:*

*No “ritual de passagem” como professora em estágio probatório, fui convidada pelos colegas a assumir a Coordenação do Laboratório de História (janeiro/2004 a junho/2004). Naquele mesmo ano, aconteceu outra convocação departamental, a de trabalhar juntamente com outros colegas do DH, em uma tarefa de grande envergadura: elaborar e conduzir todos os trâmites legais e políticos para a criação do primeiro curso de Licenciatura Plena em História para os Movimentos Sociais do Campo (PEC/MSC). Foram meses de embates, ajustes e desajustes entre todos os departamentos envolvidos com as licenciaturas, incluindo o próprio Departamento de História, com os conselhos universitários Conselho Superior*

*de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE) e Conselho Universitário (CONSUNI), com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) cujos interesses eram conduzidos por seu escritório local e com a Fundação José Américo de Almeida, responsável por administrar os recursos que viriam do INCRA. SÓ ESSA HISTÓRIA VALERIA OUTRO MEMORIAL! (p.48/49) (grifos meus)*

*Com tantas histórias contadas, tantos livros encontrados no memorial, lembrei-me novamente dos Griots, “numa cultura oral como a africana, o griot conserva a memória coletiva. Por isso, é costume dizer-se que “quando na África morre um ancião é uma biblioteca que desaparece”. (O SABER GRIOT, 2019).*

*E agora percebo que o memorial de Cláudia, em formato de livro, é de fato uma biblioteca, talvez uma tipografia, em que sua história foi contada em vários volumes, organizados em prateleiras da Casa Genoud, conforme ela mesma assume:*

*Aos poucos as pesquisas sob minha orientação foram me conduzindo para o universo dos impressos, das tipografias dos tipógrafos, dos livros, dos manuais e dos compêndios escolares e, foi dessa forma, que me reencontrei com a velha Casa Genoud lugar onde meu avô materno viveu boa parte de sua vida adulta e que povoou a minha imaginação e curiosidade infantil, [...]. (p.82)*

*A Casa Genoud, mesmo a autora não a conhecendo fisicamente (já que o prédio foi demolido nos anos 1940) existiu na tradição familiar, na sua vida pessoal e é marcante na sua trajetória profissional. (E aparece em destaque no memorial: De volta ao universo dos livros - tipografias e livrarias; uma breve história da Casa Genoud).*

*Por isso, com a intenção de auxiliar no destaque a pontos relevantes para uma possível publicação, finalizo com duas sugestões (não obrigatórias) e uma questão.*

*A primeira é a respeito do título do memorial, onde se poderia colocar a Casa Genoud, tão significativa para a autora, talvez “A Casa Genoud: entre livros e tradição*

familiar - Memorial Acadêmico”.

*Como uma segunda sugestão, a autora poderia elaborar um índice como em um livro antigo, colocado ao final do texto.*

*Por fim, a pergunta por curiosidade: como conseguiu fazer a capa?*

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. PORTARIA MEC N. 982 DE 3 DE OUTUBRO DE 2013, ESTABELECE DIRETRIZES NACIONAIS PARA PROFESSOR TITULAR. Brasília: MEC, 2013.

CURIOSIDADES, GRIOT. Página WEB. Disponível em: <https://www.infoescola.com/curiosidades/griot/> Acesso em: 14 ago. 2019.

CURY, Cláudia Engler. MEMORIAL ACADÊMICO. João Pessoa: UFPB, 2019. Material não publicado.

GRIOT. Publicação Digital. Disponível em: <http://editoramelhoramentos.com.br/v2/wpcontent/uploads/2012/04/GRIOT.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2019.

O SABER GRIOT. Blog. Disponível em: <https://griotagem.wordpress.com/a-sabedoria-griot/>. Acesso em: 14 ago. 2019.

PARAÍBA. RESOLUÇÃO nº 33/2014, que Regulamenta o processo de avaliação para fins de promoção à classe “E” (Professor Titular) do magistério superior na Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa: Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE)/UFPB, 2019.



## 5.2 AS FOLHAS DOS LIVROS E CLÁUDIA: UMA RELAÇÃO AFETIVA QUE COMEÇOU NA INFÂNCIA

*Iranilson Buriti de Oliveira*

*Nascer entre livros: memórias e tradição familiar. Este é um dos subtítulos do memorial de Cláudia, mas poderia ser o título principal. Em toda narrativa construída, de forma cronológica e poética pela autora, o viver entre livros, páginas e contos é uma marca de sua trajetória. Aliás, linda trajetória como aluna e como profissional, seja entre o clima frio de Campinas ou entre a maresia de Maceió, que soprava novos ventos e novos pingos sobre a sua vida que, mesmo formada em Ciências Sociais, assumiu aulas de História e, com certeza, brilhou entre os seus alunos.*

*A ambiência dos livros foi uma constante na sua infância, mas também na sua juventude e idade adulta. Os baús de memória estão latentes em toda a sua trajetória, rememorando colegas, encontros, professores, aulas de campo, excursões. Baús de vida. São as “escritas da História da Educação no Brasil” tecidas por essa menina que foi alfabetizada pelo método Montessori. Em seu memorial, Cláudia desenvolve uma topofilia, no dizer de Yi-Fu Tuan, trazendo os laços e elos afetivos de sua infância e juventude com a cultura material. Evoca lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas em colégios, universidades, práticas pedagógicas e eventos acadêmicos. Essa topofilia apresenta-se de diferentes formas, como a apreciação estética de um livro ou de uma livraria, a participação em projetos pedagógicos no interior do Nordeste, os espaços acadêmicos e sensoriais da UNICAMP, a vivência na UFPB, a estética da amizade com os seus pais, irmãos, alunos, colegas de profissão e com o companheiro e*

amigo Antônio Pinheiro. Essa topofilia desperta a nossa visão para as reminiscências, para as filigranas memorialísticas que aparecem em seu memorial.

Os livros e cadernos constituem um dos lugares mais importantes em termos topofilicos, pois eles despertam seus sentimentos mais fortes e na sua escrita está presente esse prazer de ler, de dar a ler, de mergulhar em páginas de seus livros e cartas, de cadernos de receitas, cujas páginas exaltam seus cheiros, sons e gostos. A mão que passa as páginas é a mesma que desenvolve a receita, que parte o bolo, que oferece ao convidado. Ela guarda e gosta de executar, até hoje, as receitas de seu velho caderno onde eram registrados os pratos de doces e salgados devidamente aprovados por suas queridas professoras. Tal caderno é um “espaço de leitura”, mas também de lazer, de prazer, um patrimônio afetivo e sentimental que lhe encanta. Entre o gesto de procurar a receita e de compartilhar o produto elaborado, uma geografia afetiva e sensorial é posta em prática. A alma poética de Cláudia cria imagens da cozinha, uma paisagem de sabores, uma topofilia alimentar. O caderno de receitas representa uma sinédoque do espaço muito maior, a cozinha, uma mínima parcela do mundo “curiano” na qual se concentram valores, sentimentos e emoções a respeito do desejo de fazer, de servir e de compartilhar emoções por meio dos quitutes desenvolvidos.

Seu memorial recorta diversas fontes documentais, tais como os cadernos escolares que sempre foram sua paixão e, por isso, guarda consigo todos os que foram utilizados em suas duas graduações, mestrado e doutorado. Os “velhos cadernos” foram por ela consultados várias vezes, em busca de refrescar a memória em relação aos nomes dos professores, dos livros que foram lidos e das discussões anotadas durante as aulas”.

Outra fonte que toca o leitor é a sua carteira de estudante de 1982, recém-ingressa no curso de Ciências Sociais da UNICAMP. A carteira de estudante registra os desejos de uma jovem em busca de um projeto intelectual, acadêmico e financeiro. Na fotografia 3x4, emoldurada por um tom azul ferrete, o tom sério desse tipo de imagem celebra, contraditoriamente, a felicidade de ingressar numa academia tão respeitada como a UNICAMP. Some-se à carteira de estudante, algumas fotos bastante descontraídas com os colegas ou, utilizando mais uma vez sua linguagem, a foto de Cláudia na sua versão “bicho grilo”.

*Destaco o seu trabalho junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que, naquele momento, procuravam reorganizar a sociedade civil por meio das lideranças de bairros. Além disso, é válido trazer mais uma vez à memória sua experiência com professoras leigas na fundação Ruralista: “Hoje, olhando para aquela experiência, posso dizer que foi um misto de encontro de culturas, de gerações e de embates e divergências entre a equipe de professores da qual eu fazia parte e o Padre Lira - uma mistura de líder religioso e político aos moldes dos velhos coronéis do Nordeste que ocupava o espaço deixado vazio pelas autoridades locais, do estado e da federação. Ele por sua vez, sem nenhum carisma, mas muito temido pela população local, exercia seu poder e domínio sobre as famílias da região com mãos fortes”.*

*Cláudia começa a narrativa e a finaliza com os livros, apresentando ao leitor tipografias e livrarias, um roteiro sentimental de prédios, homens e encadernações diversas, desde a enciclopédia Barsa aos cadernos de receitas. Tal roteiro sentimental aos poucos conduziu seu processo de orientação para o universo dos impressos, das tipografias dos tipógrafos, dos livros, dos manuais e dos compêndios escolares e, foi dessa forma, que você se reencontra com a sua história familiar, ao reencontrar-se com a velha Casa Genoud, lugar onde seu avô materno viveu boa parte de sua vida adulta e que povoou a sua imaginação e curiosidade infantil. É um dos momentos mais lindos do seu texto, o reencontro com o avô, com o trabalho dele, com sua história de infância. Embora seja este um espaço amado e poetizado por Cláudia, não podemos afirmar que foi um espaço vivido plenamente, mas muito mais um espaço sentimental, que possui um lugar muito bem cartografado nas memórias da autora. Neste sentido, ao construir a paisagem da Casa Genoud, influem muito mais a imaginação e o sentimento do que a experiência vivida.*

*Por meio das lembranças da Casa Genoud, percebe-se que Cláudia Cury desenvolveu uma narrativa sobre quatro níveis de apreciação daquele espaço: apreciação estética, contato físico, bem-estar no processo de lembrar e afeição. A apreciação estética, que aqui eu destaco, se desenvolve por meio do sentido da visão, ou seja, ao olhar as fotografias, emerge a experiência de apreciar o prazer estético de uma paisagem familiar, ampliando esse prazer ao evocar lembranças ou sentimentos do passado, tatuados por afetos, desejos e projetos.*

Nos relatos de sua mãe, professora de Português, ao final da tarde, horário de fechamento da livraria, papelaria e tipografia, onde seu avô trabalhava, o local se tornava ponto de encontro de homens, principalmente, amigos entre si, que vinham saber das novidades que a Casa Genoud trazia da Europa. Dentre as novidades, um pouco dos artefatos pedagógicos que eram encomendados pelas professoras da Escola Normal de Campinas, tais como mapas, objetos de laboratório para as aulas de ciências. A sua memória aborda, mesmo que rapidamente, práticas pedagógicas e materiais utilizados no cotidiano do professor, mas, acima de tudo, reforça a narrativa familiar como fundamental para a escrita da História da Educação. Esse apego emocional aos espaços da livraria do seu avô constrói uma ideia de lugar como um espaço transformado pela experiência.

A questão da memória e da paisagem sobre a livraria são elementos importantes para a constituição de identidades, bem como o valor desses elementos na vida e nas produções acadêmicas de Cláudia. A paisagem da livraria é um elo que transmite significados diversos de acordo com a época vivida por Cláudia. Esses significados vão sendo legados de geração para geração: O avô, a mãe, os orientandos, os escritos, os leitores. Sendo assim, a forma como Cláudia narra a paisagem da livraria em sua escrita, tem a ver não só com sua imaginação e experiência direta, mas também com uma tradição de olhar familiar.

Fazer parte desse momento acadêmico de Cláudia foi um misto de descobertas (pouco conhecia sobre a trajetória intelectual de Cláudia) e de prazer, me fazendo voltar no tempo e relembrar histórias cruzadas, que passam pela consulta às enciclopédias às aulas nos cursinhos e escolas de ensino básico por onde caminhei.

Obrigado, Cláudia, por me proporcionar essa oportunidade!



### 5.3 ARGUIÇÃO DE MEMORIAL DE TITULARIDADE DA PROFESSORA CLÁUDIA ENGLER CURY UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

*Inicialmente gostaria de dizer que é uma grande honra e motivo de grande satisfação compor a banca que avaliará o pleito da Professora Cláudia Engler Cury para ascender à carreira de Professora Titular, na UFPB. Tenho dito, em outras bancas imbuídas deste mesmo propósito, que a banca para a titularidade é, talvez, a única oportunidade na qual aquele que pleiteia o título, escolhe, com relativa liberdade, os membros que realizarão a avaliação.*

*Como sabemos, nos concursos de ingresso no magistério superior ou no estágio probatório não existe, por razões evidentes, nenhuma ingerência do candidato ou do professor avaliado sobre a composição da banca. Mesmo nas bancas de mestrado e de doutorado a escolha, em regra, cabe ao orientador e não quem pleiteia o título. Logo, me sinto realmente sensibilizado pelo convite, pois, entre tantos colegas que compõem a rede de sociabilidade acadêmica da Professora Cláudia, meu nome foi lembrado. Entendo este gesto como uma reafirmação dos laços afetivos e, sobretudo, profissionais que nos unem.*

*Gostaria, também, de registrar que é um prazer e uma responsabilidade fazer parte dessa banca com colegas tão ilustres e admiráveis que, neste momento, saúdo e cumprimento na figura do Presidente dessa sessão, Professor Dr. Raimundo Barroso Cordeiro Júnior.*

*Concluo essa parte introdutória afirmando que essa sessão é, também, uma oportunidade para voltar à UFPB e à cidade de João Pessoa, já que, além da possibilidade de contemplar a beleza da cidade e a aprazibilidade do*



*clima, tenho aqui muitos amigos, colegas de docência e pesquisadores que tanto admiro.*

*Bem, antes de qualquer comentário referente ao memorial apresentado para a apreciação dessa banca e discussão nessa sessão, gostaria de dar um depoimento sobre a minha experiência de trabalho com a Professora Cláudia Cury. Cláudia e eu nos conhecemos em função de uma oportunidade que nos foi dada por dois amigos em comum. Refiro-me aos professores José Gondra, da UERJ, e Regina Simões, da UFES, que organizavam, em meados de 2013, a proposição de uma chapa para concorrer à diretoria da Sociedade Brasileira de História da Educação. Nesta ocasião, eles convidaram a mim e a Professora Cláudia para compor a diretoria na condição de Vice-Presidente e Tesoureiro respectivamente. Neste cenário, Cláudia e eu nos conhecemos. De lá para cá temos mantido relações profissionais e político-acadêmicas ininterruptas que, dependendo dos contextos e das demandas, envolvem contatos diários por meio de mensagens, telefonemas, skypes, etc. Atuamos em duas diretorias da SBHE (2013-2015 e 2015-2019), organizamos dois Congressos Brasileiros de História da Educação (Maringá-2015 e João Pessoa-2019) e publicamos vários livros e artigos em coautoria. Neste momento, em que ocupo a Presidência da SBHE e a Cláudia a editoria da Revista Brasileira de História da Educação, mantemos diálogo frequente sobre o periódico. Em todo este período, de intenso e regular trabalho em conjunto, me recordo de termos discordado várias vezes, mas nunca deixamos de nos respeitar e admirar mutuamente.*

*Sou muito grato ao Gondra, à Regina Simões e à SBHE por terem oportunizado o contato e a convivência com Cláudia que, em tão pouco tempo, especialmente para as formalidades de um curitibano, passou a representar para mim, não apenas a pesquisadora, a gestora e a editora capaz, mas, sobretudo, a amizade, a solidariedade e a generosidade que só encontramos nos amigos e nas amigas diletas.*

*Quanto ao memorial apresentado, gostaria de enaltecer a qualidade da escrita, das imagens, da cor e da textura da capa, da escolha da fonte, enfim da composição do volume. Tudo me agradou muito, mas não me surpreendeu, pois, Cláudia, como estudiosa dos impressos, como historiadora gabaritada da cultura material, não subestimaria o papel da materialidade na formação dos sentidos, ou melhor,*

da forma como as coisas são dadas a ler, como asseverou Chartier, autor que a Cláudia é interlocutora. As palavras, as frases, os períodos, os significados, os significantes e a materialidade formam um todo articulado, equilibrado e instigante na composição dessa complexa narrativa, narrativa em que a narradora e a personagem narrada, ainda que ocupem o mesmo corpo, são entidades diferentes.

O gênero biográfico e autobiográfico sempre me encantou e interessou, especialmente quando se trata dos escritos sobre os outros, uma vez que, quando necessitei praticar a escrita de si, relutei a aceitar a escrita em primeira pessoa. Sentí no memorial ora analisado o mesmo dilema, já que este gênero de escrita de si produz um certo grau de desconforto entre os pesquisadores acadêmicos, uma vez que, por razões de ofício, estes aprenderam a escrever na terceira pessoa do singular ou na primeira pessoa do plural, na pretensão de produzir os efeitos de imparcialidade e impessoalidade.

Em relação ao texto, posso dizer que ele cumpre bem a sua função, ou seja, explicar o inexplicável da vida. Mostrar, por exemplo, a insólita situação, descrita no memorial, de “desaposentadoria” vivido pela Cláudia, que teve como resultante essa banca, em que a ex professora aposentada, agora pleiteia ser Professora Titular. Mudam os motivos, mas segue a celebração. Por sinal, cabe uma oração às moiras, deusas que tecem nosso destino, já que estas mantiveram a professora na ativa, oportunizando a ela a rara experiência de começar, por duas vezes, a mesma carreira, na mesma instituição.

Julgar este texto é uma experiência singular, uma vez que é uma situação totalmente diferente das cerimônias acadêmicas que envolvem banca de avaliação, pois a pressão e a angústia não estão sobre o postulante avaliado, mas sim sobre os arguidores. Pelo menos sobre este arguidor. Me explico! Acostumado, pelo treinamento e pela tradição, a questionar, não concordar, recomendar mudanças e acrescentar referências aos trabalhos que sou convidado a arguir, neste caso, me vejo completamente perplexo. Como questionar uma trajetória que, além de já ter sido realizada, é totalmente bem-sucedida. Seria estranho recomendar à postulante à carreira de Professor Titular que fez, como primeira graduação Ciências Sociais, que tivesse feito primeiro História e depois Filosofia ou Letras. Ou ainda, indagar a razão de não ter cursado Administração, já que, mais de 20 anos depois, assumiria a Tesoureira da SBHE.

*Desculpem o humor nessa situação solene, mas é somente um modo de dizer que não sei como arguir, pelo menos do modo como fazemos em outros tipos de banca, um memorial de Professor Titular.*

*Em síntese, não tenho reparo à trajetória narrada e documentada, já que esta revela o empenho de quem assumiu o magistério superior como um emprego, mas fez deste um lugar de intervenção nos fronts do ensino e da pesquisa, angariando respeito e reconhecimento de todos, inclusive dos incontornáveis desafetos. Por fim, talvez, possa fazer apenas uma ponderação em relação à narrativa, narrativa, lembremos, da própria trajetória. A Cláudia construída pela narradora me pareceu, em muitos momentos, muito predestinada, muito decidida a seguir um caminho. Talvez, afrouxar um pouco os horizontes da explicação racional, pudesse ter como efeito a construção de um personagem mais dividido, contraditório e movido, em parte, pelo acaso e pelos constrangimentos da vida. Construir a humanidade de uma trajetória é o ideal do historiador e da historiadora, porém é uma tarefa difícil, mesmo para os mais experientes. Não obstante, tal empreitada beira à impossibilidade quando o personagem analisado e a trajetória descrita é a própria existência.*

*Carlos Eduardo Vieira  
Professor Titular na UFPR  
João Pessoa, inverno de 2019.*



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *HISTÓRIA - A ARTE DE INVENTAR O PASSADO. Ensaios de teoria da história*. Baurur, SP: Edusc, 2007.
- AMÊNDOLA, João. “Comércio de Campinas”. In: *MONOGRAFIA HISTÓRICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS*. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1952.
- BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. In: BENJAMIN, HORKHEIMER, ADORNO E HABERMAS. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- BERTOLAI, André Luiz. *A ESCOLA COMPLEMENTAR DE ITAPETININGA (1897-1911). Dissertação (Mestrado em Educação)*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2018.
- BENCOSTTA, Marcus Levy. *CULTURAS ESCOLARES, SABERES E PRÁTICAS EDUCATIVAS: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- CANTUÁRIA, Adriana Lech. *A ESCOLA PÚBLICA E A COMPETÊNCIA ESCOLAR: O caso do Colégio Culto À Ciência de Campinas. Dissertação (Mestrado em Educação)*. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.
- CASTRO, César Augusto. “Os usos e as tipologias dos materiais escolares no Maranhão Oitocentista”. In: CASTRO, César Augusto; CURY, Cláudia Engler; LOPES, Antônio de Pádua C.; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; (orgs.). *OBJETOS, PRÁTICAS E SUJEITOS ESCOLARES NO NORTE E NORDESTE*. São Luís: EDUFMA/ Café & Lápis; João Pessoa: UFPB, 2011.
- CASTRO, Augusto Castro; CASTELLANOS, Samuel Luis Veslazquez. *Os livros escolares no Maranhão império: algumas aproximações*. In: BERGER, Miguel André; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. (orgs.). *IMPENSA, IMPRESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS: estudos em história da educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.
- CHARTIER, Roger. *A ORDEM DOS LIVROS: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priore. Brasília: Editora UnB, 1999.

CHAUI, Marilena. *O QUE É IDEOLOGIA*. São Paulo: Brasiliense, 1980 (Coleção Primeiros Passos).

CONSUNI. RESOLUÇÃO 06/2003. *Autoriza a Criação de Pós-graduação Stricto Sensu em História, em nível de Mestrado, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes*, 2003.

CORDEIRO JR., Raimundo Barroso. *MEMORIAL ACADÊMICO PARA A PROMOÇÃO FUNCIONAL PARA A CLASSE E - PROFESSOR TITULAR*. Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2016. Texto não publicado.

CURY, Cláudia Engler. "Linguagens contemporâneas no ensino e na pesquisa: história oral, fotografia e produção de documentários". In: BASTOS, Helenice Rocha; MAGALHÃES, Marcelo de Souza & GONTIJO, Rebeca (orgs.). *A ESCRITA DA HISTÓRIA ESCOLAR: memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 235-244.

CURY, Cláudia Engler. "Desafios da pesquisa com culturas escolares na documentação da Parahyba Oitocentista". In: VIDAL, Diana Gonçalves & SCHWARTZ, Cleonara Maria. (orgs.). *HISTÓRIA DAS CULTURAS ESCOLARES NO BRASIL*. Vitória: EDUFES, 2010, p. 37-58. (Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil; v. 1)

CURY, Cláudia Engler & FERRONATO, Cristiano de Jesus. "Em busca de leitores e suas práticas na Parahyba dos oitocentos: espaços de leitura, locais de venda e constituição de acervos". In: BERGER, Miguel André; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. (orgs.). *IMPRESA, IMPRESSOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS: estudos em história da educação*. Fortaleza: Edições UFC, 2012, p. 67-91.

CURY, Cláudia Engler. "ABRINDO O BAÚ DE MEMÓRIAS": POLÍTICAS CULTURAIS: subsídios para construções de brasilidade (1930-1990). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2013.

CURY, Cláudia Engler & GOUVÊA, Luzimar Goulart. "Me vi te Vendo": *Imagens do Brasil no Cinema*. In: SILVA, Alberto da [et al.]. *CALEIDOSCÓPIOS: por entre imagens, gêneros, educações e histórias = KALÉIDOSCOPES: au croisement entre images, genres, éducations et histoires*. Recife: Editora UFPE, 2015, p. 193-208.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. "A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira". *REVISTA EDUCAÇÃO E PESQUISA*, São Paulo, v.30, n. 1, jan./abr. 2004, p. 139-159.

FAORO, Raymundo. *OS DONOS DO PODER: Formação do Patronato Político Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1958.

FORACCHI, Marialice Mencarini. *PARTICIPAÇÃO SOCIAL DOS EXCLUÍDOS*. São Paulo: Editora Hucitec, 1982.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *LIMIAR, AURA E REMEMORAÇÃO: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014.

GRAMSCI, Antonio. *A CONCEPÇÃO DIALÉTICA DA HISTÓRIA*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

GRAMSCI, Antonio. *OS INTELLECTUAIS E A ORGANIZAÇÃO DA CULTURA*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

JULIA, Dominique. "A cultura escolar como objeto histórico". *REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, n.1, jan./jun. 2001, p. 9-43.

LEAL, Víctor Nunes. *CORONELISMO, ENXADA E VOTO: o município e o regime representativo no Brasil*. Prefácio de José Murilo de Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (1ª Edição de 1949 sob a responsabilidade da Revista Forense).

MARTINS, Maria do Carmo. *A HISTÓRIA PRESCRITA E DISCIPLINADA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES: quem legitima esses saberes?* Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. *O IDEÁRIO REPUBLICANO E A EDUCAÇÃO*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

OLIVEIRA Iranilson Buriti de. "Eu, CAÇADOR DE MIM": O INVENTÁRIO DOS (MEUS) DIAS. *Memorial para a promoção funcional para a Classe E - Professor Titular*. Campina Grande: UFCG, 2018. Texto não publicado.

PEIXOTO, Thayná Cavalcanti. *JOSÉ RODRIGUES DA COSTA: um tipógrafo na cidade da Parahyba. (1848-1866)*. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2017.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira & CURY, Cláudia Engler. *LEIS E REGULAMENTOS DA INSTRUÇÃO DA PARAÍBA NO PERÍODO IMPERIAL*. Brasília, DF MEC/ INEP; SBHE, 2004. (Coleção documentos da educação brasileira). CD- Room.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira & CURY, Cláudia Engler (orgs.). *HISTÓRIAS DA EDUCAÇÃO DA PARAÍBA: rememorar e comemorar*. João Pessoa, PB: Editora Universitária - UFPB, 2012 (Edição comemorativa dos 20 anos de HISTEDBR -PB).

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira & CURY Cláudia Engler. "Peter Burke: circulação e apropriação do seu pensamento na história da educação brasileira". In: MESQUITA, Ilka; CARVALHO, Rosana Areal; FARIA FILHO, Luciano Mendes. *NAS DOBRAS DE CLIO: história social e história da educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, p. 123-141.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. *MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR: instituições, saberes e conflitos*. João Pessoa: Editora do CCTA-UFPB, 2019.

SOUZA, Maria do Carmo Campello. *ESTADO E PARTIDOS POLÍTICOS NO BRASIL (1930 a 1964)*. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

TEIXEIRA, Mariana Marques. *“OLHA O PÚBLICO CANSADO DE ESPERAR, O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR!”: reflexões sobre as práticas educativas da Escola Piollin (1977-1984)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2012.

VIEIRA, Carlos Eduardo. *EXERCÍCIO DE ESCRITA DE SI: uma trajetória intelectual no âmbito do ensino e da pesquisa em história da educação. Memorial acadêmico para Professor Titular*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. Texto não publicado.



# PUBLICAÇÕES RELACIONADAS AO GHENO

## FONTES PUBLICADAS

FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA PARAÍBA IMPERIAL - DOCUMENTOS DIVERSOS - PARTE II (1861-1889).

*Organizado por Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, Cláudia Engler Cury e Mauricéia Ananias.*

*Jundiaí: SBHE; Paco Editorial, 2018. Recurso digital [formato ePUB - 2,02 Mb]. ISBN 9788546212804.*

IMPRESA E INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PARAHYBA DO NORTE (1858-1889).

*Organizado por Rose Mary de Souza Araújo e Thiago Oliveira de Souza.*

*Jundiaí: SBHE; Paco Editorial, 2018. Recurso digital [formato ePUB - 167 Mb]. ISBN 9788546212811.*

FONTES PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA PARAÍBA IMPERIAL - DOCUMENTOS DIVERSOS (1821-1860).

*Organizado por Cláudia Engler Cury, Mauricéia Ananias e Antonio Carlos Ferreira Pinheiro.*

*Vitória: SBHE; Virtual Livros, 2015, 177 p. ISBN 9788567757056.*

A INSTRUÇÃO PÚBLICA NA PARAHYBA DO NORTE: DISCURSOS, FALAS E RELATÓRIOS DE PRESIDENTES DA PROVÍNCIA (1837-1889).

*Organizado por Cristiano Ferronato.*

*Vitória: SBHE; EdUNIT; Virtual Livros, 2015, 515 p. ISBN 9788567757063.*

O ESTADO DA ARTE DA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL.

*Organizado por Surya Aaronovich Pombo de Barros.*

*Vitória: SBHE; Virtual Livros, 2015, 164 p. ISBN 9788567757070.*

LEIS E REGULAMENTOS DA INSTRUÇÃO DA PARAÍBA NO PERÍODO IMPERIAL.

*Organizado por Antonio Carlos Ferreira Pinheiro e Cláudia Engler Cury.*

*Brasília: INEP; SBHE, 2004, 174 p. CD-ROM.*



## DOSSIÊS ORGANIZADOS

PORTUGUESE STUDIES REVIEW. vol. 24, n. 2 - winter 2016/2017.  
Special Issue - "History of Education in the Americas and in Portugal  
in the 1800s: Schooling Processes and the Circulation of Ideas".  
Trent University, Ontario, Canadá.  
ISSN 1057-1515.  
Organizado por António Carlos Ferreira Pinheiro, Cláudia Engler  
Cury, Mauricéia Ananias e Carla Mary S. Oliveira.

SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA. n.º 33 - jul./ dez. 2015.  
Número Temático "O Oitocentos".  
PPGH/DH/UFPB, João Pessoa.  
ISSN 0104-8929/ e-ISSN 2317-6725.  
Organizado por Cláudia Engler Cury.

SÆCULUM - REVISTA DE HISTÓRIA. n.º 22 - jan./ jun. 2010.  
Dossiê "História e História da Educação".  
PPGH/DH/UFPB, João Pessoa.  
ISSN 0104-8929/ e-ISSN 2317-6725.  
Organizado por Cláudia Engler Cury e António Carlos Ferreira  
Pinheiro.

## COLETÂNEAS ORGANIZADAS

TEMAS SOBRE A INSTRUÇÃO NO BRASIL IMPERIAL (1822-1889). vol. II [e-Book].  
Organizado por Jean Carlo de Carvalho Costa, Mauricéia Ananias e  
Rose Mary de Souza Araújo.  
João Pessoa: Marca de Fantasia, 2014, 437 p.  
ISBN 9788567732077.

TEMAS SOBRE A INSTRUÇÃO NO BRASIL IMPERIAL (1822-1889). vol. I.  
Organizado por António Carlos Ferreira Pinheiro e Cristiano  
Ferronato.  
João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, 168 p.  
ISBN 9788577452408.

CULTURAS E SOCIABILIDADES NO OITOCENTOS: POSSIBILIDADES DE PESQUISA.  
Organizado por Cláudia Engler Cury e Solange Pereira da Rocha.  
João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2011, 152 p.  
ISBN 9788577458806.

MÚLTIPLAS VISÕES: CULTURA HISTÓRICA NO OITOCENTOS.  
Anais do I Encontro de História do Império Brasileiro  
Organizado por Cláudia Engler Cury e Serioja Mariano.  
João Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 2009, 228 p.  
ISBN 9788577454044.



*Os textos e imagens publicados neste livro são de inteira  
responsabilidade de seus autores.  
As opiniões neles emitidas não exprimem, necessariamente,  
o ponto de vista da Editora do CCTA-UFPB  
ou da Universidade Federal da Paraíba.*

*Este livro foi impresso na cidade de João Pessoa,  
capital do Estado da Paraíba,  
no litoral da região Nordeste da República Federativa do Brasil,  
para a Editora do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da  
Universidade Federal da Paraíba - CCTA-UFPB,  
em papel Pólen 90g/m<sup>2</sup> [miolo] e papel Supremo 250g/m<sup>2</sup> [capa],  
com tiragem de 100 exemplares, em setembro de 2020.  
Sua editoração utilizou o software Adobe InDesign.  
O corpo do texto foi composto com a fonte Lucida Handwriting.*



*Cláudia Engler Cury é historiadora, cientista social e doutora em Educação, Cultura e Sociedade pela UNICAMP.*

*Professora Titular da Universidade Federal da Paraíba, atua como docente junto ao Departamento de História desde 2003 e nos Programas de Pós-Graduação em História e Educação da mesma instituição como docente permanente. Membro da SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO - SBHE, participou de sua Diretoria como Tesoureira nos biênios 2013-2015 e 2015-2017.*

*Atua como Editora Responsável pela RBHE - REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, desde o biênio 2017-2019 e permanece na mesma função no biênio 2019-2021.*

*Participou da fundação e partilha a coordenação do GHENO - GRUPO DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO NORDESTE OITOCENTISTA, vinculado ao PPGH-UEPB, junto ao qual desenvolve investigações sobre a Instrução Pública na Paraíba imperial.*

*Embora o Memorial seja um gênero literário conhecido, especialmente entre diplomatas, escritores, contadores e pleiteantes a cargos no serviço público e vagas na iniciativa privada, pouco dele se utiliza no cotidiano universitário, considerando outros estilos mais frequentes, tais como a dissertação, o ensaio, a crônica e o relatório. [...]*

*Feito com primor estético - a encadernação, a tipologia das fontes, as ilustrações, a argúcia vernacular -, cuidado ético - as pessoas, os lugares, as experiências, os conceitos, os sonhos -, e rigor científico - a formatação, as notas, as remissões, as referências, os apports, o Memorial Acadêmico da professora e pesquisadora Cláudia Engler Cury não foge aos preceitos de outrora e às iluminações de agora. Nem àqueles deveras conhecidos ditames da razão, nem às recentes seduções da afetividade.*

*Raimundo Barroso Cordeiro Jr.  
outubro de 2019.*

ISBN 978-65-5621-091-9



9 786556 210919